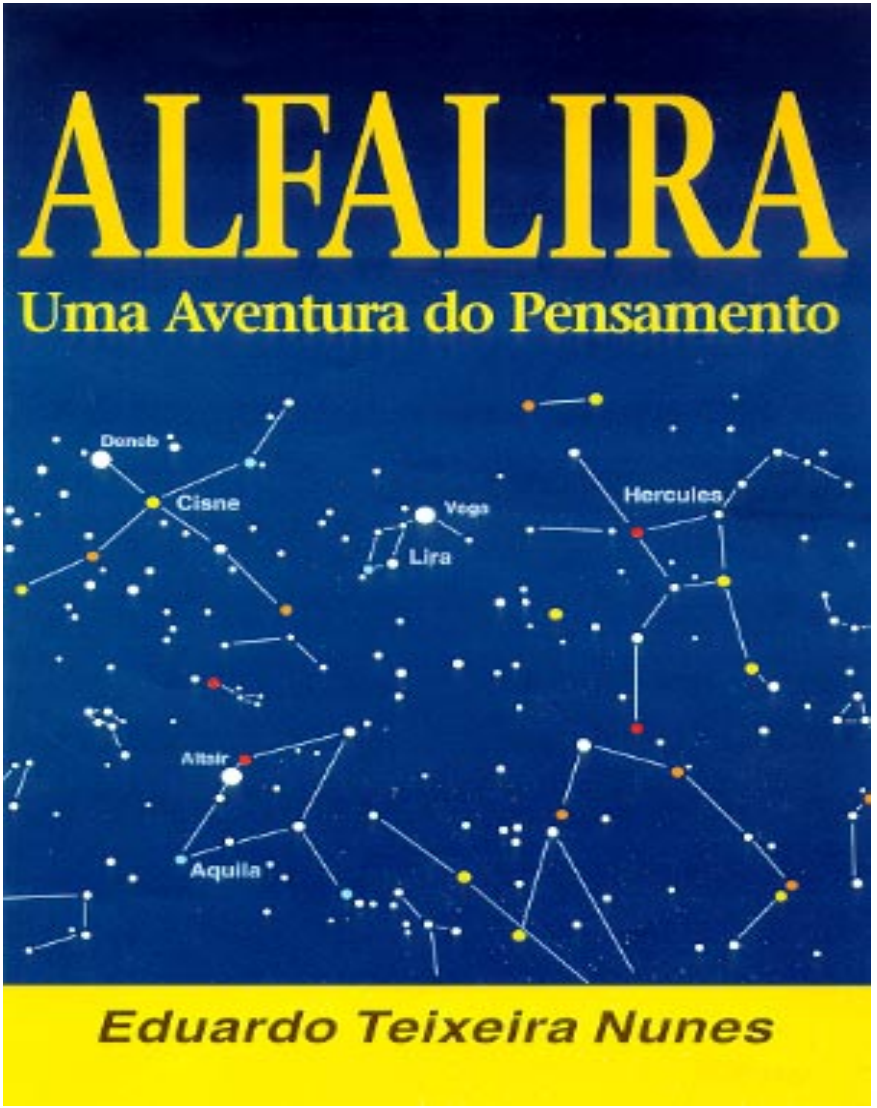
© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

MANUSEANDO ESTE LIVRO COM FACILIDADE

Nossos livros são especialmente preparados para que cada página ocupe a tela inteira de um monitor padrão, eliminando ou minimizando a necessidade do uso da barra de rolagem para sua total visualização. Você obterá melhores resultados utilizando o modo Página Inteira, que é o primeiro Ícone de Página no canto superior esquerdo da Barra de Ferramentas. Se o texto for exibido de forma irregular, aumente o Controle de Zoom até obter um resultado satisfatório.

Este livro também contém um Índice vinculado que pode ser lido clicando no segundo Ícone de Página no canto superior esquerdo da Barra de Ferramentas. Além dos recursos normais do Adobe Reader que permitem a movimentação entre páginas, foi incluído um botão Dois Golfinhos no rodapé de cada página. Clique neste botão para avançar para a página seguinte. Para obter informações mais detalhadas sobre a configuração das Preferências de Leitura e sobre como se movimentar entre as páginas de um documento PDF, consulte o menu Ajuda.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™



Versão Adobe PDF publicada por
Tara Communications Centre Inc.
Brampton, Ontario, Canada
© Copyright 1997 Tara Communications Centre Inc.
Todos os direitos reservados.

Este livro não pode, no todo ou em parte, ser reproduzido, transmitido, republicado ou duplicado de qualquer modo ou por qualquer outro meio sem a expressa autorização por escrito da Tara Communications Centre Inc., exceto no caso de citações curtas utilizadas em resenhas redigidas especificamente para publicação em revistas ou jornais. As matérias, artigos e informações contidas nestas reportagens não necessariamente refletem as opiniões, orientação editorial ou posições da Tara Communications Centre, Inc., mas apenas as do autor ou autores destas matérias, artigos e informações.

ISBN 1-55226-089-5

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

© Copyright 1993 Eduardo Teixeira Nunes

Todos os direitos reservados pelo autor.

Capa : Simoni da Costa Ferrara

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

© 1997 Tara Publications ™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Para Jacqueline

Der ist der gluecklichste Mensch, der das Ende seines Lebens mit dem Anfang in Verbindung setzen kann.

Goethe
Maximen und Reflexionen

(O mais feliz dos homens é aquele que sabe estabelecer a relação entre o fim e o início de sua vida.)

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

NOTA DO AUTOR

A idéia central de Alfalira me ocorreu em meados de 1985 e desde então não mais me abandonou. Tornou-se uma daquelas idéias insistentes, que segundo Machado de Assis são como as moscas: a gente espanta, espanta mas elas persistem, circundam e tornam a pousar em nosso pensamento. Passei então a imaginar como seria um mundo no qual a forma predominante de comunicação fosse a mental.

Não foi um trabalho dos mais simples. Mesmo nos momentos e situações mais inconvenientes, dentro do chuveiro ou dirigindo em meio ao trânsito por exemplo (e invariavelmente demorando demais no banho ou chegando onde não desejava ir) lá estava eu a sonhar acordado, imaginando quais seriam as consequências advindas da telepatia e que modificações ela traria para o mundo tal como o conhecemos hoje.

Alfalira portanto é o resultado de dez anos de trabalho, que não se resumem à pesquisa e redação (completadas em 1993) mas também compreendem as inúmeras revisões e edições do texto feitas nos dois anos subsequentes.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Quero expressar aqui minha gratidão, reconhecimento e admiração por todas as pessoas que, no curso destes longos anos, colaboraram das mais variadas formas para com a concepção, redação, revisão, edição, diagramação, paginação e publicação de Alfalira.

O esforço, a dedicação e sobretudo a paciência de cada uma delas transparece em cada parágrafo deste livro, de forma anônima (embora nem sempre imperceptível) para o leitor, mas deixando para sempre uma marca indelével e emocionada no autor.

São Paulo, novembro de 1996

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

A fina garoa daquela manhã cinzenta podia ser considerada apropriada para o evento: caindo bem de mansinho, dava um toque lentamente aveludado ao ar e servia como pano de fundo para a tristeza geral, sincera e genuinamente ostentada pelos presentes ao enterro. As alamedas do cemitério absorviam a luz difusa do dia, filtrada pelo baixo teto carregado de cinza que ameaçava desabar em chuva. As flores depositadas em uma ou outra sepultura afortunada pela lembrança de alguém, assim como a grama que crescia entre os paralelepípedos daquele antigo e agora raramente utilizado cemitério, aceitavam bem a garoa. Somente os bem-te-vis quebravam o silêncio, saudando a passagem do féretro com seu eterno diálogo:

"Bem-te-viii!... Estou aqui!... A-quiii... Já-te-vi!... Bem-te-viii!..."

Coberto de crisântemos brancos, o carro que levava o esquife seguia lentamente, ladeado pelos filhos e seguido um pouco mais atrás pelas esposas, agora órfãos e viúvas, e acompanhado de perto pelos amigos e colegas de trabalho mais próximos. As viúvas, todas grandes amigas, caminhavam de braços dados consolando-se umas às outras pela perda do marido com gestos e olhares nos quais transparecia a inequívoca expressão da dor. Uma repentina lufada de vento varreu das alamedas do cemitério as folhas secas, conseguiu arrancar várias pétalas das

flores de cima do esquife e quase leva o lenço do Cardeal, que assoava repetidamente o nariz.

O rígido protocolo que regia os serviços fúnebres de caráter oficial seria aplicado à risca. Nenhuma espécie de comunicação entre os participantes, especialmente a mental, poderia ser percebida durante a cerimônia, pois o ritual do discurso oral da autoridade religiosa seria devidamente praticado naquela ocasião. Isso tornava evidente a importância do defunto, pois todo o peso da tradição, representada ali em pessoa pelos mais importantes membros da sociedade, identificava-o como tendo sido um deles.

Somente os altos dignitários do planeta mereciam a honra de ser enterrados, gozando de repouso eterno sob uma lápide: os mortais comuns eram apenas cremados. A inscrição já estava pronta, e seus únicos dizeres eram : LEON STEIN ★ 23 de Abril de 2375 † 30 de Setembro de 2527. O Cardeal em pessoa presidiria o serviço religioso, encarregando-se da oração e do discurso oral. Pelo menos um dos membros de cada Conselho Continental, para não mencionar os dos Conselhos Locais e Regionais, tinha vindo homenagear o falecido. Até mesmo o Conselho Central estava representado. O poderoso Hari Tahn, o Conselheiro de Energia, Mila Schuch, do Conselho de Saúde, Mateus

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Rosa, do Conselho de Produção e Lin Seng em pessoa, o Conselheiro de Estética, eram alguns dos altos dignitários presentes.

O corpo foi colocado sobre a sepultura e enquanto os participantes da cerimônia se posicionavam para ouvir as palavras do Cardeal, outros seres vieram juntar-se a eles no último adeus ao grande Conselheiro: aos poucos alguns grupos de pardais e sabiás aproximavam-se, dividindo os galhos mais próximos com os bem-te-vis e um incansável beija-flor, que haviam sido os primeiros a chegar. Bandos de andorinhas e periquitos chegaram fazendo silenciosas evoluções acrobáticas no ar, voando em formação sobre a cerimônia e dando um toque menos funéreo ao acontecimento. Alguns gatos, esgueirando-se entre as pernas das pessoas, tomavam seus lugares na primeira fila, indiferentes aos cães de uma das viúvas e aos diversos esquilos que habitavam as redondezas.

De súbito a garoa cessou e um interstício no tecido de nuvens permitiu que alguns raios de sol viessem iluminar os últimos momentos de Leon sobre a terra. O Cardeal pigarreou, e segurando com ambas as mãos seu livrinho preto acima da proeminente barriga, levantou o queixo aos céus e começou: “Não é uma...” A voz quase não saiu audível, pois suas cordas vocais ressentiam-se da falta de uso.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Pigarreou novamente, tomou um bom fôlego e empostando a voz, retomou a fala:

"Não é uma tarefa fácil a de dizer algumas palavras sobre nosso querido irmão, que ora nos deixa, que ainda não seja do conhecimento de todos os presentes, tanto em corpo físico quanto emocional e mental. Todos sabemos quão difícil teria sido a tarefa de tornar o mundo em que vivemos melhor, mais humano e digno de nossos descendentes sem a sua inestimável colaboração. Não acredito que estaria sendo exagerado se dissesse que o trabalho dele foi determinante, fundamental mesmo para a evolução de todo processo de nosso desenvolvimento mental — e por conseguinte, moral e social. Tenho a convicção de que nosso saudoso Leon passará à história por isso. Não àquela história pequena, que trata apenas da sucessão comezinha dos fatos, mas à grande história das idéias, do progresso do homem enquanto animal pensante.

"Devemos lembrar que quando ele veio a este mundo, nos idos de 2375, tudo era diferente. Evidentemente é de se esperar que em um século e meio muitas coisas mudem, mas se olharmos para os primórdios da evolução mental da humanidade, especialmente no período compreendido entre os séculos XX e XXIV, veremos que pouca

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

coisa mudou. Há apenas cem anos vivíamos ainda vivíamos sob o estigma de uma concepção da mente humana que considerava a idéia da universalidade mental como um crime. Apesar de ter sido um grande passo adiante em relação ao homem primitivo do século XIX, ao final do século XX a recém-nascida consciência do poder da mente humana ainda estava presa à noção da individuação, e de maneira geral permaneceu como tal até pouco tempo atrás. Levamos quatrocentos anos para perceber quão prejudicial foi — não digo para o brilho apenas, mas para o próprio desenvolvimento de nossa civilização — essa circunscrição do processo mais adiantado de mentalização aos estreitos limites do indivíduo.

"Naquela época vivíamos totalmente dependentes de sistemas de comunicação defeituosos, imperfeitos, que nunca conseguiam tornar claro para os outros aquilo que precisávamos transmitir exatamente. Foi através do trabalho primordial de ampliação dos horizontes do poderio mental da espécie humana, efetivamente iniciado no século XX, que a imperfeição inata à linguagem começou a dar lugar à comunicação direta entre consciências. No princípio era o verbo, dizem os palimptextos sagrados. Naquele momento a humanidade passava do uso do verbo como instrumento de comunicação para a

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

imediaticidade do contato mental. Acabara de abandonar o estágio primitivo e iniciava o doloroso, sim, mas imprescindível processo de desenvolvimento da consciência em direção à unificação. A humanidade caminhava para tornar-se a consciência do mundo, sua voz, visão e audição; caminhava para ser os sentidos de nosso planeta, sem os quais nossa Terra jamais teria se tornado Um conosco. Passamos então de pobres indivíduos, habitantes de países diversos e encerrados no egoísmo das práticas comerciais elementares, à condição superior de filhos da mesma mãe, irmãos em consciência.

"Pouco a pouco nossas fronteiras políticas, assim como as econômicas, foram se tornando anacrônicas e por fim acabaram sendo abolidas. Mas naquele período inicial nossas mentes só entravam em contato direto com as de nossos entes mais queridos, na intimidade de nossos lares e de nossas famílias, e na infância da comunicação mental o contato de consciências entre estranhos chegou a ser considerado um grave crime: o de violação da privacidade alheia. Aos olhos da lei, violar uma mulher e ler-lhe os pensamentos eram crimes equivalentes. A própria lei dependia na maioria das vezes da subjetividade, por definição imperfeita, de um juiz. Não é preciso lembrar quanto tempo perdemos, o quanto deixamos de realizar em

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

termos de progresso e — sobretudo — quantas injustiças foram cometidas devido à institucionalização de tais absurdos.

"Não quero desmerecer esta etapa no desenvolvimento da utilização de nossos poderes mentais, apesar de pessoalmente partilhar da opinião, hoje generalizada, que a considera como tendo sido excessivamente longa. Sem dúvida alguma seu advento foi um espantoso progresso em relação ao homem médio do final do século XX, que utilizava apenas uma pequena fração de seu poderio mental. Para esse homem, que não conhecia a comunicação direta entre duas mentes a não ser pela faculdade da linguagem, para esse homem que na verdade não conhecia nem mesmo a si próprio, o surgimento dos primeiros seres capazes de realizar um trabalho mental mais abrangente significou um progresso fantástico. Foram as primeiras velas a iluminar a noite do inconsciente, e a intensidade de sua luz poderia ter permanecido ainda fraca por mais de cinco séculos se nosso querido Leon não tivesse lançado as bases daquilo que conhecemos hoje por Consciência Universal.

"Foi graças a este homem, de quem nos despedimos neste momento com enorme pesar, que conseguimos nos livrar do império do arbítrio. A ele devemos o passo gigantesco da unificação de nossas mentes,

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

sem prejuízo de nossa individualidade, em favor da administração do progresso de nossa coletividade. Sim, sem dúvida estamos aqui diante de um grande homem. Seu trabalho tornou-o digno de ser lembrado como um daqueles homens sem os quais não podemos nos referir à história da humanidade sem diminuí-la, trabalho esse que faz com que seus passos, como dizia o poeta, ecoem eternamente nos corredores do tempo...”

Subitamente faltou voz ao cardeal. Trouxeram-lhe água, que bebeu devagar, recuperando aos poucos a emissão perdida. Também ele já ia avançando em idade, e mesmo os progressos feitos no campo da regeneração celular não conseguiam impedir que o tempo, aliado ao pouco uso feito das cordas vocais, lhe pregasse peças como aquela. Seus cento e cinqüenta anos pesavam-lhe ainda mais devido à enorme tristeza pela perda do amigo, e a tarefa de oficiar seu sepultamento, apesar de ser uma honra da qual não declinaria sob circunstância alguma, tornava-se justamente por isso ainda mais pesada. Recuperou-se em alguns momentos e continuou:

“Quantos de nós — ainda hoje! — muitas vezes não somos subjugados pela condescendência, pela indulgência no trato com os outros? Quantos de nós freqüentemente deixamos de nos mirar no

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

exemplo deste que sem sombra de dúvida foi um homem fora do comum mas nunca deixou de se considerar, qualquer que fosse a circunstância, apenas como mais um membro da comunidade? Todos aqui sabem que fui um dos privilegiados que compartilharam de sua amizade durante mais de cem anos, e posso com toda certeza afirmar que nunca, durante todo esse tempo em que convivemos, jamais presenciei ou soube que Leon tivesse prevalecido de seu próprio mérito para subjugar a argumentação de um oponente. Nunca ele deixou que a importância de seu passado preponderasse sobre alguém, e retomando o fio da meada, acredito que sua grandeza maior residiu justamente nessa particularidade de seu caráter, na imensa elegância — que sempre lhe foi própria — de considerar a todos, mesmo seus mais tenazes oponentes, como seus pares.

"Quantos de nós ainda temos na memória que antes do advento da Consciência Universal vivíamos tiranizados sob o peso de instituições que em virtude de sua própria natureza histórica não conseguiam dar conta da coisa pública a não ser em pequena escala, através da compartimentação das atividades e da limitação míope das especializações, de modo que os especialistas nunca tinham uma idéia precisa do todo para o qual contribuíam, nem os administradores

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

sabiam exatamente do que era composta essa totalidade que tentavam coordenar numa ação conjunta? Quantos de nós ainda nos lembramos das injustiças cometidas pelas próprias instituições encarregadas de suprimi-las? Quantos ainda carregamos em nossas consciências a dor de termos sido obrigados a conviver com contradições como essa, sem ter tido o alívio de colaborar para apressar o fim deste estado de coisas antes do advento do trabalho deste de quem nos despedimos aqui e agora? Justamente ele, que mudou radicalmente nosso conceito de vida em comum, recusava-se a dispor da honra que lhe era justamente devida, seja no trato da coisa pública, seja no simples processo de discussão de uma idéia. Homem singular, esse Leon Stein...

"Graças a ele o que chamávamos então de Estado, aquele aglomerado de idéias, algumas boas, outras nem tanto; dirigido por um aglomerado de pessoas, umas poucas boas, a maioria nem tanto e algumas outras péssimas; e que conseguia alguns bons resultados, outros nem tanto, a maioria péssimos; esse Leviatã de papel, esse monstro computadorizado que nos habituáramos a considerar um mal necessário, esse viveiro da má consciência, esse berçário das finalidades escusas disfarçadas em nobres iniciativas ao qual todos tínhamos o dever de nos submeter, foi extinto. Conseguimos substituir

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

aquele amontoado de imperfeições materiais e ideológicas (o cardeal gostava de palavras antigas) pela universalização da consciência. Hoje, graças a Leon Stein, nosso mundo é administrado pelo Conselho Central, que delibera sobre as questões trazidas a ele pelos Conselhos Continentais, aos quais se reportam os Conselhos Regionais, por sua vez depositários dos Conselhos Locais.

"Graças a ele pusemos fim à iniqüidade. Conseguimos acabar com os massacres de milhares de seres humanos por motivos fúteis como cores num pedaço de pano, a crença em tal ou qual Deus ou escusos interesses políticos e econômicos revestidos por simulacros conceituais tais como 'soberania nacional' ou 'razões de estado' ou ainda 'dignidade do povo'. Conseguimos realizar a proeza de eliminar a má fé, banir definitivamente da administração pública os predadores, manter fora dela de maneira permanente os oportunistas, os arrivistas, os sedentos de poder e auto-promoção. Passamos a adotar o critério ético para a escolha de nossos conselheiros, e quero referir-me aqui à verdadeira ética, aquela que vive na consciência — e não apenas na retórica.

"Hoje somos membros de uma civilização planetária, e embora ainda mantenhamos nossas identidades regionais, caraterísticas das províncias onde nascemos e vivemos, nos tornamos cada vez mais

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

convictos de que o centro do mundo é onde estamos aqui e agora — o vilarejo de nossa infância é ao mesmo tempo o mundo como um todo, unificado mas descentralizado. Todos os seus membros estão interligados pela Consciência Universal, pelo conjunto das mentes de todos os habitantes. Realizamos o feito de transformar o provinciano no cosmopolita, nosso berço natal na grande metrópole, mantendo suas qualidades e eliminando seus defeitos.

"Por isso nunca mais nos arvoraremos a dispor da vida de um ser humano com a displicência com a qual costumava-se carimbar uma folha de papel; nunca mais uma causa será julgada por uma única pessoa, sujeita às pressões dos interesses mais poderosamente representados; nunca mais se deliberará sobre questões primordiais para a coletividade sob o crivo dos interesses do Estado, na maioria das vezes contrários aos da população. Nunca mais a diversidade das idéias será punida, a divergência de opiniões condenada ao ostracismo, o diferente, o fora do normal condenado à exclusão, a expressão do novo condenada ao silêncio. Nossas crianças hoje são educadas sem a antiga opressão da necessidade, da injustiça e da fome. Olhar para trás, para a vida de nossos ancestrais tal como era antes do advento da Consciência Universal tem provado ser a mais eficaz pedagogia,

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

aquela que é capaz de formar cidadãos conscientes dos erros do passado e — justamente por isso — empenhados na construção de um futuro definitivamente livre deles.

"Tudo isso devemos a ele. Graças a Leon nosso mundo é mais justo, mais livre, mais simples e organizado — e sobretudo mais feliz — do que jamais foi. Resta-nos a esperança de que os resultados de seu trabalho sejam recebidos pelas gerações futuras como o legado que nossa geração lhes confere para ser cuidado, se possível ampliado e por sua vez transmitido aos seus descendentes e assim sucessivamente. Por estes motivos acredito que sua memória ficará não apenas nos corações daqueles que tiveram, assim como nós, o privilégio de conviver com ele, mas também nas mentes de todos os que ainda estão por vir, que saberão um dia que sem o brilhante trabalho de Leon Stein o próprio ato de pensar seria diferente, e portanto nossas mentes seriam diferentes, enfim o mundo seria outro. Sim, o mundo sem Leon Stein teria sido outro. Em nome de todos os habitantes deste planeta, sinto que é meu dever dizer a nosso amigo que se vai estas últimas palavras : Obrigado, Leon, por ter existido."

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Onde estou?>

<Você está em Preparação.>

<O que? Quem é você?>

<Sou Apolodoro, seu guia enquanto estiver sendo preparado.>

<Preparado? Para que?>

<Para assumir suas novas funções, Leon.>

<Como sabe meu nome? E que novas funções...? >

<É justamente por isso, meu caro, que chamamos esta fase de Preparação. Assim que estiver a par daquilo que é considerado básico, será levado à presença do Conselho.>

<Mas eu sou do Conselho! Ou era...>

<Justamente, era membro do Conselho Planetário até o dia de sua morte. Depois de preparado, assumirá sua cadeira no Conselho Galáctico.>

<Conselho Galáctico? Morte?>

<Isso mesmo, Leon. No começo a idéia parece esquisita, mas você se acostumará. A partir de agora tem início uma nova existência para você. Nossa tarefa é justamente a de pô-lo a par de tudo. Vida nova, Conselho novo.>

<Pelo que sei, minha existência não é tão nova assim. Lembro-me

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

de que adormeci no sofá de minha casa, descansando um pouco depois do almoço.>

<Sua passagem de fato foi tranqüila. Logo se acostumará a essa leveza, que é própria da ausência de matéria. Enquanto isso, quero aproveitar a oportunidade para esclarecer suas primeiras dúvidas.>

<Bem, você talvez saiba de minhas dúvidas quanto à chamada vida após a morte, consideradas por muitos como ceticismo puro. Mas se de fato morri, como é que estou aqui a falar com você?>

<Confesso que estou decepcionado com você, meu caro. A memória do grande Leon Stein, presidente do Conselho Terrestre, não é digna de uma pergunta dessas.>

<Está bem, está bem. Então existe mesmo vida após a morte.>

<Posto que aqui estamos...>

<Queira me desculpar. Suponho que velhos hábitos como o ceticismo e a dúvida sejam difíceis de se erradicar. Eis aí um tema sobre o qual ouvimos muitas conjecturas, mas apesar de tudo nunca conseguiram me convencer de que era mais do que um sistema — por vezes coerente, reconheço — de idéias.>

<Esta me parece ser uma afirmação no mínimo curiosa para alguém que se tornou famoso justamente pela habilidade em transformar idéias em realidade...>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<De fato. Mas por favor, não me peça para explicá-la. Prefiro ouvir mais sobre esse Conselho Galáctico.>

<Claro. O Conselho Galáctico está para o Conselho Planetário assim como aquilo que você costumava chamar em seu planeta de Conselho Central estava para o Regional.>

<Então fui promovido?>

<Pode chamar assim por enquanto. Se tudo correr bem como esperamos, logo você será um de nós, um Aeda. Receberá um novo nome na Cerimônia de Aceitação, quando passará oficialmente a fazer parte do Conselho.>

<Não sou mais Leon Stein?>

<Leon Stein foi enterrado e passou à História terrestre como um de seus mais importantes membros. Sua atuação em diversas fases da vida do planeta chamou nossa atenção, e depois de muitas reuniões para a avaliação da lista de possíveis candidatos a nosso círculo, que costumamos chamar de Endon Meson, decidimos torná-lo um dos Adelphos Aedas — um dos membros do Conselho Galáctico.>

<Sinto-me honrado, apesar de não saber nada a respeito.>

<É compreensível. Mesmo tendo sido selecionado entre milhões de possíveis escolhidos dentre os mundos habitados da Galáxia, o que por si só já é significativo...>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Milhões de mundos...? Mas como...?>

<Não deve ser difícil para o fundador da Consciência Universal terrestre, que de Universal tem apenas o nome, pois de fato é Planetária, imaginar a estrutura de funcionamento de uma Consciência Galáctica.>

<Veja lá como fala comigo — ou não se respeita mais nem mesmo os mortos? Está me dizendo que a Consciência Universal, ou Planetária, já existe e em escala galáctica?>

<Sim, de certa forma. Mais precisamente, o que chamamos de Planos Concêntricos de Consciência compreende, em ordem crescente de abrangência: Consciência Planetária, Galáctica, Universal e por fim, Dimensional. Você acaba de passar da primeira para a segunda.>

<Mas por que eu, dentre tantos milhões?>

<Pergunta digna de um Aeda. Quando puder respondê-la, estará preparado.>

<Com todos os diabos!>

<Nada de blasfêmias, meu caro. Suas esposas não estão mais aqui, lembre-se.>

<É... vou sentir saudades. Delas e de mim também. Apolodoro, onde está meu corpo?>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Já disse, enterrado.>

<E... vou receber outro?>

<Corpos ficam restritos a planetas. Você agora é um Aeda.>

<E daí?>

<Pode-se dizer que seu planeta é a Galáxia.>

<Mas que...>

<Digamos assim: seu corpo atual é sua consciência energe-ticamente potenciada, e vice-versa. Isto significa que de agora em diante você é energia.>

<Hum. Começo a entender a necessidade de uma preparação.>

<Ótimo. Talvez agora possamos começar a trabalhar de verdade.>

<Vamos ver se entendi bem: o Conselho Galáctico se subordina ao Universal, que por sua vez responde ao Dimensional?>

<Subordinar e responder não são bem os termos mais apropriados para definir a relação, mas servem por enquanto. Grosso modo você está certo.>

<E por que o Conselho Planetário, digamos o da Terra, que conheço bem, não se relaciona com o Conselho Galáctico?>

<Outra pergunta digna de um Aeda. Seu Conselho Central terrestre está sendo preparado para entrar em contacto com a divisão do

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Conselho Galáctico que administra seu Sistema Solar.>

<Pelo menos enquanto estive lá nunca soube da existência de nenhum outro Conselho.>

<Talvez você possa fazer algo a respeito — depois de sua nomeação, claro.>

<Como?>

<O Conselho Galáctico quase sempre é favorável à adesão de novos Conselhos Planetários, e neste caso em particular tenho certeza de que a proposta seria bem recebida.>

<Muito bem, suponhamos que a proposta tenha sido feita e aprovada. Qual seria o próximo passo?>

<No que se refere a você, presumo que seria o de conhecer as experiências de contatos com Conselhos Planetários já realizadas pelo Conselho Galáctico, especialmente as que foram mal sucedidas. Em seguida, baseando-se nelas e na sua experiência, propor um plano de ação e — claro, caso seja aprovado — executá-lo.>

<Faz sentido. Não difere muito de nossos próprios procedimentos.>

<Com toda a sua experiência de conselheiro-chefe do Conselho Planetário terrestre você pode certamente compreender isto. Mas vamos dar início ao processo de preparação propriamente dito. Uma

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

de nossas principais tarefas será a de tornar claro o porque de ter sido você o escolhido e não um dos outros, respondendo à sua pergunta inicial.>

<Ainda custo a acreditar que fui o melhor entre — milhões, você disse? — de mundos, escolhidos entre outros tantos milhares de sistemas solares de não sei quantas galáxias...>

<Você tem uma qualidade essencial e muito rara, que foi determinante nessa escolha.>

<E posso saber qual é?>

<Normalmente um escolhido encontra a resposta em suas próprias existências anteriores. No seu caso, dada a sua prévia experiência neste campo durante sua vida no planeta, acreditamos que não será difícil para você esclarecer esta questão.>

<Quer dizer que não vai me responder?>

<Não agora. Seria prematuro. Digamos... digamos que você possui uma consciência centrada, algo assim como o olho do furacão.>

<E é isso que devo buscar — a imobilidade no centro de um turbilhão?>

<Também. Talvez paz fosse o termo mais apropriado. De qualquer forma, convém não se ater muito a detalhes específicos demais para o

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

momento, o que no meu entender requereria uma visão mais ampla e generalizada. O que faremos é observar o processo de constituição de sua consciência ao longo do tempo ao revisitar algumas de suas vidas pregressas, que são consideradas como particularmente significativas para esse propósito.>

<Vidas pregressas... Não sei porque nunca consegui me imaginar como um produto da teoria da reencarnação.>

<Não se trata apenas de uma teoria, meu caro. A coisa toda é bem mais real e plausível do que você pensa.>

<Considerávamos nossos métodos de regressão bastante desenvolvidos. Você certamente está a par do fato de que na Terra esse conhecimento era tido como pré-condição para a admissão ao Conselho Planetário.>

<De fato estou sim, apesar do especial esforço de imaginação requerido para compreender como você, com todo esse seu ceticismo, chegou a ser admitido. No entanto existem diferenças. Aqui, ao invés de marcarmos nossa posição relativa no tempo e no espaço, como acontece numa regressão tal como é concebida em seu planeta — em virtude de seu próprio conceito de recuperação de uma memória deixada para trás — vamos nos colocar na posição não de recordar o

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

passado, mas sim de observá-lo enquanto acontece, o que é bem diferente.>

<Como?>

<Estando presentes lá, no momento mesmo em que ele se desenrola.>

<Acho que não estou entendendo.>

<Certamente que não, e nem esperamos isso de você neste momento. Para tanto é preciso que se acostume com o real conceito de tempo. Você verá que o tempo só existe para organismos biologicamente vivos. Para nós só a eternidade, meu caro. Temos de nos contentar com ela. Isso significa que não poderemos mais nos dar ao luxo de depositar esperanças num futuro, próximo ou distante, inserido nessa dimensão temporal. Nosso trabalho é realizar, e se para isso for necessário estar em diferentes lugares no espaço em diversas datas no tempo, temos a obrigação de fazer-nos presentes onde e quando seja preciso.>

<Mas como isso é possível, Apolodoro?>

<Somos consciências em ação, Leon. O tempo como parte de uma consciência é um tempo nivelado, não é mais tempo: só há tempo se passado, presente e futuro nunca estão completamente constituídos. Essa incompletude que lhe é inerente possibilita nosso trabalho, pois nos mantemos nesta dimensão nivelada.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Quer dizer que estamos fora do tempo?>

<Mais ou menos isso. A noção de tempo não é um objeto de nosso saber, mas uma dimensão na qual nosso ser pode se encontrar. Uma consciência que o domine e o abarque destrói o fenômeno do tempo. Assim, nós Aedas permanecemos numa dimensão outra que a temporal — o que entretanto não nos impede de voltar a ela se necessário.>

<Mas o que é o tempo, afinal?>

<Digamos que ele não seja a multiplicidade de eventos ligados uns aos outros, mas sim um único fenômeno de escoamento. Em suma, tempo é movimento.>

<Um movimento do passado em direção ao futuro.>

<Essa é a concepção tradicional. Na verdade, passado e futuro não existem em si, mas apenas quando uma subjetividade vem quebrar a plenitude deste em-si, ou seja, dar-lhe uma perspectiva. A posição do observador determina o sentido do escoamento. Quando fazemos isto introduzimos algo que não existia até então: assim, passado e futuro passam a existir quando me dirijo a eles.>

<Mas essa perspectiva que introduzimos é aquela de nosso presente. Nesse caso estaríamos tratando apenas de movimentação entre presentes distintos.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Correto. A eternidade é o aqui e o agora, e não o incomensurável do futuro ou passado, que não passam de abstrações.>

<Ainda acho difícil pensar nisso.>

<A passagem de um presente a outro presente não se pensa como um objeto exterior a nós — efetua-se, apenas. Estou no presente que virá, assim como no que já passou. O tempo sou eu, um tempo que dura, sem escoar ou mudar.>

<Como pode o tempo ser alguém?>

<Quando dizemos que o tempo somos nós, estamos afirmando que as dimensões temporais exprimem o desencadeamento de uma subjetividade. É necessário compreender o tempo como sujeito e o sujeito como tempo. No entanto a subjetividade não está no tempo, mas se confunde com ele na coesão de uma vida: o presente. É ele que nos dá a eternidade, que é a zona onde o ser e a consciência coincidem. Vivemos fora da dimensão do tempo porque ser e consciência estão unificados; descemos, por assim dizer, às dimensões temporais escolhidas de acordo com nossos propósitos, de acordo com os desígnios da experiência comum do Conselho. Temos o tempo a nosso dispor e presente em nós mesmos porque somos membros do Conselho.>

<Quer dizer que podemos visitar qualquer ponto que quisermos no tempo e no espaço?>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Desde, é claro, que sua vontade seja a do Conselho.>

<Interessante.>

<Oportunamente você perceberá que isso é bem mais do que apenas interessante. Mas cuidado: nesse trabalho nunca tiramos férias nem viajamos a lazer, Leon. Nada realizamos com a simples motivação de nossa curiosidade pessoal. Estamos sempre a serviço do Conselho.>

<Sim, claro. A propósito: pode minha vontade ser oposta à do Conselho?>

<A simples vontade pode — embora sejam raros os casos — mas a ação não. Toda ação é objeto de consenso, e tenho certeza de que você compreende as razões para o caráter imperativo dessa necessidade.>

<Como você sabe, fui presidente do Conselho.>

<Sei. Deixe-me apresentar-lhe uma colega nossa que poderá ajudá-lo muito nas primeiras passagens temporais. Esta é Mnemosyne.>

<Sim, Apolodoro.>

<Este é Leon Stein.>

<É uma honra verdadeira conhecer o famoso presidente do Conselho Terrestre.>

<O privilégio é meu, hã... madame.>

<Obrigada. Não é exatamente a saudação usada entre nós, mas

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

isso virá, por assim dizer, com o tempo.>

<Isso é uma piada?>

<O humor agrada a nós Aedas. No entanto nossa tarefa agora é a de instruí-lo no uso de seus novos atributos, aos quais você naturalmente ainda não se acostumou. Durante as primeiras vezes sugiro que seja totalmente passivo.>

<Não tenho a menor idéia de como poderia ser ativo.>

<Logo compreenderá, Leon, que a ação independe do intelecto tal como é concebido em seu planeta.>

<Ah, meu caro Apolodoro! Espero que vocês não me façam passar pela provação de discutir razão e intelecto. Sempre achei os homens do século XVIII superiores a nós, pobres mortais do segundo milênio, inaptos para essas questões intrincadas.>

<Quem é o humorista agora? Deixe que Mnemosyne o conduza, está bem?>

<Quer dizer que não vou precisar fazer nada?>

<Exatamente. Apenas sinta o que acontece, deixe que o fluxo de energia corra. Sabendo quem você é e a grande capacidade que tem, não tenho dúvidas de que logo você estará controlando o processo de deslocamento temporal com muita habilidade.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Obrigado por me encorajar, Mnemosyne, mas ainda custo a acreditar nisso...>

<Na verdade é tudo muito simples. Tomemos como exemplo a luz das estrelas e das galáxias tal como aparece para o observador terrestre. Cada observação das galáxias mais distantes, cuja luminosidade é de aparência tanto menor quanto maior for a distância que a separa do chamado terceiro planeta, é uma viagem no tempo. Isto porque uma galáxia que fica a, digamos, doze bilhões de anos-luz da Terra aparece para quem a observa hoje tal como era há doze bilhões de anos atrás. Portanto o Universo é um livro onde a luz de cada uma das galáxias e corpos celestes escreve uma página sobre a história de sua existência, de seu vir a ser desde o momento de sua criação até o de sua total desaparição. Na realidade, ao observar uma destas galáxias o que ocorre é uma viagem no tempo, e não apenas no sentido que aponta em direção ao passado mas também — e sobretudo — ao futuro. Estes longínquos pontinhos de luz nos dizem como o Universo era há bilhões de anos e como ele será daqui a bilhões de anos, pois indicam com segurança a curvatura do espaço, a expansão constante de nosso Universo, que faz com que as galáxias todas se movam, ganhando distância umas das outras. Pois bem, um grau quadrado de

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

céu contém mais de quinhentos milhões de galáxias. Este número incomensurável não leva em consideração as aglomerações de galáxias, que estão para a galáxias assim como o cacho está para a uva. Também não leva em conta a fusão, o choque de duas ou mais galáxias, que a partir de então passam a ter a aparência de uma única galáxia. Isto no entanto são ninharias. Para nosso propósito de deslocamento temporal, basta saber que a única coisa que viaja mais depressa do que a luz é o pensamento. A luz de galáxias com oitenta, cem mil anos-luz de diâmetro pode levar bilhões de anos para chegar até a Terra, mas eu e você podemos viajar até estas mesmas galáxias sem demorar um segundo sequer. Entendeu?>

<Se dissesse que sim estaria mentindo. Mas então quer dizer que o método é este — pensou, chegou?>

<Mais ou menos isso.>

<E tem gente que até hoje acredita que corpo algum pode viajar mais depressa do que a luz no vácuo.>

<Isto é muito comum. Durante quanto tempo se acreditou que a Terra era chata?>

<*Touché*.>

<Usaremos as coordenadas preestabelecidas, Apolodoro, ou houve

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

alguma mudança?>

<Nenhuma mudança. Aquelas estão corretas.>

<Muito bem. Prontos?>

<Então vamos, devolta a meados do século XX. Concentre-se, Leon, e relaxe.>

<?>

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Tudo começou por causa de um par de tornozelos. Não sei porque nunca gostei de tornozelos grossos nas mulheres. Acho que são uma nota destoante na sinfonia curvilínea do gênero feminino: revelam-se descadenciados, duros, sem molejo, sem ginga. Pode parecer estranho, mas — se observarmos bem — só as mulheres de canela fina sabem balançar. Isso tudo talvez seja besteira, nada mais, mas faz um bom tempo que deixei de discutir comigo mesmo a respeito do que me atrai ou não. O que sei é que além de não serem grossos, seus tornozelos tinham a virtude de ser extremamente bem torneados; eram o começo das linhas que delimitavam seus contornos e que continuavam para cima, elevando-se como uma prece que sobe aos céus, seguindo o mesmo princípio da beleza fundamental de seu traçado e combinando magnificamente com tudo o que tinham de sustentar. Hoje sei que se a responsabilidade por tudo que aconteceu depois que a conheci tem de recair sobre alguém ou alguma coisa, algum fato ou circunstância, eis aqui o culpado: aquele belíssimo par de tornozelos.

Subíamos a escada rolante de uma galeria de lojas, eles um pouco adiante de mim, de tal modo que a distância que nos separava estabelecia uma posição ideal de observação. Meus olhos e aquele fatídico par de tornozelos estavam num mesmo plano, e à medida em

que chegavam ao topo da escada era como se me dissessem: "Siga-nos, vamos...siga-nos!". Seu forte poder de sugestão assumiu definitivamente o controle sobre mim quando inadvertidamente deixei que meu olhar, elevado pelo lento movimento ascendente da escada, galgasse degrau a degrau o corpo de sua proprietária. Ela já ia andando quando cheguei ao fim da escada e a obrigatoriedade do movimento tirou-me do transe. Só então comecei a perceber a que ponto eles eram parte harmoniosa de um todo, formando um conjunto irrepreensivelmente sedutor. Até um cego ficaria completamente seduzido apenas pela movimentação de ar que ela causava ao andar.

Sim, ela era tremendamente sedutora, uma verdadeira armadilha ambulante e no entanto, observando-a melhor à medida em que (inconscientemente ou não, que importa?) mordia a isca lançada por seus tornozelos, pude notar que nada em seu porte transparecia a intenção de chamar a atenção. Ao contrário, diria mesmo que ela era uma pessoa discreta. Talvez fosse justamente esta a origem do seu charme, não sei. Sei apenas que esqueci o que tinha vindo fazer ali e porque. Não importava mais: o importante agora era ela. Não tomei a decisão de segui-la; meus pés se encarregaram disso, pois a mente já estava lá.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Dona de um corpo absolutamente proporcional e de uma elegância de movimentos fora do comum, de seus cabelos negros que lhe escorriam sobre as costas desprendia-se uma espécie de eletricidade, magnetismo, energia ou seja lá o que for, que sem dúvida alguma vinha da mesma fonte da qual irradiava a cadência de seu andar: um mistério que transparecia na ritmada movimentação de seus quadris e que, usando os seios como trampolim, chegava até os cabelos. O efeito sobre mim foi certeiro: precisava mesmo, era absolutamente imperativo ver o rosto daquela mulher.

Procurei medir entre nós uma distância adequada para não despertar nela as suspeitas que poderiam pôr tudo a perder. Mais de uma vez pude vislumbrar o perfil de sua face, embora ainda a uma distância considerável e momentaneamente apenas, mas sem notar nada de incoerente no conjunto. Notei que ela caminhava direcionadamente, sem aquela característica hesitação e vai-e-vem das mulheres que tem seu tempo à vontade e podem deixar sua atenção desviar-se ao acaso por qualquer coisa que consideram atraente no momento. Tudo indicava que ela sabia para onde estava indo, e eu cada vez mais me convencia de que aquela não era uma mulher comum.

Resolvido a ser cauteloso esperei para ver onde ela ia, apenas

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

acompanhando-a de longe, até que por fim começou a definir seu objetivo. Abandonou o meio do corredor e diminuiu o passo, desviando-se para a esquerda até parar em frente à vitrina de uma joalheria. Continuei a me aproximar, notando que ela tirava algo da bolsa sem no entanto desviar o olhar das pedras. Como soube que seu olhar fixava o que a vitrina expunha não posso explicar, pois nem ao menos seu rosto eu tinha visto — seus cabelos formavam uma cortina negra à sua volta. O que pude ver com clareza apesar da distância foi a aliança que trazia na mão esquerda, que segurava a bolsa.

Já estava bem perto quando ela empurrou a porta de vidro, entrou e logo parou, chamando a atenção do que imaginei ser um funcionário da loja. Ao vê-la entrar ele num salto desencostou-se do balcão e foi direto ao seu encontro. A expressão de avidez em seu rosto lhe dava uma aparência que de fato não inspirava nenhuma confiança, apesar do terno que usava distingui-lo dos demais funcionários, todos uniformizados. Evidentemente não se podia condená-lo pelo simples fato de aproximar-se dela, que — tão ao contrário dele — se destacava tanto pela beleza quanto por sua discrição.

"Vim pelo anúncio", disse ela estendendo um papelzinho. O vendedor, tentando aparentar superioridade e com um meio sorriso

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

no qual transparecia a obviedade de suas intenções, respondeu com aquele inconfundível sotaque de quem nasceu em país de língua espanhola:

"Ah si, claro. La señorita vai a preentcher una fitcha."

Naquele momento eu me encontrava exatamente atrás dela, mantendo aberta com uma das mãos a porta de vidro. Dei um passo adiante e corrigi secamente o palhaço:

"Trata-se de uma senhora."

Só então ela me percebeu e pelo seu olhar notei que me agradecia sem palavras, apenas olhando-me profundamente. Nunca vou me esquecer de seu meneio de cabeça ao voltar-se para mim naquele momento, fixando o mais belo par de olhos verde-azulados com que já fui hipnotizado. Eles não eram grandes — eram enormes, redondos como a Terra vista da Lua. Numa fração de segundo fui transportado a outro mundo, e lá ficaria para o resto da vida não fosse pelo basbaque, que com seu "Mil perdones" desajeitado trouxe-me de volta a este planeta.

Na certa pensou que eu fosse o marido. Ficamos os três ali parados diante da porta num momento vazio, uma espécie de vácuo de ação. Enquanto ele hesitava ela definiu lindamente a situação ao me

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

perguntar, com sua voz maravilhosa e profunda, de um tom meio para o grave quase sem ser rouco que lhe dava ainda mais charme do que ela já tinha:

"O senhor também veio pelo anúncio?".

Sem o saber ela me dera exatamente o que eu mais precisava naquele momento: o motivo não só para estar ali, mas mais importante ainda, para continuar ali. Quando respondi o lacônico "Vim" um princípio de sorriso surgiu em seus lábios, como se me dissesse 'ainda bem'. Fomos conduzidos loja adentro. Enquanto subíamos a escada lateral que dava acesso a um mezanino, tentei recuperar o meu sangue frio, catar os estilhaços em que me desfizera ao contato com aquela mulher singular, de um olhar penetrante e ao mesmo tempo afável, longe de ser inquisidor. De fato ela não se aproveitava do efeito devastador que sua surpreendente beleza causava; havia até uma certa timidez em sua voz, embora falasse com desenvoltura.

O patético esforço do gringo, que aparentava ser o gerente da loja, em consertar com mesuras e um monólogo inócuo a péssima impressão inicial — que aparentemente não tinha passado despercebida nem mesmo por ele próprio — deu-me tempo suficiente para juntar meus cacos. Para alguma coisa ele tinha de servir, afinal. Fez-nos sentar

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

num confortável sofá de couro em frente a uma mesa de vidro e esperar pelas tais *fitchas* que comandou com aspereza, juntamente com café e água, a uma moça de uniforme. Felizmente, sem ter mais o que dizer e pretendendo aparentar a suposta superioridade de sua posição ele logo se retirou, deixando todo aquele sonho de mulher só para mim.

Ela parecia mesmo ter saído de um sonho. Tudo nela era bom demais para ser verdade, e eu me beliscava para ter certeza de que não cairia da cama. Falávamos de amenidades e à medida em que a conversa progredia ela aos pouquinhos me devolvia a segurança que me roubara de uma só vez na porta da loja. Sensação engraçada, aquela. Era como se ela fosse ao mesmo tempo o veneno e o antídoto. Fazia com que a realidade tivesse a aparência de sonho com uma naturalidade surpreendente numa mulher de tamanha beleza, e essa completa ausência de afetação a tornava ainda mais bela a meus olhos. Arrebatara meu pensamento para não sei que confins de tal maneira que nem eu próprio conseguia me achar, e agora aos poucos trazia meus pés de volta ao chão, delicadamente, apenas puxando o fio da conversa.

"Sujeito esquisito, não?"

"Para mim ele é pior do que esquisito"

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Ela baixou os olhos e disse, séria: “De fato também não gostei dele.” Depois sorriu: “Lá embaixo você o colocou no devido lugar.” E levantando os olhos para mim enquanto seu rosto ainda se voltava para baixo, disse-me numa voz quase inaudível: “Obrigada”.

Tamanha dose de charme concentrado num pobre sujeito como eu deixou-me mudo. Pude apenas sorrir-lhe de volta. Felizmente ela continuou a se encarregar da iniciativa da prosa.

“Já trabalhou numa joalheria antes?”

“Não. Tomara que dê certo.”

Ela sorriu.

“Eu também não. Mas não deve ser difícil. O que você conhece sobre jóias?”

“Quase nada. Apenas que tornam quem as usa mais ou menos atraente, eu acho.”

Ela sorriu novamente, concordando com um aceno de cabeça.

“É verdade. Conheço tantas pessoas que ao tentar se enfeitar acabam ficando pior do que se não usassem nada. Dizem que a beleza é uma coisa relativa, mas em certas pessoas a ausência dela é absoluta.”

Não pude deixar de rir. Ela falava com uma resignação filosófica

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

que destoava maravilhosamente da mordacidade do conteúdo daquilo que dizia. Outra moça uniformizada nos trouxe um par das tais fichas, impressos com espaços em branco que o 'candidato' preenche com seus 'dados'. Terminei primeiro e fiquei observando-a enquanto escrevia. Ela trabalhava concentrada, sem desviar a atenção do papel, e pouco depois deu por encerrada a documentografia. Por um instante nos entreolhamos em silêncio.

"Se você me deixar ler a sua, eu deixo você ler a minha", falei. Ela sorriu como se adivinhasse meu pensamento e estendeu-me sua folha. Se soubesse o quanto me custava manter o controle a cada sorriso seu, certamente ela me tomaria por um idiota.

"Renée Levèfre Sayegh; formada em filosofia pela Universidade de Paris; fala francês, inglês, português; vinte e sete anos de idade, casada, bonita e bem educada... Estou impressionado." Enquanto eu dizia isso tudo ela mantinha a cabeça baixa em direção à minha ficha no seu colo, mas seus olhos — verdadeiros faróis que a escuridão de sua cabeleira negra não conseguia ocultar — estavam fixos em mim com uma expressão marota, enquanto a mão esquerda segurava o cabelo com uma simplicidade e graça quase que ingênuas. Quando terminei ela começou:

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Bruno Donato, 30 anos, pouco estudo, muito trabalho... vendedor, vendedor,vendedor... Imagino que seu poder de persuasão seja muito grande", concluiu ela num tom em que já transparecia uma certa malícia.

"Nem sempre." Eu tinha resolvido optar pela modéstia. "Não me considero incapaz de persuadir alguém, mas confesso que a sorte também influi."

"Não acredito em sorte." disse ela peremptoriamente.

"Em que acredita, então?"

"No acaso."

"Com ou sem complexo?"

"Complexo?"

"Dizem que o destino nada mais é do que o acaso com complexo de superioridade."

Ela riu. "Essa é boa!" Seu riso era gostoso, vinha lá de dentro e ao mesmo tempo era quase discreto, sem fazer alarde.

"Se tiver complexo, seu destino é vender, e isso é bom", continuei num tom sério. "Mas se não tiver, eu se fosse você não diria isso na entrevista. Patrões não costumam ter muita confiança em vendedores por acaso. Você já vendeu alguma coisa antes?" Seu menear de cabeça

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

em negativa era previsível, e continuei: "Então há possibilidade de você vir a concordar comigo se conseguir este emprego."

"Confesso que a minha experiência em vendas é nula enquanto a sua é imensa, mas não estava me referindo a esse aspecto da coisa."

"Eu sei. Mas não se esqueça de que não sou seu patrão. Ele certamente pensaria diferente."

"Talvez." Ela não estava mais sorrindo quando disse isso.

"Não me entenda mal. Sei bem que além de ser extremamente elegante — e com isso quero me referir à verdadeira elegância, aquela que vem de dentro da pessoa e transparece nos menores gestos — você é culta, inteligente e bem educada, e não duvido que possa facilmente diferenciar uma simples teoria do aqui e agora dos fatos reais. Um patrão só quer saber de um fato: a venda. O resto ou é irrelevante ou atrapalha a venda, o que é ainda pior. Se quiser mesmo este emprego, Renée, terá que se ater aos fatos e tentar mostrar a eles que você vende, ponto. Desculpe-me se pareço condescendente, mas a verdade é essa."

"Você tem toda razão. Eu é que tenho de me desculpar."

O pedido era sincero. Queria enchê-la de perguntas, saber tudo a seu respeito, mas me contive. As roupas que usava, as jóias todas e

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

sobretudo as maneiras, tão naturalmente elegantes, me diziam que ela não era o tipo de pessoa que estava desesperada para conseguir um emprego. Resolvi mudar de assunto, pois aquela expressão divertida desaparecera de seu rosto e eu queria que nossa conversa, que provavelmente seria breve, fosse marcada de maneira invulgar. Era o mínimo que ela merecia, afinal.

"Sabe que agora pouco me aconteceu uma coisa estranha? Vinha para cá quando no meio do caminho me deparei com um gato muito incomum. Era todo branco, bem peludo, de uma aparência extremamente bem cuidada. O curioso é que ao contrário da maioria dos gatos ele não fugiu quando me aproximei, mas pulou da calçada para uma mureta e dali ficou a encarar-me fixamente. Parecia até que me esperava, pois me olhava de um jeito... como se fosse de igual para igual, compreende? Parei ali na calçada e ficamos nos entreolhando. Seus olhos eram de cores diferentes, um verde e outro azul."

Enquanto eu falava ela me olhava fixamente, e sua atenção aumentou quando mencionei as cores distintas dos olhos do gato.

"O que achei mais estranho é que ele não parecia assustado com minha presença tão próxima. Normalmente gatos não deixam

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

estranhos chegar tão perto, mas aquele tinha um ar de tranqüilidade realmente inusitado, uma autoconfiança quase insolente — parecia até que sua intenção era mesmo a de me encontrar."

Ela me olhava tão fixamente, seu olhos tão completamente dentro dos meus que parei de falar só para ficar ali, submerso por aqueles dois oceanos. Antes que me afogasse completamente ela me pescou das profundezas com um tom de voz solene.

"Existe uma antiga lenda entre os muçulmanos no norte da África, segundo a qual Alá escolhe a forma de um gato para aparecer a seus eleitos. Você pode esperar algo de especial depois deste encontro. É um bom presságio."

De novo fez-se silêncio entre nós. Talvez interpretando minha expressão como sendo de incredulidade, ela perguntou:

"Não acredita?"

"Pelo contrário, estou completamente convencido." respondi rapidamente. "Afinal, não estou aqui conversando com você?"

Seus olhos fecharam-se lentamente quase até o fim enquanto um sorriso meio contido traiu seu contentamento, mostrando um pouco de seus lindos dentes. Dessa vez eu havia acertado na mosca. E como as coisas estavam indo bem, naturalmente não podiam continuar assim

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

por muito tempo. O tal gerente vinha subindo para levá-la para a entrevista. Sem uma única palavra em resposta à algaravia portunholesca do tal fulano, ela levantou-se e caminhou à sua frente em direção à escada. Antes de descer o primeiro degrau, parou e olhou-me por cima do ombro.

"Alá seja louvado!", disse eu com um sorriso que tentava disfarçar minha tristeza. Sem dizer palavra ela sorriu, piscou-me o olho e dando um tchauzinho quase imperceptível com a mão, pôs-se a descer a escada sob a vigilância severa do cão infiel, que quase rosnou para mim quando desejei boa sorte a ela.

Enquanto esperava pela minha vez de pisar o cadafalso da entrevista tratei de observar com mais cuidado o movimento da loja. O posto de observação não era tão mau, num ângulo de cima para baixo de onde era possível controlar a porta e boa parte da espelunca. Raramente um dentre os poucos curiosos de vitrina aventurava-se a entrar nela. Sua frente era toda de vidro, consistindo em uma porta ladeada por duas caixas retangulares com diversas prateleiras, também de vidro, onde a mercadoria ficava exposta em pequenas bandejas, colos e suportes especiais, todos em veludo preto.

O ousado que passasse pela porta entraria numa sala de uns quatro

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

ou cinco metros de largura por oito, talvez dez de comprimento. Fixados em cada parede sobre o revestimento de carpete ficavam três espelhos, e na frente de cada um havia uma mesa de madeira com tampo de vidro. O visitante teria então três mesas à direita e outras três à esquerda, cada uma com seu espelho por trás, onde se dava o *tête à tête* entre clientes e vendedores. As mocinhas uniformizadas faziam o serviço de leva e traz de cafezinhos, água mineral e outras amabilidades mercantis. O fundo era todo bege: chão, paredes, colunas, mezanino, escada, tudo era revestido com o mesmo carpete. Provavelmente esta neutralidade de tons tinha o objetivo de ressaltar a visão do que se passava na loja, já bastante facilitada pelos espelhos estrategicamente colocados. Tudo muito fino. O acesso ao mezanino dava-se pela escada encostada na parede da direita. Sua área não chegava a ser a metade da do piso principal, mas ainda assim havia espaço para duas mesas idênticas às de baixo, duas colunas e um sofá, encostado na parede oposta à da escada e usado no momento por mim. A área sob o mezanino era fechada por duas portas, provavelmente ocupada pelas salas da administração e cofres. Essa era a arapuca em que fui me meter por causa dela.

Finalmente me chamaram. Fui levado até uma minúscula sala onde

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

ficava o dono do estabelecimento, um sujeitinho magro e barbudo sentado do outro lado da mesa. Levantou-se da cadeira para dar-me uma mão esquelética, peluda, meio mole e suada. Não gostei.

"Bartolomé."

"Donato."

Certas pessoas desconhecidas para nós às vezes tem o poder de causar simpatia ou antipatia imediatas. Renée pertencia ao primeiro; Bartolomé se incluía no segundo grupo.

"Sente-se", disse ele com um meio-sorriso esquisito.

Sentei-me. Remexia os papéis sobre a mesa, certamente tentando achar minha *fitcha*. Notei que balançava freneticamente a perna cruzada. Seu tamanho era inversamente proporcional ao pomposo nome no cartão de visita: Ferdinando Alfonso Alonso y Bartolomé.

"Quer um cafézinho?" Até a voz do desgraçado era mole. Felizmente não tinha sotaque como o outro. Continuei não gostando.

"Água, por favor."

A expressão em seu rosto era a de alguém deslumbrado com uma surpresa agradável. Gostei menos ainda. Chamou a menina. Ele era um sujeito franzino e de estatura abaixo da média, talvez um metro e sessenta. Tinha um rosto muito afilado, coberto por barba e cabelos

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

espessos e minuciosamente aparados. Seu enorme nariz parecia uma vela de barco: branco, triangular, fino e comprido, com uma estranha protuberância em ângulo obtuso no centro da hipotenusa. Abaixo das também espessas sobrancelhas ficavam os olhinhos miúdos, muito juntos, separados apenas pelo estreito e comprido nariz. Ele tinha um jeito esquisito de sorrir movendo o lábio superior apenas, mostrando os dentes pontudos, pequenos e distantes entre si que dava à sua expressão algo de viciado, de doentio.

Parecia ser um daqueles sujeitos desagradavelmente meticulosos, que sempre prestam atenção aos mínimos detalhes. Feio, baixinho e magricela, Bartolomé ostentava sinais de extrema vaidade. Em seu magro e peludo pulso direito trazia duas ou três pulseiras, no dedo mindinho da mão esquerda um anel de ouro de gosto duvidoso que combinava com o pequeno relógio de pulso que usava, um modelo feminino. As abotoaduras nos punhos, o prendedor de gravata com uma correntinha presa a um anel que se encaixava por trás no botão da camisa impecavelmente engomada, o par de canetas no bolso, tudo isso o denunciava. Era evidente que para ele essas minúcias na toalete eram de extrema importância.

Decididamente não gostei dele à primeira vista, e provavelmente

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

não gostaria dele na segunda, nem tampouco na terceira. Mas o engraçado é que com ele foi justamente o oposto. O sem-vergonha foi com a minha cara. Depois de gastar uma eternidade arrumando o monte de folhas de papel à sua frente numa pilha absolutamente simétrica, enquanto falava do admirável e promissor mundo das jóias, ele parecia estar pronto para começar o raio da entrevista quando a moça trazendo o pedido de água e café entrou. Minhas suspeitas foram confirmadas pela xicrinha de café.

"Parece que você tem bastante experiência em vendas", disse ele olhando-me por cima da xícara, que segurava com a mão esquerda como se fosse um passarinho recém-saído do ovo.

E essa agora, pensei. Um chefe boneca era tudo o que precisava. Isso explicava o olhar acariciante, aquele meio-sorriso inequívoco. Eu precisava manter a linha.

"É verdade. Como vê, comecei cedo."

"Isso é bom, mas... você nunca mexeu com jóias antes. Acha que pode dar conta?"

"Um bom vendedor é sempre um bom vendedor, não importa qual seja o produto. Claro que uma adaptação é necessária, mas quanto melhor for o vendedor menor será o tempo gasto com isso", respondi.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Sem dúvida. Mas nossa clientela requer uma aproximação... diferente da que você tem praticado até agora."

"Não duvido disso."

"Você é casado?"

Típico de uma boneca mudar de assunto sem mais nem menos. Como se minha vida pessoal pudesse ser mais importante para ele do que a profissional.

"Não."

"Mora com seus pais?"

"Não, mas ajudo no pagamento das contas.

"Hmm–hmm." E depois de uma pausa para colocar meticulosamente a xicrinha sobre a mesa:

"Fuma?"

"Agora não, obrigado."

Levou mais uma eternidade de minúcias para retirar um cigarro de dentro de uma carteira de couro e acendê-lo com um caríssimo isqueiro de ouro.

"Gostaria de ver seu currículo completo", disse depois da fumaça expirada para cima com languidez.

"Sem problemas."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Então vamos marcar outra entrevista, digamos... semana que vem?"

Meu instinto me dizia que aquele olhar aveludado que ele levantava do papel para mim era um sério indicador de problemas futuros. Mas lembrei-me de Renée e voltei à realidade.

"Está bem."

Ao deixar a loja olhava em redor, alimentando a vã esperança de encontrá-la ainda por ali. Mas seguindo a regra, mulheres como aquela são extremamente difíceis de aparecer e *experts* consumadas em desaparecer. Voltei para casa resignado, ainda meio hipnotizado por aqueles olhos singulares.

À noite fui encontrar-me com o pessoal da rodinha do pôquer para a costumeira jogatina. Estava sentindo que uma maré de sorte se aproximava e a mesa seria uma boa maneira de testar minha intuição. Estes eram os meus amigos: nosso anfitrião da noite, o maestro Regis Condottiere; o banqueiro de jogo do bicho Gino Papalargo; o juiz Justino Giudice e eu, a ovelha branca do rebanho. Jogávamos já há alguns anos, desde que conheci o Gino apostando nos cavalos. Naquele dia estava generoso e dei a ele duas barbadas seguidas. *Ergo*, ficamos amigos. Depois apresentou-me aos outros membros da colônia, e daí

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

a jogar semanalmente foi um pulinho. Tínhamos o costume de apelidar uns aos outros, o que nem sempre agradava o apelidado mas certamente divertia muito a todos. Assim foi que batizei o Gino de Medalhão, por causa de suas inúmeras correntinhas, medalhinhas e pulseiras de ouro. Bastava olhar para ele para entender a razão do aumentativo. Segundo o maestro, que era um aficionado do jazz antigo, havia uma enorme semelhança entre ele e um famoso pianista da velha guarda chamado Fats Waller.

Justamente essa história do pianista, cuja foto circulou pela mesa certa noite por conta do maestro, valeu-lhe a alcunha de Pelúcia como uma represália do Gino. Quando ele ficava irritado a vingança era certeira. De fato o maestro tinha um tipo característico: era magrinho, não muito alto, careca mas com uma enorme quantidade de pelos por todo o corpo. Mas de todos nós talvez o mais acostumado com seu apelido — Ferradura — era o juiz, pois além de não sair do hipódromo, onde acabaram se conhecendo, ainda ferrava todo mundo no tribunal com seus cabelos brancos e o olhar amistoso de Papai Noel por trás dos óculos bifocais que, segundo o Gino, iludia muitos desprevenidos. A verdade é que o que nos unia eram as paixões: pôquer, cavalos, dinheiro, uísque, mulheres — não necessariamente nessa ordem —

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

além de outras virtudes menores. Podia-se dizer que éramos quatro apaixonados, embora nenhum de nós tivesse sido ainda fisgado pelo matrimônio definitivo, exceção feita ao juiz, que era viúvo.

Era pois na companhia desta súcia de farristas que eu passava muitas de minhas horas de folga.

O maestro tinha o costume — extremamente louvado pelo resto da mesa — de providenciar companhia feminina para entre outras coisas cuidar dos detalhes operacionais, tais como uísque, gelo, salgadinhos, guardanapos e aquela pitada de graça sem a qual nossas reuniões por vezes tornavam-se insossas. Muitas de suas amigas já eram conhecidas nossas, tendo nos assistido mais de uma vez, mas desta vez a moça era novidade. Certamente uma aquisição recente, logo aprovada pelo Gino com um esticar de beiços e um levantar de sobrancelhas. Começei frio, recebendo cartas medíocres e obtendo resultados equivalentes, o que não era um mau sinal. Sempre que começava o jogo ganhando acabava perdendo. Assim era melhor, ia esquentando devagarinho. Lá pela metade da noite as coisas já haviam mudado consideravelmente, as garrafas esvaziavam-se não tão depressa e eu havia conseguido uma sucessão de três mãos vitoriosas que me valeram a admiração da morena amiga do maestro, que por sinal

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

estava perdendo feio.

"Meu amor, venha cá sentar-se a meu lado para me dar sorte", disse ele entregando as cartas batidas. Seu jogo andava mesmo bem ruim. O Gino não perdeu a oportunidade:

"Você não precisa disso, Pelúcia. Sorte você já tem", disse referindo-se à garota. "Você precisa mesmo é aprender a jogar."

"Se eu não soubesse mesmo jogar você já teria ficado pobre, Medalhão."

Todos rimos da cara do Gino, que custou a entender a *blague*. Assim eram trocadas as amabilidades entre nós. Mas a moça resolveu diferente e veio sentar-se ao meu lado.

"Gosto dos vencedores", disse ela.

A gargalhada foi geral. O pior é que depois que ela veio para o meu lado começei a perder sem parar. Chegou a tal ponto a desgraça que tive de enxotá-la, devolvendo-a para o maestro. Ela levantou-se resignada.

"Venha para o papai, boneca. Você já cumpriu sua missão lá."

"Agora vou poder me recuperar. Essa mulher é um prejuízo!"

"Mulher bonita é veneno..."

"Desse veneno quero morrer..."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Apesar do papo de bêbado e das queixas, de fato não me dei mal e consegui sobreviver bem à noitada. Ganhei um pouquinho só, mas considerando-se os meus parceiros, o simples fato de levantar da mesa com saldo positivo podia ser encarado como uma vitória.

O maestro morava numa dessas vilas de casinhas geminadas, muito sossegada, e que nas noites de jogo perdia um pouco da sua tranqüilidade com a nossa algazarra. Saímos à rua ainda cambaleando por passar tanto tempo sentados, bebendo, jogando e falando besteiras, e pude ver que o céu estava claro, sem nenhuma nuvem para atrapalhar o espetáculo das estrelas. Difícil era andar olhando para cima sem tropeçar em alguma coisa estranha — como por exemplo nosso próprio pé. Como de praxe os ganhadores atiravam gozações aos perdedores da noite, e assim, bêbados e alegres, fomos dormir.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Acordei mais tarde do que devia e já que estava atrasado mesmo, resolvi não chegar lá com a cara amarrotada. Tomei banho calmamente e o relógio marcava quase dez quando entrei na loja. A perspectiva de voltar a enfrentar aquele minúsculo e desprezível ser que era o proprietário da loja não era muito animadora, e a total falta de notícias dela não colaborava em nada para a elevação de meu estado de espírito. A moça de uniforme conduziu-me até o mesmo sofá no mezanino onde fiquei esperando minha vez. Estava preparado para um bom tempo de espera, pois minha hora marcada era às nove. Acendi um cigarro. O tempo passava, o cigarro acabou e eu me entediava olhando para as paredes, pensando nela, imaginando se a teriam chamado também para mais uma entrevista. Que mulher! Provavelmente nunca mais a veria. Afinal, mesmo com toda a sua classe, a falta de experiência em vendas poderia ser um critério decisivo para o cara de rato. Ele queria dois bons vendedores atendendo os clientes mais importantes, que não podiam ser deixados nas mãos das inexperientes mocinhas. Renée tinha a classe, a categoria, aquela elegância tão natural nas pessoas elevadas. Eu, se não me comparava a ela nesse aspecto, por outro lado sabia vender.

Meu traseiro estava cansado de ficar ali sentado, e já considerava

seriamente a possibilidade de avisar a moça e sair para um café quando, contrariando minhas sinistras expectativas, ela entrou na loja — talvez uns vinte minutos depois das dez. Toda em seda branca, com os magníficos cabelos presos acima da nuca por uma écharpe de seda amarela, ela estava radiante. Brilhava mais do que a joalheria inteira. Embora fervendo e gelado ao mesmo tempo, consegui aparentar tranqüilidade ao me levantar para cumprimentá-la. O branco de sua roupa contrastava tão lindamente com o tom moreno de sua pele que foi preciso muito autocontrole para beijar a cheirosa bochecha que ela me ofereceu, sorrindo encantadoramente, sem agarrar o resto. Era inegável que estava contente por me ver ali, e eu me esforcei para disfarçar o efeito devastador de toda aquela beleza. Desnecessário dizer que não fui muito bem sucedido. A vivacidade de seu olhar e o entusiasmo sincero de seu sorriso me desarmaram.

"Como foi sua entrevista?"

"Não foi das piores", respondi. "Em vinte minutos estava fora."

"Sorte a sua. Aquele tal de Mellardo me segurou aqui por mais de uma hora..."

"Quem?"

Ela sorriu.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Aquele sujeito que me chamou de 'señorita', você se lembra."

"Ah sim, claro. Como é mesmo o nome dele?"

Ela remexeu na bolsa e puxou um cartão de visita onde lia-se: Fulgencio Mellardo. Não pude segurar o riso ao ler o nome. Ela ria também, contagiada pelo mesmo vírus, sem imaginar como me era difícil manter a postura.

"Ah! sim, claro, o Mellardo! Como pude me esquecer?"

"Você o conhece?"

"Nãão. Somos apenas bons inimigos."

Ela sorria. Eu derretia.

"Aposto que ele tentou te cantar."

"Mais ou menos. Não diretamente, mas foi ridículo de qualquer modo. Levou séculos para explicar o quanto eu — caso 'me esforçasse', claro — seria bem sucedida, ganharia muito dinheiro, seria feliz trabalhando aqui e..."

"Isto é, como *ele* ficaria feliz se *você* viesse trabalhar aqui."

"É, acho que pode ser resumido nisso, mesmo."

"Tenho a impressão que vamos precisar de todas as nossas habilidades em relações humanas para permanecer nesse emprego."

"Caso o consigamos, você quer dizer."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Sim. Mas algo me diz que vamos conseguir — eu e você."

Ela inclinou-se para frente e bateu com o nó dos dedos na madeira da mesa. Ofereci-lhe um cigarro a título de brinde à profecia, que ela aceitou com um charme danado. Nunca tinha visto alguém assim. Quanto mais a observava mais difícil tornava-se para mim manter a postura. Não ousava desviar meu olhar de seu rosto mesmo quando tinha a certeza de que ela não perceberia. Havia espelhos nas paredes e não queria me arriscar a ser surpreendido deixando meus olhos escorrerem sobre seu corpo, nem mesmo quando ela se ajeitava nas almofadas, cruzando e descruzando as pernas. Deus, que pernas!

Ela devia ter mais ou menos um metro e setenta, divididos com absoluta proporcionalidade. Começando nos finos tornozelos e progressivamente aumentando de diâmetro até encontrarem os quadris arredondados e firmes, suas pernas não eram muito longas nem muito curtas em relação ao tronco. Não tinha nenhum sinal de barriguinha mas dispunha de suficiente recheio no torneamento da cintura para arredondar convenientemente a roupa. O colo era sardento, perfumado e de tamanho exato: qualquer um que não fosse cego perceberia que dentro daquela roupa existia uma mulher, e não um cabide. Esguios sem ser magros, os braços não demonstravam

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

sinais da flacidez ou celulite tão comum mesmo em mulheres mais jovens do que ela. Tudo isso era coroado por um rosto singular, de formato hexagonal, com os lindos olhos puxados para cima que ao convergirem sobre um nariz reto e aperfeiçoado pelas sardas revelavam um ligeiro, quase imperceptível estrabismo, estonteante para quem os visse de frente. A boca também tinha os cantos levemente ascendentes, tornando difícil julgar se eram os lábios cheios ou os dentes branquíssimos sua maior beleza. Os cabelos eram uma cachoeira negra, flexível e brilhante, naturalmente lisa até a altura das orelhas e dali em diante caindo em grandes cachos anelados, que por meio de algum sortilégio feminino assumiam sempre as melhores formas para realçar sua expressão. E suas mãos tinham um toque quente e macio, extremamente suave que as unhas, não muito curtas e cuidadas a esmalte transparente, prenunciavam como o paraíso das carícias nas garras de uma fera. Sem dúvida sua concepção fora um momento de inspiração divina.

De vez em quando olhava em volta apenas para disfarçar minha tontura, como se estivesse percebendo a chegada de alguém. Meus esforços para entretê-la deviam estar dando resultado, pois a conversa seguia com naturalidade e bom humor e eu estava contente de poder

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

fazê-la ficar à vontade comigo. À direita do sofá ficava a balaustrada do mezanino, e de onde estávamos podia-se observar a porta de entrada, as vitrinas que a ladeavam e quatro das mesas. Um sujeito de meia idade, barba e terno escuro foi acompanhado até a porta pelo tal Mellardo. Chamei a atenção dela para a cena e ficamos a imaginar se ele seria, assim como nós, um candidato ao emprego. Provavelmente era, pois o cretino do Mellardo fechou a porta e sem hesitar tomou a escada para vir ao nosso encontro, já que éramos os únicos ali no mezanino.

A custo seguramos o riso enquanto ele dizia naquele sotaque característico:

"Bon dchia. Que tal, todo bien?"

Depois de cumprimentá-la dirigiu-se a mim mas somente na voz, pois a mão ainda segurava a dela e o olhar não a deixava. Não se pode condená-lo, pensei novamente.

"Como la entrevista de la Señora é as diez, creo que vuce no se importará de aguardar más un bocadito."

Dei de ombros como resposta. Não que fizesse alguma diferença para aquele imbecil o fato de eu responder ou não.

Ela levantou-se, dando-me a oportunidade de avaliar sem reservas

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

suas lindas formas e desceu com altivez, procurando manter o ar sério. De onde estava mandei-lhe um aceno de boa sorte, que foi respondido com um sorriso discreto.

Passava das onze, meu estômago já roncava, reclamando pela falta de alguma coisa sólida, e nada de me chamarem. Quase agradeci de joelhos quando uma das moças me conseguiu uma xicrinha de um café já não tão quente. Enfim lá pelas onze e meia vi minha deusa despedir-se do Mellardo e sair, acenando para mim ligeiramente já do lado de fora da porta. A vontade de descer e dirigir-me a ela era enorme, mas resolvi ficar bem comportado. Provavelmente não era à toa que eles estavam gastando toda uma manhã para entrevistarem duas ou três pessoas apenas. O vira-latas do Mellardo voltou para dentro e em vez de subir para me chamar, passou direto pela escada como se eu não estivesse esperando ali há horas. Pouco depois uma das moças subiu para dizer que minha vez era chegada.

Arrumei a camisa dentro das calças e desci, disposto a enfrentar o rato que ruge. Novamente fui conduzido até seu cubículo. Tinha nas mãos meu currículo completo, que coloquei sobre a mesa depois de apertar aquela mão desagradável, mole e invariavelmente suada. Ele sentou-se empertigado e começou a leitura, mascarando o sorriso usado

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

durante as amabilidades de praxe com uma falsa expressão de seriedade profissional.

"Hmmm, serviço militar intenso. Mecânica, sobrevivência na selva, paraquedismo, mergulho... Eu sempre quis saber como se faz fogueira sem fósforos", disse ele levantando os olhos do papel com uma expressão zombeteira.

"Fazer a fogueira é fácil. Difícil é assar miolo de macaco sem deixar que ele desmanche." Disse isso num tom pausado e absolutamente sério, olhando diretamente em seus olhos. Aquele risinho idiota sumiu imediatamente.

"Assistência técnica de eletrodomésticos com o pai, depois vendedor... livros, seguros, imóveis, motores de popa, carros, consórcios..."

"Há mais de dez anos não faço outra coisa senão vender."

"É de fato uma carreira. Mas passar de imóveis a motores de barcos é um salto considerável. Como foi isso?"

"Passei uns tempos nos garimpos fluviais. Depois de alguns mergulhos naquela água barrenta descobri que podia ganhar mais ouro vendendo motores de popa. E com menor risco de vida."

Ele fez uma pausa nas perguntas enquanto lia o resto, batendo nervosamente com o lápis na mesa e sacudindo sua pulseirinha. Tiques

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

de excentricidade, suponho. Então largou tudo, acendeu um cigarro e recostou-se na cadeira. Por fim resolveu-se.

"Você é um vendedor profissional e experiente, mas deve saber que nosso produto tem características especiais. Não se trata de uma venda qualquer."

"Sem dúvida." Sem dúvida o cacete. Venda é venda.

"Precisará de um treinamento para se adequar. Nossa clientela é composta de pessoas de altíssimo nível."

"Claro." Nível altíssimo: abissal, como o dele...

Depois perguntou-me à queima roupa se tinha antecedentes criminais, com a ressalva de que era uma pergunta de rotina. Na certa pensou que eu não imaginava que tivesse sido investigado. Enfim, depois de uma longa peroração a respeito do quotidiano do trabalho numa joalheria fez o cálculo das comissões, que deveriam ser aumentadas depois dos primeiros três meses de treinamento 'caso fosse um bom vendedor'; foi delicado o suficiente para perguntar-me se aceitava trabalhar naquelas condições, comentou sobre a necessidade do traje social e por fim me despachou, recomendando-me o horário a ser cumprido. Pus um sorriso falso nas despedidas e saí, morrendo de curiosidade para saber se ela havia sido contratada também. Calculei

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

que sim, pois pelo tempo que demorou sua entrevista.

O tempo não me decepcionaria. Quando cheguei na loja segunda de manhã ela já estava lá, e nada poderia ter tornado meu dia tão bom quanto seu sorridente cumprimento. Mas tomei prumo. Precisava, agora mais do que nunca, ser extremamente cuidadoso e estar — como dizem os escoteiros — sempre alerta: era indispensável não cometer deslizes. Um propósito utópico, claro, mas absolutamente necessário. Necessitava assumir a postura de um jogador de pôquer dispondo de cartas não mais do que razoáveis diante de uma mesa alta. Ganhar no blefe. Difícil, sim — mas não impossível.

Os primeiros dias de adaptação foram cheios de novidades. Havia muito o que aprender a respeito dos produtos, da sistemática de controle adotada pela loja e principalmente (ah!...) a respeito dela. Além de um catálogo diversificado, as especificações próprias a cada tipo de gema, suas características básicas, aplicações, lapidação e sobretudo seus preços deixaram-me ocupado o suficiente para ocultar meu objetivo principal. Como ambos éramos novatos, na maioria das vezes assistíamos juntos ao treinamento. Procurava sempre que possível saber a opinião dela sobre as peças que faziam parte do estoque. Renée mostrou-se habilíssima em veredictos: diferenciava

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

as que considerava apropriadas do resto, merecedoras apenas de derretimento, segundo ela.

Logo vi que sua falta de experiência em vendas era largamente compensada pelo seu extremo bom gosto naquele ramo. Começamos nossa prática pelos clientes mais simples, como por exemplo o tradicional jovem namorado procurando um anel não muito caro para presentear a felizarda do momento, até ganharmos confiança para enfrentarmos os bacanas. Em seguida passamos a observar com toda atenção o atendimento daqueles casais de meia idade que entravam na loja preocupados não com quanto gastariam mas sim com o que poderiam comprar, ou então aquelas velhas senhoras arrogantes, cuja vaidade parecia aumentar na proporção da idade e da riqueza. O ponto chave parecia ser a escolha, que de fato para a maioria deles não era fácil. Ricos em dinheiro mas pobres em julgamento do gosto, raros eram os que demonstravam ter a capacidade, que em Renée era tão natural quanto seu sorriso, de saber distinguir o ridículo do razoável, o intolerável do conveniente em termos de adorno pessoal. Isto transformava a venda num sutil trabalho de detetive até a descoberta do ponto exato, do momento certo de acariciar-lhes o ego, insuflando com um elogio certeiro as brasas do amor próprio até a erupção do

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

talão de cheques e, por fim, a apoteose da assinatura.

Chegávamos na loja por volta das nove e meia para abrirmos às dez. Entre meio-dia e duas nos revezávamos para o almoço, procedimento repetido entre quatro e seis da tarde para um lanche e então seguíamos até oito ou mais, dependendo é claro do último cliente — ou do humor do patrão. Às vezes de ambos. Essa vidinha no entanto não era monótona, pois o que me fazia pulsar, o que verdadeiramente me atraía, a finalidade das minhas ações, o móvel do meu desejo, a razão da minha inquietude ficava ali junto a mim o dia todo. Diante dela todo o resto era simplesmente secundário.

Com o tempo Renée mostrou ser uma pessoa equilibrada, dotada de um extremo bom senso e uma nítida propensão para a modéstia, o que a tornava mais atraente a cada dia. Ela não se gabava, não procurava mostrar-se superior, evitava sempre que possível adiantar suas opiniões, preferindo ouvir mais do que falar. Como não admirar alguém assim? Às vezes me surpreendia fitando-a, totalmente abstraído do mundo ao meu redor, como se de repente ela e apenas ela fosse o mundo, o universo, a eternidade. Desde a superfície úmida e cristalina daqueles olhos verde-azulados, eu me deixava arrastar pela correnteza de sua cabeleira negra até o fundo do abismo de meu

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

desejo, de onde era obrigado a retornar numa fração de segundo, guindado das profundezas pela consciência daquilo que costumamos chamar realidade.

Sim, eu a desejava, e era justamente esse desejo maluco que me mantinha em pé, como um equilibrista andando sobre a corda: equilibrava-me entre o sonho e a realidade, entre ela e o mundo. Graças a ela, minha existência não era monótona. Entre o aborrecimento de duas vendas tinha o privilégio de estar com aquela jóia verdadeira, autêntica, única, muito mais preciosa do que todo o estoque de brilhantes engastados em ouro e platina trancados avaramente no cofre de Bartolomé. Estar é maneira de dizer; ficávamos sob o mesmo teto, compartilhando as mesmas necessidades impingidas pelas pequenas opressões, pelo autoritarismo menor dos patrões e dos clientes, pessoas pobres e necessitadas, que precisavam recorrer ao dinheiro e posição social para humilhar os outros e sentir-se importantes. Dificilmente conseguíamos um momento de privacidade para apreciar a companhia um do outro (presumindo, é claro, que ela apreciasse a minha.) A verdade é que eu ainda não havia descoberto um meio de alcançá-la realmente.

O fundamental era não me apressar, não meter os pés pelas mãos,

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

como dizia o polvo. E se ainda não sabia exatamente o que fazer para conquistá-la, logo percebi que o idiota do Fulgencio Mellardo era justamente o exemplo vivo daquilo que eu nunca deveria fazer. Seus eternos pretextos para estar ou permanecer perto dela, a voz pegajosa, as atitudes falsamente solícitas, suas grotescas tentativas de dissimular a avidez eternamente estampada em seu olhar faziam dele o melhor dos exemplos: aquele que deve ser evitado a todo custo. Logo percebi que ele, ironicamente, trabalhava a meu favor. De fato, sem o saber Mellardo contribuiu muito para nossa união. Provavelmente sem ele tudo teria sido mais difícil.

Não demorei muito mais de um mês para aprender o básico do produto, e onde minha ignorância era grande minha imaginação tornava-se ainda maior. Minha longa experiência em vendas logo me habilitou a vender sossegado, isto é, um pouco mais livre da supervisão asfixiante do Mellardo. O cara de rato de vez em quando mostrava o focinho, mas de maneira geral ficava fora do nosso contato quotidiano com os clientes. Sua tática era mais sutil: procurava puxar conversa comigo no final do expediente, fazendo comentários sobre o ocorrido durante o dia. Era bem mais fácil para mim evitá-lo. Eu trabalhava portanto um pouco mais à vontade do que Renée, que não tinha a mesma sorte.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Apesar de saber muito a respeito daquilo que vendia, ela era uma vendedora principiante, e isto lhe custava o Mellardo grudado no pé como um chiclete. Ela não conseguia dar um passo sequer sem ser lembrada da presença dele. Como ele já era naturalmente chato, estar interessado nela como mulher obviamente o tornava um chato elevado à potência. Como vendedores sob sua responsabilidade, éramos portanto obrigados a nos submeter a seus caprichos, e a esta submissão somava-se nossa comum repulsa à sua pessoa. Um ambiente de trabalho nada fácil.

De minha parte eu também não estava livre do assédio do cara de rato, embora seu estilo fosse, digamos, mais discreto. Não deixava de ser uma chateação mesmo assim. Sempre que o Mellardo saía um pouco mais cedo ele me pedia para ficar até que fechasse a loja. Caí na armadilha uma vez. Ficou deslumbrado com algumas passagens de minha vida que tive de narrar-lhe e nunca perdia uma oportunidade para fazer insinuações. Prolongava o papo o máximo que podia, até que por fim dava-se por vencido — mas nunca sem deixar a impressão de acreditar que outros dias viriam.

Certa vez teve a ousadia de vir encostar-se em mim durante o horário de almoço, quando a maioria do pessoal estava fora.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Aproveitando-se do fato de que eu estava sentado, ele — que estava em pé — veio esfregar-se de leve no meu braço. Fiz um movimento súbito girando a cadeira e consegui acertar-lhe uma boa cotovelada na virilha. Absolutamente sem querer, claro. Uma das meninas que servia café viu a cena toda e quase se escondeu para não denunciar o riso. Bartolomé retirou-se rapidamente sem dizer uma palavra. Depois que ele saiu também pude rir.

"Que dupla de patrões fomos arrumar, hein, Neusa?"

"É, não se pode ter tudo na vida", disse ela filosofando.

Desde esse dia ele passou a tomar mais cuidado comigo.

Não foi difícil estabelecer com Renée uma certa cumplicidade contra eles, a princípio não manifestada abertamente. Limitava-se por enquanto a olhares disfarçados em face das macaquices do Mellardo e das expressões pretensamente significativas do cara de rato. Mas já era um começo. As meninas que nos assessoravam logo perceberam a situação e riam-se, virando o rosto para disfarçar. A maioria delas detestava-os dissimuladamente. Seu papel ridículo e sobretudo o nosso constrangimento eram evidentes para todos. Apenas eles pareciam não se importar, ou não perceber, que eram motivo de riso. Nunca mais fiquei na loja além do estritamente necessário.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Ao contrário deles, Renée e eu fomos aos poucos fazendo amizade entre as meninas, o que não era nada difícil. Acostumadas a tanta arrogância e presunção, bastava um tratamento humano para serem conquistadas. Em pouco tempo ganhamos seu verdadeiro respeito, e dos olhares de cumplicidade elas logo passaram às confidências. Logo ficamos sabendo o que uma delas vira acontecer entre Bartolomé e Mellardo depois de fecharem a loja. Objetos do mesmo desejo, o conhecimento mais específico de nossa situação ridícula acabou aproximando ainda mais Renée de mim, já que ambos éramos igualmente visados.

Invariavelmente Mellardo procurava levá-la para almoçar, sob o olhar sapiente das meninas. Renée tentava evitar o quanto podia, mas nem sempre tinha sucesso. Apenas uma delas demonstrava inveja, pois havia sido a preferida até a chegada de Renée. Judite não era uma mulher feia, embora fosse o tipo de pessoa disposta a tudo para realizar suas intenções. Um dia convidei-a para almoçar e consegui, depois de uma boa conversa, fazer um trato com ela. Ela atrairia a atenção do Mellardo e eu rapidamente levaria Renée para almoçar. Ela queria voltar a ser a preferida do Mellardo, e eu chegar até Renée. Na segunda tentativa deu certo. Não sei como ela conseguiu mantê-lo

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

no cofre, mas deu-nos a oportunidade de sairmos juntos para almoçar.

"Ufa! Acho que é a primeira vez que consigo sair sem aquele sujeito horroroso vir junto!", desabafou ela enquanto escapávamos rapidamente da loja.

"Não posso dizer que a invejo por isso."

"Ele é insuportável. Não agüento mais."

"Posso fazer-lhe uma pergunta direta?"

"Claro."

"Você precisa realmente deste emprego?"

"Preciso."

"Por causa de dinheiro?"

De repente seu olhar, que costumava ser meigo comigo, ficou alerta: "Por que? Será que o dinheiro é a única razão para alguém precisar trabalhar?"

"Perdão."

"Não, eu é que peço desculpas", disse ela parando e segurando-me pelo braço. "Estou sendo injusta. Não é você quem merece esse tratamento."

"Deve estar realmente cheia dele. Não me lembro de ter ouvido você falando assim."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Me desculpe, Donato. Vamos combinar uma coisa?"
"O que?"
"Vamos esquecer dele por enquanto."
"Nada mais sensato. Está com fome?"
"Morrendo."
"Então proponho que cuidemos do estômago e do espírito."
"Do espírito também?"
"Então não se lembra do velho deitado?"
"Qual velho deitado?"
"*Mens sana in estomagus cheius*."
"Nada como o empirismo."
"Concordo plenamente." Fiz de conta que entendi e fomos adiante. Achamos um restaurante razoável e conseguimos sentar numa mesa que nos dava relativa privacidade para conversar. Um garçom manco, extremamente magro, trouxe-nos cerveja e água mineral enquanto aguardávamos os pratos.

"Você parece conhecer bastante as jóias. Foi por isso que escolheu este trabalho?"

"É um mal de família. Minha avó e minha mãe tinham muitas. Desde pequena elas sempre me fascinaram. Meu maior orgulho foi

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

ser a preferida de minha avó para cuidar das jóias dela, limpá-las, guardá-las e tudo o mais. Com o tempo fui eleita para ajudá-la a escolher qual a mais indicada para tal ou qual ocasião. Não sei por que ela respeitava meus palpites."

"Faz tempo que percebi que você é uma especialista em bom gosto."

"Obrigada. Devo tudo a ela. Sabe, eu era a queridinha dela entre todas as netas e até mesmo entre suas filhas, minhas tias. E olhe que não eram poucas!"

"Família grande?"

"Muito. Imagine a ciumeira. Minha mãe foi a terceira de seis irmãs. Com meus dois tios, faziam oito. Acho que nunca soube ao certo quantos primos e primas e sobrinhos..."

"Fico pensando no tamanho da macarronada de domingo..." Ela ficava ainda mais linda quando ria. "Tem certeza que não quer um pouco de cerveja?"

"Tenho. Só gostaria que não demorassem tanto com nosso pedido..."

Preciso lembrar-me de dar uma boa gorjeta ao garçom pelo atraso, pensei. "Sua avó sem dúvida fez um grande trabalho."

"Não entendi."

"As pedras..."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Aahh. A família do meu marido também contribuiu. Os árabes têm uma relação muito especial com elas."

"Árabes?"

"Egípcios, para ser exata."

"Ah, sim. O seu sobrenome, agora me lembro."

"Minha sogra é uma mulher de grande importância social em seu país, filha de diplomatas e uma grande admiradora de esmeraldas. Desenvolveu uma predileção especial por elas."

"Quer dizer que seu sobrenome árabe deve-se ao casamento?"

"Sim. Minha mãe era francesa e meu pai, apesar de brasileiro, era uma mistura de sangue austríaco e espanhol."

"Tem uma caneta?"

"Tenho, claro. Na bolsa." Em seguida intrigou-se: "Para que?"

"Para escrever a receita, ora essa."

Desta vez ela não riu, mas o calor de seu olhar quase me derreteu.

"Seu bobo."

"Lá vem nossa comida pulando."

Depois de servir-nos com extrema precisão e economia de gestos, revelando uma destreza e elegância ímpares, o garçom manco retirou-se levando o pedido de mais uma cerveja. Então foi a minha vez de

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

sofrer o assédio da sua curiosidade.

"E você? Além de ser vendedor, não sei mais nada a seu respeito."

"Minha história é comum, não tem nada de especial." Fiz uma pausa, para ver se ela desistia do assunto.

"Não acredito que você seja comum."

"Mas sou. Pode imaginar algo mais comum que um aventureiro? É o que me considero, um incansável perseguidor de aventuras."

"Você é um gozador, isso sim. Vamos, conte-me tudo."

"Se você pegar no sono no meio da conversa, não culpe a mim. Meu pai tinha uma pequena oficina de consertos de eletrodomésticos, e comecei a trabalhar com ele desde cedo. Como sempre gostei de desmontar meus brinquedos para ver como eram por dentro, logo ele percebeu que minha habilidade com as ferramentas podia ser aproveitada. Já está roncando? Ainda não? Bom. Ele ensinou-me muita coisa, mas brigávamos muito. Quero dizer, muito mais do que o normal. Não demorou muito tempo e passei a cuidar da oficina enquanto ele estava fora, atendendo chamadas a domicílio. Depois de um acidente no qual ele quase perdeu o braço a situação se inverteu: começei a fazer o serviço externo enquanto ele permanecia na oficina. O importante era não ficarmos juntos."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Você não parece brigão."

"Nunca fui, mas tive de aprender. O velho era terrível. Pouco depois que comecei o atendimento a domicílio algumas clientes passaram a... telefonar com mais assiduidade. No começo ele pensava que eu estava fazendo serviço mal feito, e me enchia a paciência por isso. Depois foi se dando conta que não era bem esse o caso, até que um dia a bomba estourou. Brigamos feio e saí de casa. Como não tinha para onde ir, alistei-me no exército. Eles estavam precisando de gente como eu, mecânicos de mão cheia — de graxa — e logo me arrumaram o que fazer no quartel. Foi uma época feliz. Não levei muito tempo para ser promovido a cabo com especialização em mecânica. Depois fiz diversos cursos, paraquedismo, mergulho, sobrevivência na selva.

Ela admirou-se. "Tudo isso?"

"Não que eu fosse grande coisa. Há tanta gente burra no exército que qualquer mais-ou-menos como eu logo se destaca. Mas fui promovido de novo a terceiro sargento. Tudo ia bem demais para continuar assim. Você sabe que os militares são por natureza... como dizer... muito gregários, e num dos bailes de fim de ano conheci a filha de um major da reserva. Até hoje não tenho certeza se aquela praga de mulher já estava grávida e me usou como bode expiatório ou

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

se fui eu mesmo o autor da façanha. Não que isso faça alguma diferença. O resultado, claro, foi o mesmo. Era casar com a jararaca ou dar baixa e sumir do mapa, como dizem."

Olhando-me diretamente nos olhos, ela sorria com malícia, abanando a cabeça em negativa.

"Encrenqueiro. E o filho?"

"Nunca mais os vi, nem soube de nada. Mas são elas que me perseguem. As encrencas, quero dizer."

"Donde se conclui que mulher é encrenca."

"Conheço muitas pessoas que concordariam plenamente com você."

"Você não?"

"Em parte. Claro, há o lado bom da coisa. Onde já se viu aventura sem uma boa encrenca?"

"Tenho a leve impressão que o encrenqueiro é você."

"Se for mesmo só impressão, tudo bem. Os sentidos costumam ser enganadores, como sabe. E se fosse convicção, nem por isso você deveria acreditar."

"E por que não?"

"Seria intriga da oposição."

"Com toda essa retórica não é de surpreender que você tenha se

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

tornado um vendedor."

"Em minha opinião a venda é algo desprovido de lógica. Mas a verdade é que resolvi mudar um pouco. Em vez das encrencas me perseguirem, passei eu a andar atrás delas. Como você vê, uma história comum, nada excepcional, sem grandes façanhas. Apenas... aprendi a sobreviver na selva."

"O que não é pouca coisa. Ao menos conseguiu evitar o tédio da monotonia."

"Não sei o que é isso."

"Pois considere-se feliz. Conheço tanta gente atormentada em dúvidas atrozes sobre como passar o tempo."

"Posso imaginar. Não conseguem se decidir se abrem a garrafa de champanhe francesa, a de vinho italiano ou a de uísque escocês. Não sabem se passam as férias no Havaí ou na Côte D'Azur. Realmente é um problema muito sério."

"É o tédio."

"Foi por isso que resolveu trabalhar?"

Ela baixou os olhos, fazendo uma pausa antes de responder.

"Em parte. Começei a trabalhar logo que saí da escola. Pouco depois conheci o Fuad e quando ficamos noivos acabei abandonando

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

definitivamente o emprego. Desde então não trabalhei mais. Hoje sinto muito a falta de uma atividade, e quando li o anúncio achei que não custava tentar."

"Você estudou filosofia, não foi?"

"Sim. Dizem que é curso para mulheres. Mas gostei muito."

"Não sabia que existia uma faculdade de filosofia aqui."

"De fato existe, mas eu cursei a universidade em Paris."

"U—la—lá!"

"Bobo."

"Não ligue. Li isso na sua ficha. E com que trabalhou depois de formada?" Também tinha lido isso, mas resolvi perguntar assim mesmo.

"Magistério. Lecionava português para alunos do curso de literatura e estrangeiros interessados em aprender a língua. O Fuad, meu marido, foi meu aluno."

"Imagino que foi por causa dele que parou de lecionar."

"É verdade. Você não sabe como são os árabes. Nunca pensei que pudessem ser tão tradicionalistas a respeito de certas coisas."

Olhei o relógio. Nossa enorme hora de almoço passara-se inteirinha em menos de dez minutos. Sem dúvida ela era uma dessas pessoas

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

que conseguem, aparentemente sem o menor esforço, fazer os relógios — e os corações — baterem mais depressa.

"Podemos pedir a conta?"

"É bom, acho que estamos atrasados."

"Pois eu tenho certeza de que estamos"

Ela riu com um ar maroto e levantou-se para ir ao toalete.

Nunca me esqueci daquele almoço. Foi nosso primeiro encontro, a primeira vez em que conversamos verdadeiramente à vontade, sem nenhuma interferência alienígena. Marcou o início de nossa amizade. Estava tão contente que precisava dividir minha felicidade com alguém.

"Como se chama?" perguntei ao jovem manco que nos atendera.

"Basualdo, senhor."

"Isto aqui é para você."

Ele arregalou os olhos, movendo curiosamente para trás todo o couro cabeludo, como se usasse uma peruca.

"Muito obrigado! O pessoal aqui me conhece por Bazuca. Da próxima vez o senhor me chame antes de sentar que eu arrumo uma mesa lá em cima. É mais tranqüilo, aconchegante, tem menos gente e não é tão barulhento."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Combinado. Ah, tem mais uma coisa. Quando voltarmos, procure não ser tão rápido com os nossos pedidos. Você me entendeu, não?"

Ele sorriu afirmativamente. Pisquei-lhe o olho selando o trato, encontrei Renée na saída do toalete e voltamos à loja. Felizmente o cão de guarda estava almoçando quando chegamos, e nosso atraso passou disfarçado.

Íntimos o suficiente para combinar discretamente as fugas, no dia seguinte não conseguimos escapulir juntos porque o marido veio almoçar com ela. Mas alguns dias depois nossos verdugos demonstraram clemência e pudemos fazer um lanche juntos durante a pausa do meio da tarde. Aceitando a sugestão do Bazuca, ocupamos uma mesa escondida no piso superior. Ele próprio nos atendeu e em breve estávamos completamente a sós.

"Conte-me como foi parar na França. Você nasceu aqui, não?"

"Nasci. Meu pai era brasileiro, e apesar — ou por causa — disso, conseguiu realizar a proeza de roubar minha mãe de minha avó e trazê-la de Paris para cá. Com todas as filhas que tinha, acho que ela não sentiu tanto assim a falta de uma. Aos treze anos perdi meu pai e então voltamos para a França."

"Para morar com sua avó."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"É. Nunca a vira antes. Fui a única neta que não cresceu perto dela desde o nascimento, e ainda assim acabei sendo a sua preferida.

"Talvez por essa mesma razão, quem sabe?"

"Talvez. Eu tinha muito medo, pois minha mãe falava muito dela. Viúva há muitos anos, ela sempre foi a matriarca da família, nada acontecia sem o seu consentimento. Mulher maravilhosa: era respeitada por todos sem precisar ser autoritária. Éramos amicíssimas. Acho que tinha mais intimidade com ela do que com minha mãe. Fiquei arrasada quando ela morreu. Tinha acabado de entrar na faculdade e acho que foi isso que me ajudou a superar sua perda."

"Com a faculdade vem os namorados."

"Como você sabe? Já lhe falei sobre isso?"

Sua expressão confusa, com aquele seu lindo olhar ligeiramente estrábico, era divertida.

"Não, não falou. Eu é que imagino que você na época fosse apenas um pouco menos atraente do que é agora, o que deve ter sido mais do que suficiente para arrumar dúzias de namorados."

Ela não sabia se agradecia o elogio ou condenava a intimidade excessiva. Não pude deixar de achar a situação engraçada.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"De que está rindo?", zangou-se. E emendou, rápida: "Claro que namorava. Quer ver como eu era?"

"Quero, lógico."

"Acho que tenho uma foto aqui na bolsa. Pronto, veja só : eu e minha avó no *Bois de Boulogne*."

Olhei atentamente para a foto.

"Há quanto tempo?"

"Uns dez anos. Foi pouco antes dela morrer."

"Agora sei de quem você herdou esse porte, essa realeza toda que possui."

"Deixe de besteiras e devolva minha foto", disse ela simulando irritação para tentar disfarçar.

Mas eu continuei sério: "Não é besteira. Sua avó está viva, Renée. Até hoje ela vive através de você, de todo o sentimento que você tem pela memória dela, em todas as qualidades que ela tanto apreciava em você — provavelmente porque eram virtudes comuns a ambas. Basta ver essa foto para perceber isso."

Ficou encabulada. Ficamos a entreolhar-nos em silêncio por alguns momentos.

"Às vezes você me surpreende" disse ela, agora também séria.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Resolvi aproveitar a chance e mudar de assunto.

"Sabe, tem uma coisa a seu respeito que eu ainda não entendi."

"O que?"

"Você me disse que foi o sentimento conservador de seu marido que fez com que deixasse seu emprego."

"É verdade, foi sim."

"Mas agora você voltou a trabalhar. Por acaso ele tornou-se um liberal?"

"Não. Eu é que não tenho mais paciência para tolerar certas coisas." Sua resposta fora sincera, mas dada com uma certa amargura. Estava pronto a arrepender-me pela indiscrição quando ela emendou:

"Já foi casado?"

"Mais ou menos. Oficialmente não."

"Isto quer dizer o que? Que moram juntos?"

"Já moramos. Hoje estou de volta à minha condição oficial de solteiro. Não sou judeu, mas para mostrar que não sou ingrato, uma vez por ano como o pão ázimo junto com ervas amargas, para lembrar dos tempos de cativeiro."

Ela sorriu, não sem uma certa melancolia. "Então com certeza sabe como é difícil a vida em comum."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Acho que se torna difícil quando as pessoas com quem casamos mudam. Para pior, quero dizer. Quando percebemos que não vivemos mais com aquela com quem casamos, a separação torna-se praticamente inevitável."

"Tem toda razão. Conosco também é assim. Muitas vezes não reconheço no Fuad o homem que escolhi. Ele mudou muito."

Pela expressão do seu rosto, a mudança foi para pior. Fiquei quieto um pouco, para variar. Seu silêncio e o olhar abaixado responderam-me. E então foi sua vez de me surpreender:

"E o que faz durante a noite, se não estou sendo muito indiscreta?"

Se havia alguma coisa realmente perturbadora, era observar sua boca enquanto tomava o suco de laranja com canudinho. Fui obrigado a desviar o olhar para não dar vexame.

"Nada de mais. Encontro os amigos, jogamos pôquer ou vamos ao hipódromo. Bebemos. Fumamos. Você sabe, o de sempre. Aliás, hoje é sexta e certamente não escapo de enfrentar os bandidos. E você, o que faz de suas noites, se me perdoa a indiscrição?"

Ela suspirou.

"Cuido de minha sogra, que mora conosco e não tem andado muito bem de saúde. De vez em quando vamos ao cinema, ou jantar fora. Nada de mais."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Nesta última frase sua intenção de imitar minha gestualidade e tom de voz foi evidente. Queria me divertir, e conseguiu.

"Engraçadinha."

Rimos.

"E a sua família, Donato?"

"Continua a mesma. Minha mãe cuidando do velho, cada vez mais rabugento, minha irmã cuidando das crianças. Meu cunhado e eu ajudamos a completar a aposentadoria dos velhos. Aquela vidinha de sempre."

Ela parecia aliviada ao ouvir isso, mas não fez comentário.

"Não deve ser muito fácil para você cuidar de sua sogra", sugeri, buscando usar de tato.

"Mais ou menos. Ela é boa pessoa, mas muito teimosa. Outro dia caiu da escada e por milagre não se machucou seriamente."

"Uma vez tive que socorrer um sujeito ferido a bala durante uma noite inteira. A lancha que o levaria do garimpo até a cidade, que ficava quilômetros mata a dentro, só chegou de manhã. Foi uma das piores experiências que tive na vida."

"Ele sobreviveu?"

"Não. Disseram que morreu no caminho."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"E o que fazia você num garimpo mo meio do mato?"

"Mergulhava pelo vil metal. O mergulhador chega a receber até metade de todo o ouro extraído."

"Mergulhando?"

"No rio."

"Como na caça submarina?"

"Não, é bem diferente. No rio a água é barrenta e não se enxerga absolutamente nada. Trabalha-se apenas pelo tato. Você tem nas mãos uma mangueira larga, uma espécie de aspirador de pó tamanho gigante com o qual varre o fundo do rio. Uma outra mangueira mais fina traz o ar e há ainda uma corda que serve de guia de segurança."

"Deve ser perigoso."

"Nem tanto. É preciso saber controlar a mangueira de sucção, que manda para cima o cascalho suspeito de conter o ouro, e conhecer bem a linguagem codificada dos puxões na corda para nos comunicarmos com a barcaça de forma inequívoca. E ter muita sorte, claro. Quando você acha um filão, seus próprios colegas podem querer cortar seu tubo de ar, ou cravar-lhe uma faca nas costas, coisas assim. O risco é mínimo, como vê. Mas se não fosse, a porcentagem do mergulhador seria obviamente menor."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Agora entendo o que quis dizer quando me contou que era um aventureiro. Você deve ter muitas histórias para contar."

"Algumas."

"E você ficou rico lá?"

"Em experiência de vida, sim. Quanto ao ouro, não foi muito nem pouco. Deu para quebrar o galho. A verdade é que as únicas pessoas que enriquecem num lugar como aquele são os comerciantes que sustentam os garimpeiros, vendendo-lhes tudo literalmente a peso de ouro. E como não estava disposto a passar o resto da vida naquele fim de mundo, trocando bugigangas por metal amarelo, voltei. Mas não me arrependo. Lá vive-se na fronteira. Como nos filmes de faroeste, só que com esta pequena diferença: é real."

Ela estava excitada.

"Ah! se fosse homem seria como você, correria o mundo atrás de aventuras! Conte-me mais."

"Sabe que cheguei a escrever um dicionário?"

"Aventureiros e escritores de dicionários parecem ser ocupações diametralmente opostas", disse ela franzindo as sobrancelhas.

"Um dicionário da linguagem do garimpo. Certamente você não pensa que lá se usa um vocabulário como o nosso."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Nunca pensei no assunto. Suponho que não."

"Lá fala-se um português meio diferente. Por exemplo: *guacheba* significa pistoleiro de aluguel. O policial é chamado de *cão*. Um *manso* é um sujeito experiente, vivido; já o *brabo* é o oposto: o afoito, o recém-chegado afobado. O melhor de todos é o *manso-lerdo*, aquele que é muito experiente." Ela ria, divertida.

"Mas afinal, por que fez esse dicionário?"

"Quem vive na cidade não pode imaginar a importância das palavras num lugar como aquele. Eles próprios se autodenominam os *escarrados da sociedade*, gente que nunca teve um lugar aqui, e se teve foi expulso pela miséria, a fome, o crime, a prostituição. Segundo um ditado muito repetido para os brabos lá, quem fala muito vive pouco. Pode-se morrer ou continuar vivo apenas por uma palavra. Errada, pode ser mortal. Certa, talvez signifique a fortuna, a riqueza."

"Era uma questão de sobrevivência, então?"

"Sem dúvida."

"Aqui na cidade o sucesso também depende das palavras certas."

"Só que ninguém as colocou num dicionário."

"Acho que todos sabemos quais são."

"O Mellardo e o cara de rato estão esperando ansiosamente por elas."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Ela desatou a rir. “Ele tem mesmo cara de rato...”

Batia a meia-noite e minha carruagem já virava abóbora. Pagamos a conta, incluindo a gorjeta do Bazuca e saímos. No caminho de volta ela deu-me o braço enquanto andávamos. Achara a história do dicionário muito interessante e tive que prometer-lhe uma edição completa. Aproveitei para pegar sua mão e esfregar na manga da minha camisa.

“Que está fazendo?”

“É para dar sorte.” Ela não entendia. “Sorte no jogo, quero dizer.”

“Ah, sim, agora me lembro. Hoje você joga com os amigos.”

“É mais correto dizer *contra* eles. Aposto que com sua preciosa ajuda vou tomar todo o dinheiro daqueles pilantras.”

“Está bem, mas com uma condição: se ganhar você paga o almoço de amanhã.”

“Com o maior prazer, mas acho que o seu marido não vai gostar muito disso.”

Ela olhou-me, intrigada. Continuei:

“Se ele já não quer que você trabalhe durante a semana, imagino que não aprecie nem um pouco a idéia de perder você também no sábado.”

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Ah! Tinha me esquecido deste detalhe. Segunda, então.” disse ela meio decepcionada.

Se não estivéssemos de braços dados, acho que esfregaria as mãos de contentamento.

“Claro, meu talismã, claro...”

****

© 1997 Tara Publications ™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Durante o jogo, que daquela vez foi na casa do maestro, cometi o grave erro de contar para aquela alcatéia minha conquista em andamento. A princípio não deram muita atenção mas depois que os limpei devidamente, tornando convincente o motivo de minha sorte no jogo — a mesa era totalmente supersticiosa — Renée tornou-se o assunto da noite. O Gino, que gostava destas histórias de mulheres casadas, ficou entusiasmado. Queria logo conhecê-la, mandar surrar o marido e outras bravatas.

"Com todos os diabos do inferno se não vir esta mulher que me fez perder uma fortuna com um *full-hand* na mão!" dizia ele com seu vozeirão, quase tão grave e profundo quanto sua enorme pança.

"Fazer você perder é fácil, qualquer um aqui está cansado dessa moleza. O que é duro, difícil mesmo, praticamente impossível, é fazer o Donato trabalhar", disse o maestro.

"O Gino só gosta de perder para uma quadra quando está blefando com um parzinho", acrescentou Justino, abrindo outra garrafa de uísque.

"Nunca gosto de perder, seu pato."

"Só que desta vez ele se deu mal. Plantado com um *full,* jamais imaginaria que o meu parzinho de sete chamaria mais um!" disse eu,

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

arrancando das garras do congelador a última bandeja de gelo durante o breve intervalo para serviços gerais: mais uísque, gelo, ir ao banheiro, etc. Naquela noite estávamos sem companhia feminina.

"Só mesmo um maluco para blefar com um par contra jogo feito" retrucou o juiz, colocando na mesa a garrafa cheia e retirando a vazia.

"Maluco não: bom jogador," corrigi.

"Maré de sorte..." disse o juiz em tom de desprezo. "Assim como o Gino aqui está numa maré de azar. No final das contas tudo se equilibra."

Mas o Gino estava de mau humor. Detestava perder e não perdoou:

"Não me venha dar uma de padre só porque também trabalha de preto, Justino! Eu tenho que suar a camisa e ainda corro o risco da banca. Você só precisa assinar um papel bolorento para receber a bolada. Ferradura safado!" Quanto mais bebia, mais alto falava.

"Fale baixo, porcão!" disse o maestro, temeroso das habituais reclamações dos vizinhos.

"Cala a boca, careca!" E mudando de assunto: "O Picote me ligou hoje para avisar de uma barbada para amanhã, caso alguém esteja interessado", disse o Gino num tom falsamente casual.

"Aqui ninguém se interessa por lucros espúrios", revidou o juiz. E logo emendou: "Qual? Qual?"

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Itasca, no quinto páreo."

"Mas isso é uma ocasião!" Tudo para o juiz era 'uma ocasião'.

"Já vi tudo: vão salgar a potranca com anfetamina."

"Isso mesmo. Carne seca da boa."

"Então vamos lá fazer uma fézinha, ora. Que tal, Regis?"

"Não posso, tenho ensaio para o concerto de domingo. Além do mais, estou duro."

"E você, Donato?"

"Eu estou nessa."

"O Dourado não falha. Então está combinado, nos encontramos na casa do Justino e de lá saímos juntos, ok?"

Dourado era meu apelido, devido às minhas aventuras no garimpo.

"Bem, se vamos ao hipódromo amanhã é melhor encerrarmos logo a mesa, antes que fique muito tarde." Minha proposta, além de realista quanto ao horário era de meu interesse, pois não queria dar-lhes a chance de recuperar tudo o que haviam perdido.

"Deixe de ser brocha, Dourado", disse o Gino.

"Eu concordo com ele", disse o juiz.

"Quinze minutos para a última rodada de *stick*", vaticinou o maestro. As quatro mãos de aberto não alteraram significativamente

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

a mesa, e demos por encerrados os trabalhos da noite.

No dia seguinte nos encontramos na casa do juiz por volta do meio dia. Tomamos o café da manhã da Minervina, que era uma mistura de mãe, ama seca e empregada doméstica do Justino — embora oficialmente só o último título fosse admitido — e fomos para as corridas no carro do Gino.

"Justino, você tem que mandar colocar mais luz aqui nessa droga de garagem. Quase bati o carro na coluna quando cheguei."

"Barbeiro como você é, não sei como seu carro ainda está inteiro", respondeu o juiz.

"Ele ganhou a carta de motorista numa mesa de pôquer", emendei.

"Engratzadinhos", dizia o Gino com seu sotaque. "Aposto que você nem carta de moto tem, seu zafado."

Ele nunca perdia a chance de me amolar por causa da moto, que perdera para mim numa famosa mão de pôquer. Reconheço que era uma perda difícil de admitir, especialmente quando se revê o objeto perdido freqüentemente. A moto, uma Harley-Davidson 1958, completa com um *side-car* e praticamente novinha em folha, tinha sido recebida por ele como pagamento de dívidas de jogo poucos dias antes de mudar novamente de dono, graças a um Ás de ouros. Nenhum de nós tinha

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

absolutamente nada, nenhum jogo na mão — embora apostássemos como loucos — e meu Ás bateu o dele, que era de copas. Nunca vi gargalhada maior na mesa. Não era à toa que sempre que a via, Gino me enchia a paciência. Queria de todo modo recuperá-la.

"Como é, Dourado, está cuidando bem da minha moto?"

"Cale a boca e dirija."

"Ela está meio suja. Nunca manda lavá-la, seu porcalhão?"

Nervoso, ele acelerava demais e o juiz não se conteve :

"Olhe a coluna! Não vá derrubar o prédio em cima de nós!"

Mas ele continuou: "Quero que me devolva ela limpa, ouviu?"

Resolvi esfriar-lhe o ímpeto revanchista :

"Depois que você me entregar as peças que estão faltando, então talvez, veja bem, talvez eu pense no assunto."

Aquilo o assustou.

"O que? Que peças? O que é que está faltando?" Esbaforido, ele olhava mais para mim, sentado no banco de trás, do que para o caminho à sua frente.

"Olha pra frente, seu!" exclamou o juiz, dando-lhe um safanão.

Ele mordera a isca. Estava na hora de fazê-lo sofrer um pouco.

"Vê como são as coisas, Justino? O sujeito recebe a moto e nem

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

mesmo sabe se ela está completa, se não tiraram nenhuma peça...”

O juiz, divertido com a preocupação do Gino, observava-o com um ar sério e emendou: “Dizem que nasce um otário a cada minuto.”

“Faltando o que, seu bosta! Faltando o que? Acha então que não conheço motos, que não sei? Quero ver! Eu pago, ouviu? Pago em dobro se estiver faltando alguma coisa!”

Era o que eu queria ouvir.

“Então prepare-se, porque uma suspensão traseira não é barata.”

“Macché?”

Estava colérico, voltado para trás e sacudindo a mão com os dedos juntos. Aquela é uma rabo-duro! Como pode ter vindo sem a ...” Só então percebeu a piada. A moto não tinha suspensão traseira.

“Disgraziato! Coglione! Deficiente! Morto di fame!”

Eu e o juiz rebentamos de rir, pois ele detestava ser vítima de trotes. Enquanto dirigia enfezado ia resmungando em italiano: *“Uno di questi giorni ti prendo, Dourado. Uno di questi giorni... Scemo! ”*

Quando chegamos no hipódromo os participantes do segundo páreo estavam sendo alinhados para a largada, mas não prestamos muita atenção. Buscávamos um investimento com retorno garantido, e fomos logo procurar a relação do quinto páreo. A pedra não indicava *forfait*.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

O quinto, para ser corrido na grama por potrancas com mais de três anos, era um páreo aparentemente equilibrado. A relação das concorrentes era a seguinte:

1 - Sitka
2 - Brigantine
3 - Muncie
4 - Willits
5 - Odlin
6 - Salomé
7 - Bogalusa
8 - Itasca
9 - Milagrosa

Gino e o juiz, que costumavam apostar pesado em ocasiões como aquela, discutiam a estratégia de apostas na formação das duplas, pois para ponta e placê não havia dúvida. Restava saber a relação de pagamento, que normalmente só assumia uma posição definida pouco antes da largada. Mas aparentemente Brigantine, Odlin e Bogalusa eram as mais fortes candidatas a placês.

Até o quarto páreo nos divertimos com apostas pequenas, esquentando o clima para a apoteose. Na abertura do quinto páreo a

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

número dois Brigantine aparecia como favorita, pagando 2 por 1, seguida de perto por Salomé número seis a 3 por 1 e Bogalusa a 3,5 por 1. Nossa barbada Itasca estava cotada a 7 por 1 e o azarão era Sitka, a 45 por 1, seguida de perto por Willits, a 28 por 1. Meus dois amigos foram apostando suavemente nas duplas possíveis, deixando para descarregar no último momento o jogo pesado na ponta e placê, evitando derrubar a cotação e chamar a atenção sobre a barbada. De minha parte, eu seguia meu velho costume de nunca comprar nada ser ver a mercadoria primeiro, e esperava a volta de apresentação em frente à raia enquanto fazia minhas contas junto à cerca.

Minha prudência provou ser de valia. As favoritas mostraram-se de fato os mais belos animais do páreo, mas a número nove Milagrosa e a cinco Odlin também podiam ser vistas com atenção, especialmente por não estarem tão cotadas. Já a nossa barbada, uma das últimas a sair do Paddock, mostrou um comportamento bem estranho: apesar da boa aparência, recusava as rédeas resfolegando e alternando o lento passo de saída com um trote de lado meio esquisito, espirrando e bufando muito. Não inspirou confiança e decidi adotar outra tática de aposta. Resolvi dividir meu dinheiro na ponta e placê entre ela, já que era a barbada mesmo, e as potrancas Milagrosa e Odlin, que

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

pagavam razoavelmente. Formei as duplas com as favoritas e fui para os guichês.

Nas filas procurava ansiosamente os dois para avisá-los da possível decepção. Não seria a primeira vez que uma barbada teria sido cantada em falso, apesar dos informantes de Gino serem quase sempre confiáveis. Ladrão não rouba ladrão, como dizia o Medalhão. Quando consegui avistá-los já era tarde. A cotação de Itasca caíra para 4 por 1 enquanto minhas alternativas para a ponta permaneciam firmes em 11 e 9 por 1, o que não era mau. Gino já percebera qualquer coisa através do binóculo. Aparentemente nossa barbada recusava o alinhamento no *starter*, e quando contei-lhes minha impressão ao vê-la de perto ambos apenas entreolharam-se em silêncio, gelados, sem fazer nenhum comentário. Ele não desgrudava do binóculo e juiz passou a me contar como tinham apostado. Não era à toa que ambos estavam suando frio: haviam arriscado uma pequena fortuna.

Dada a largada, Itasca assumiu logo a ponta abrindo boa vantagem, seguida de perto pelas favoritas Brigantine e Salomé. Os dois ficaram entusiasmados. No bloco intermediário vinham minhas alternativas Odlin e Milagrosa, e já no início da curva Sitka confirmava sua cotação de azarão na última posição. A briga pela ponta continuou boa durante

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

toda a curva até a entrada na reta oposta, quando o ataque das favoritas passou a diminuir a diferença entre elas. Aparentemente Itasca dera tudo o que tinha no começo e não parecia firme o suficiente para manter a ponta até o final, o que ficou confirmado quando, cedendo terreno para Brigantine assumir a ponta, Itasca mal conseguia manter a segunda colocação, assediada de perto por Salomé. Foi então que Odlin disparou por fora pouco depois da reta oposta, deixando as duas para trás e correndo para disputar a ponta com a favorita.

O Gino quase jogou o binóculo no chão para sapatear em cima. O juiz assistia impassível a seus milhões perdidos, enquanto ouvia serenamente as juras de morte proferidas por Gino contra Plínio Picote, o traficante e informante responsável pela 'barbada' que os empobrecera um pouquinho. Ao contrário dos dois, que estavam pregados no chão, eu berrava e saltava junto à cerca pela minha Odlin, que na reta final disputava a ponta cabeça a cabeça com a favorita Brigantine. Pagando 9 por 1, Odlin na ponta me devolveria o investido nas outras apostas acrescido de um considerável lucro. Cruzaram o disco juntinhas, e a decisão ficou para depois da foto. O Gino anunciou secamente que nos esperaria no carro e saiu espumando e rasgando as pules.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Justino, depois de hesitar um pouco, resolveu acompanhá-lo. Naquele estado qualquer fagulha causaria uma explosão de seu temperamento *appassionato* e numa hora como aquela seria prudente ter por perto alguém como o juiz, habituado a manter sempre a calma. Dirigi-me aos guichês pagadores e quando cheguei lá o resultado de Odlin na ponta e Brigantine no placê foi confirmado oficialmente. Recebi a bolada e segui para o carro pensando em Renée. Não podia haver mais nenhuma dúvida: aquilo era obra dela. Tinha de ser. Preciso esfregar-me mais naquela mulher, pensei. Desci das nuvens para entrar no carro. Os dois continuavam em silêncio, e nem mesmo meu convite para jantar conseguiu desanuviar o ambiente.

"Carregaram demais no sal de anfetamina. Provavelmente deu tudo o que tinha logo de cara, queimando todo o gás antes do final. Serviço de amador. Na apresentação ela já estava meio esquisita."

"Pode ter certeza que logo estarei sabendo de tudo", rosnou Gino. Estava num péssimo humor. Perder dinheiro era para ele pior do que tomar veneno. Recusou o convite do juiz para afogar as mágoas com um palavrão. Achei melhor ir para casa também e nos despedimos ali.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

A segunda-feira amanheceu radiante. Saí de casa enlevado, assobiando junto com os passarinhos, rindo de qualquer besteira. Não é sempre que nos encontramos assim, especialmente numa manhã de segunda indo para o trabalho. Quase podia ouvir roçando-me as orelhas, bem atrás de mim, o bater de asas do meu anjo da guarda. Naquele dia até o Mellardo recebeu um sorriso e um aperto de mão.

"Bon dchia", respondeu meio desconfiado.

"Que houve, Fulgencio? Aconteceu alguma coisa?"

"No, no..."

"Você não acha que está fazendo uma linda manhã?"

"Atcho."

Ele não estava entendendo bem. Achou estranho, pensou que fosse mais uma gozação. Já tinha sofrido bastante comigo, pobre coitado.

"E isso não te deixa contente?"

"Que pasó, Donato? Estas contente demás..."

"Tive sorte nesse fim de semana."

"Ah, si?"

"Acertei num cavalo e ganhei um dinheirinho."

Quando soube do palpite certo no prado ficou interessado.

"Magnifico, magnifico! Pero me lo diga : sempre tienes estas... como dices, barbeadas?"

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Barbadas, Fulgencio. De vez em quando."

"Mira, quando souber de otras más, avise a su amigo aqui, está bien? Seguro? "

"Quer umas dicas também, é?"

"Claro! Conoces alguien de lá?"

"Tenho minhas fontes."

"Vamos a tomar um cafécinho..."

Renée vinha chegando.

"Não, obrigado. Acabei de tomar um", menti. "Mas se você ficar bonzinho e for um rapaz bem comportado, na próxima vez eu o aviso."

Ele deu um risinho amarelo e aproveitou para cumprimentá-la. Renée definitivamente chegou com cara de segunda-feira. Seu fim de semana não devia ter sido dos melhores.

"Ola! Que tal, todo bein?"

Ela quase espirrou em cima do Mellardo ao dar-lhe a mão. Custei a conter o riso. Devagarinho ele estava aprendendo a nos tratar como gente. Finalmente começava a perceber que com seu jeito de cafetão portenho jamais conseguiria nada de Renée, exceto talvez um resfriado. Mas não se corrigia, o sem vergonha.

"Béssima", disse ela pelo nariz.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Devias ter ficado a cassa", disse ele num acesso de generosidade. "Seria bior. Bom dia, Donado."

"Bom dia", respondi, aliviado pela sua recusa em voltar para casa e nos privar de sua divina companhia. Como dizia aquele velho provérbio chinês, melhor uma deusa resfriada do que nenhuma.

A manhã foi bem fraca em termos de clientes, nada que as meninas de uniforme não pudessem resolver: informações de preço e uma ou outra pergunta boba aqui e ali. O cara de rato telefonou avisando que não apareceria e o Mellardo aproveitou para sair e resolver alguns assuntos particulares. Conversamos durante a manhã toda. Contei-lhe a respeito da noite de sexta na mesa de pôquer e do sábado nas corridas. Apesar de abatida, seu encanto e charme não diminuíram: tinham mudado apenas, assumindo nuances até então desconhecidas para mim. Mas no fundo Renée parecia triste, e esforcei-me para distraí-la com algumas historietas engraçadas.

Ela se divertia ouvindo as bobagens de meus amigos, sentada, com o queixo apoiado na mão segurando o lenço, cotovelo sobre o joelho e as pernas cruzadas. Seus olhos eram duas pedras de esmeril girando, girando, desgastando lentamente minha alma enquanto emitiam uma chuva de faíscas absorvida pelos meus pobres olhos, admiradores

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

incansáveis daquele espetáculo. Não fui mal sucedido, pois logo a hora do almoço chegou e pude cumprir minha parte no trato: fomos almoçar.

"Justamente no seu dia de sorte, você não come?"

"Não estou com fome."

"Mas você foi a responsável pela minha sorte. Deveria participar da comemoração."

"Desculpe, Donato. Podemos adiá-la para um outro dia? Hoje não estou mesmo boa."

"Está bem, vamos adiar. Mas lembre-se: adiar não é cancelar!"

Mesmo abatida, seu sorriso era contagioso. Bazuca também mostrou-se preocupado com ela:

"A senhora não gostou da comida?"

"Não, não é isso."

"Se não estiver boa eu troco, ou a senhora pode escolher alguma outra coisa."

"Obrigada, Bazuca. A comida está ótima, eu é que não estou boa."

Nosso amigo garçom retirou-se desolado. Estava começando a se acostumar conosco.

"Estou desconfiado que esse seu ar tristonho não se deve apenas ao resfriado."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Fez-se uma pausa. Sem responder, ela apenas olhava alternadamente para mim e para o prato.

"Não quer me contar?"

Ela deu um longo suspiro.

"Passei o fim de semana num ringue. Brigas e mais brigas."

"Seu marido?"

"Quem mais poderia ser?"

"Vocês parecem cão e gato. Por que brigam tanto?"

"Todos os motivos possíveis e imagináveis. A mãe dele, a casa, o dinheiro, meu emprego, tudo. Você não imagina quantas e quantas vezes olhei para o relógio, impacientíssima, contando as horas que faltavam para chegar a segunda-feira."

"Há quanto tempo estão casados?"

"Cinco anos."

"Tem filhos?"

"Não. No começo eu quis, mas ele não. Agora é o inverso. Este é mais um dos motivos de nossas discussões."

"Pelo pouco que sei, meu palpite é que vocês não combinam muito bem um com o outro."

Ela suspirou.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Ele mudou muito, Donato. Quando nos conhecemos ele era tão diferente! Hoje não o reconheço mais. Bem que minha mãe me avisou. Burra, idiota que fui! Deveria tê-la escutado. "

"Ela não gostava dele?"

"Não. Mas provavelmente também não gostaria de nenhum outro, salvo se fosse o filho do primeiro-ministro ou coisa assim. Minha mãe é um poço de preconceitos. Por isso não dei bola, achando que era mais uma das implicâncias dela. Mal sabia eu o real significado de se fazer parte de uma família árabe. Parece coisa do outro mundo. Você tem que cumprir absolutamente tudo o que a tradição impõe, caso contrário... Você sabia que até o seu peso é vigiado?"

"Peso?"

"Mulher de árabe tem que ser gorda! Ficar na cozinha o dia inteiro fazendo comida! Você não sabia? Nossa obrigação é ter um monte de filhos e engordar!"

Não me contive, tinha de rir. Não tanto pelo assunto em si, mas pela sua indignação.

"Falando nisso, que tal se você comesse pelo menos um pouquinho?"

"Não consigo, hoje não tenho mesmo fome."

"Já que não pensa em si mesma, pelo menos leve em consideração

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

a preocupação das pessoas que lhe querem bem."

Aquilo a desarmou. Meio sem jeito, começou lentamente a beliscar a comida, enquanto seus olhos encabulados passavam do prato aos meus.

"Conheço alguém que não rejeitaria uma bisteca destas por nada neste mundo. Pena que ela não esteja aqui agora. Seria um banquete."

"Quem?"

"A Kim, minha cachorra."

"Não sabia que tinha uma."

"Pois tenho. Toma conta do apartamento enquanto estou fora."

"Que graça! Sabe, eu adoro cães. Quando morava com minha avó ganhei um pastor escocês de aniversário. Nunca ela me deu um presente tão querido."

"A Kim também é pastor, só que alemão."

"E o que você dá de comer à pobrezinha?"

"O que todo pastor alemão come, ora: *einsbein* com chucrute, *kassler, schnitzel*..."

"Palhaço."

"Por que pobrezinha?"

"Não é um animal um pouco grande para um apartamento?"

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"É um pouco sim, de fato, mas ela é uma menina bem educada. Nunca faz sujeira em casa."

"É mesmo? Como...?"

"Saímos todas as manhãs e à tarde, quando chego, levo-a para mais uma voltinha. Às vezes saímos à noite também."

"Que bom que você gosta de animais." Quase lati em resposta.

"Este pastor escocês não é aquele grandalhão, todo peludo e desajeitado?"

"Esse mesmo. Quase não se consegue dizer qual ponta é a cauda e qual o focinho."

"Como se chama?"

"Chamava-se. Alphonse."

"Você não o tem mais?"

"Não."

"Aposto que foi sua avó que o batizou."

"É verdade. Como...?"

"Palpite."

"Fico abismada com a *nonchalance* de seus palpites."

"Sempre fui palpiteiro. Mas dar palpites é fácil, qualquer um pode fazer. O difícil é acertá-los."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Você não aparenta ter dificuldades nisso."

"É a sua presença. O bom palpite precisa de um certo clima favorável para surgir. Não pense você que ele brota de uma fonte inesgotável. Existe um não sei que, uma espécie de força magnética que tem o poder de atração sobre ele." Dizia isso com meus olhos cravados nos dela. Então fiz uma pausa. Ela simplesmente me olhava, buscando uma certa neutralidade de expressão no rosto. Como permanecesse muda, continuei: "Você tem essa energia." Notei que ficou meio sem jeito, sem saber o que dizer. "Mas não vai mantê-la por muito tempo se não comer", ralhei. A bronca devolveu-lhe o humor e o sorriso.

"Nunca ouvi falar disso."

"Nunca ouviu falar do que?"

"Dessa sua teoria sobre os palpites."

"Como acha então que acertei nos cavalos?"

"Sorte."

"É, de fato. Tive a sorte de conhecer você."

"Pare com isso, Donato." E mudando de tom: "Você tem apelido?"

"De família não. Mas a turma do pôquer me chama de Dourado, às vezes. E você, tem?"

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Tenho. Isto é, tinha. Foi minha avó quem o escolheu. No dia do primeiro aniversário que passei na França, junto com o Alphonse ganhei também o apelido de Minouche. Dali em diante passei a me sentir realmente em casa. Engraçado, não? Um nada, uma besteirinha dessas, pode fazer toda a diferença do mundo."

"É o sentimento. Só ele pode fazer toda essa diferença."

"Não quero sobremesa, sim?", disse ao levantar-se rapidamente, quase fugindo para o toalete numa carreira desenfreada. Parecia que tinham incendiado seu traseiro.

"Ei, quem falou em...?"

Bem, de qualquer maneira eu queria sobremesa, e tratei de chamar o Bazuca.

Com o passar do tempo Renée começou a mostrar suas habilidades como vendedora. Ao fim do segundo mês já se sentia mais segura, enfrentava com desenvoltura os clientes e tivera a oportunidade de fechar alguns bons negócios. Observava bem os fechamentos de venda que o Mellardo e eu fazíamos e estava aprendendo depressa. O clima na loja também tinha ficado melhor desde que o Mellardo se conscientizou de que não tinha a mais remota chance com ela. Não que ele houvesse desistido; estava apenas mais calmo, talvez esperan-

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

do o momento oportuno para atacar. E assim o nosso segundo mês na loja transcorreu *à la merveille*, como dizem os franceses (ela estava me ensinando). O rato que ruge estava contente com o nosso desempenho e até já mencionara a possibilidade de um aumento, zero vírgula não sei o que, nas nossas comissões. Uma generosidade comovedora.

Durante aquele mês inteiro preocupei-me apenas em consolidar nossa amizade. Aos poucos a discrição foi dando lugar à curiosidade permanente da alma feminina, especialmente em relação à vida sentimental dos amigos homens. Embora procurasse fazer poucas perguntas diretas sobre seu casamento, minhas confidências provocavam ocasionais confissões de desespero, originadas pela proximidade do fracasso conjugal vivido por ela. Apesar de muito interessado eu procurava não estender o assunto, preferindo contar alguma história das minhas andanças para desanuviar o clima, pois sua dificuldade em sustentar o equilíbrio diante das pessoas era cada vez maior.

A situação para ela não devia mesmo estar sendo fácil. Pouco depois do início de nosso quarto mês de trabalho na joalheria notei Renée profundamente alterada. Estávamos mais amigos do que nunca e eu

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

já aprendera a ler seu estado emocional nos menores gestos. Alguma coisa realmente séria estava acontecendo em sua casa. A esta altura eu sabia inclusive dos pormenores de suas diferenças com o marido e a sogra, mas nunca seu estado emocional, normalmente estável apesar dos pesares, fora assim tão bruscamente chacoalhado. Ela andava tonta, alheia a quase tudo, esquecida até mesmo de detalhes corriqueiros no quotidiano da loja. Estava decidido a ter uma conversa franca com ela a respeito do assunto quando apareceu na loja uma cliente, muito *sui generis*, que acabou precipitando os fatos.

Mulher bonita até, de riqueza e status social evidentes mas extremamente egoísta, indiscreta e espalhafatosa tanto nos modos quanto no gosto. Tudo nela era exagerado: o tom e o volume da voz, os gestos, as cores berrantes das roupas, a quantidade e o tamanho das jóias. Usava coisas evidentemente caras e de qualidade, mas que não combinavam entre si ou com ela própria. Sua voz estridente conseguiu a proeza sem precedentes de tirar o cara de rato de sua sala para ver o que estava acontecendo. Mesmo sendo conhecida de Bartolomé ela conseguiu surpreendê-lo — mais tarde ríríamos com a expressão em seu rosto ao nos confessar que saíra da sala pensando que alguém estava passando mal dentro da loja, e quando a viu correu de volta

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

para dentro, mandando avisar que não estava.

Cecilinha Gama era o oposto de Renée em tudo. Ela era e tinha que continuar sendo sempre o centro das atenções, e infelizmente no momento em que entrou na loja só Renée estava livre para atendê-la. A batalha entre as duas foi memorável. Seu desgosto foi tão profundo, a ojeriza pela outra tão acentuada e imediata que mesmo sua mais discreta elegância no trato com a cliente conseguia ser insultuosa. Ela respondia aos verdadeiros berros de Cecilinha Gama com um quase sussurro, olhando-a direto nos olhos. Obviamente, se havia alguma intenção de compra, foi no mesmo instante transformada em intenção de irritar. Ela fez Renée mandar buscar virtualmente todo o mostruário da loja, nunca se contentando com nenhuma das peças mostradas com uma impaciência chinesa.

Felizmente o casal que eu atendia se foi e pude dar-lhe uma mãozinha, pois aquilo com certeza acabaria em confusão. Aproximei-me com cautela, mas disposto a substituir Renée no atendimento da madame para evitar um mal maior.

Cecilinha trazia nos braços quilos de ouro em pulseiras. O furo em sua orelha transformara-se num rasgo pelo peso dos enormes brincos que usava. “Pelas jóias que usa posso ver que a senhora aprecia as

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

peças maiores," interrompi. Ela foi receptiva:

"É, mas parece que vocês não tem muita coisa nesse estilo aqui, não é mesmo?" O tom era de desprezo, aparentemente pelas jóias mas sem dúvida endereçado a Renée.

"Por que você não mostra a ela aquelas peças que estão no mostruário do mezanino?"

Renée olhou-me fixamente, pois sabia muito bem que não havia nenhum mostruário no mezanino. Demorou o que me pareceu uma eternidade para entender, e por fim pediu licença e subiu. Fiquei ali entretendo a madame, que assim que ela saiu tornou-se repentinamente simpática, sorridente e interessadíssima em mim.

"O Bartolomé me disse que contratou um par de ótimos vendedores, mas acho que se enganou a respeito dessa moça."

"A senhora o conhece?"

"Bartolomé? Há anos! Quando ele chegar, diga-lhe que Cecilinha esteve aqui."

"Sem dúvida. É um prazer conhecer as amizades da casa."

"O prazer é todo seu, queridinho."

Sorri por condenscendência à sua tentativa de humor. As meninas escondiam o rosto, tentando abafar o riso. Cada vez que ela se movia

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

a loja inteira ouvia o tilintar das enormes pulseiras. Aquilo devia pesar uma tonelada, e eu me espantava com o fato da mulher não parar quieta. Tilintava como uma caixa registradora de hipódromo em dia de grande páreo.

"Será que a sua coleguinha vai demorar muito?"

"Não, logo estará de volta."

"Tem certeza?" disse ela suspendendo os olhos para o mezanino e passando-os descaradamente sobre mim na volta, parando na altura da minha cintura. A mulher era mesmo sem vergonha. Ficamos ali conversando fiado até que finalmente Renée desceu, já mais fria e com o equilíbrio recuperado.

"Queira nos desculpar, mas exatamente aquele mostruário foi retirado ontem para polimento. Deve retornar da oficina amanhã."

"Então voltarei noutro dia. Obrigada, meu bem." E voltando-se para mim com olhos langorosos: "Espero que da próxima vez possamos fazer um... ótimo negócio. Até logo."

"Prazer em conhecê-la, dona Cecília."

"Cecilinha", disse ela estendendo-me a mão. "O prazer foi todo meu, de verdade." Meu sorriso não podia ser mais amarelo. Notei que ao meu lado Renée fazia um esforço enorme para se conter.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Ficamos ali observando a madame sair, e somente depois de ter certeza disso voltei-me para ela: "Acho que merecemos um café, não?" Ela não precisou usar a voz para responder.

No caminho esperei até que ela se libertasse de sua raiva da tal Cecilinha. "Mulherzinha vulgar. E que descaramento!"

"Ela é amiga do Bartolomé."

"Como é que alguém pode ser amigo daquela jararaca?"

"Sugiro que da próxima vez que ela aparecer..."

"Da próxima vez eu mando ela comprar bijuteria, que é menos barata do que ela!" Percebi que não me enganara ao detectar o ciúme por trás de seus intempestivos comentários sobre Cecilinha. Quando chegamos ao bar ela já estava mais calma e fui direto ao assunto.

"Renée, está na cara que há algo errado com você. Por muito pouco você hoje não perdeu o controle por causa daquela mulher. Faz tempo que venho notando você estranha, diferente, e se quer saber, não gosto do que vejo. Não quer me contar o que está acontecendo?"

Ela demorou um pouco para me responder. "Você sabe o que é."

"Sei?" Ela balançou a cabeça em afirmativa enquanto olhava fixamente a xícara no balcão, e continuou assim enquanto falava, fazendo longas pausas entre as frases, com uma voz quase inaudível.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"O Fuad quer voltar para o Egito. Na verdade a mãe dele quer. Faz algum tempo que ela vem martelando essa idéia. Ela pensa que uma vez lá seria mais fácil para ele me engravidar e então me manter dentro de casa. Usa a doença para fazer chantagem com ele. A situação chegou ao limite do insuportável. Sim, porque o limite do suportável já foi ultrapassado há muito tempo."

"Você não quer ir?" Ela abanou a cabeça em negativa e depois, voltando lentamente o olhar para mim, perguntou:

"Que posso fazer? Se eu concordar estarei me condenando a desaparecer definitivamente para o resto da vida. Tudo o que me restará será o borralho e a procriação. Não que isso em si seja ruim, mas sei que se decidir permanecer com eles estarei acabada. Vou deixar de ser eu mesma, de pensar em tudo o que sempre quis para mim. Passarei a pertencer exclusivamente a eles e a seu mundinho fechado."

Duas lágrimas escorreram lentamente em sua face. Paguei o café, passei o braço em volta de seu ombro e saímos, andando devagarinho.

"Ontem à noite a briga foi tão feia que tive de expulsá-lo do quarto aos berros. Talvez você não saiba o que isso significa para alguém como eu, que nunca precisou gritar na vida. 'Pegue sua mãe e vá, mas

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

eu fico,' gritei. Entende, eu gritei isso para ele!"

"Acho que todos nós um dia precisamos gritar pela nossa liberdade." Então ela começou a chorar de verdade. Tirei o lenço do bolso e passei-o para ela.

"Não agüento mais, Donato... não agüento mais."

"Isso, chore. Chore bastante que vai lhe fazer bem. Alivia."

Ela aninhou-se em meu peito e ali, escondida do marido, da sogra, da loja e do mundo, chorou em meus braços. Enquanto a abraçava pude sentir, pela primeira vez de tão perto, o contato de seus cabelos que beijava de levinho, seu perfume virando-me a cabeça. Aos poucos ela se acalmou, enxugando-se com o lenço.

"Ninguém fala assim como você", disse ainda fungando.

"Falo pela boca como todo mundo."

"Seu bobo. Ninguém nunca diz que devemos chorar. É sempre o contrário, a ladainha do não chore, não chore. Não sabem que de vez em quando temos de chorar?"

"Também acho." Então ela me pegou de jeito. Levantou aqueles dois holofotes para mim, com seus cílios ainda grudados de lágrimas, e lascou: "Ainda bem que tenho você como amigo."

Aquele olhar significava para mim o mesmo que para o suspeito a

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

lâmpada que a polícia acende em seu rosto ao tentar arrancar-lhe a confissão. Não resisti mais e respondi bem sério:

"Quem falou que sou seu amigo?"

Ela sorriu com minha *blague*, e mais uma vez me desarmou sem uma só palavra, apenas piscando seus cílios grudados. Cada vez que ela me sorria, com aquele estranho arquear de sobrancelhas e com sua maneira luminosa de erguer os olhos e os cantos da boca era como se me dissesse sim, mil vezes sim, sim a todos os meus desejos, sim às minhas aspirações e a todas as mais loucas fantasias, sim a mim, sim a nós e ao nosso futuro juntos. Nos beijamos ali mesmo, com todo mundo olhando. Que importância tem o mundo, afinal, quando conseguimos beijar nosso mais precioso sonho?

"Minha Minouche..."

Dependurada em meu pescoço ela abraçou-me ainda com mais força, dizendo-me coisas ininteligíveis.

"Quer ser minha Minouche?"

"Quero, quero sim, quero ser sua Minouche, quero ser tudo que você quiser."

"Para sempre, de hoje em diante?"

"Sempre, sempre — mas com uma condição." Aquela expressão

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

marota voltara ao seu olhar.

"Qualquer coisa."

"Que você nunca, nunca mais desgrude de mim."

Sic transit gloria mundi. Não retornamos à loja. Fomos para o estacionamento e enquanto ela esperava no carro voltei à espelunca para pegar nossas coisas. Avisei as meninas que ela não estava bem e que a levaria para casa — o que de fato não era mentira. Fomos até meu apartamento, de onde pensava telefonar para o juiz. Ele tinha uma linda casa na praia, onde às vezes passava os fins de semana, que poderia muito bem nos refugiar durante algum tempo.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Chegando ao apartamento Kim nos recebeu com sua habitual alegria.

"Como é linda sua cachorra!"

"Kim! Não se assuste, ela cheira todo mundo."

"E que jeito tranqüilo, gostoso que ela tem. Não vai deixá-la sozinha aqui, vai?"

"Claro que não, ela vai junto, ora."

"Auf!"

"Que ótimo! Viu, Kim? Vamos viajar."

Apoiando-se nas patas traseiras ela ergueu-se e colocou as dianteiras no meu peito, na sua habitual postura para a saudação da lambida no rosto — uma maneira de demonstrar contentamento que exigia uma certa resistência física por parte do homenageado. Excitada com a movimentação, ela sabia que algo fora do comum estava acontecendo e pôs-se a andar ansiosa, indo e voltando até o lugar habitual de sua coleira. A danada já antecipava o passeio. Enquanto Renée e Kim se apresentavam uma à outra, aproveitei para chamar o juiz ao telefone.

"Alô Justino, aqui é o Donato."

"Fale, meu filho. Tudo bem?"

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Tudo ótimo. Acabo de roubar a mulher do próximo e preciso da sua ajuda para evitar que ele fique ainda mais próximo."

"A morena que trabalha com você?"

"Isso mesmo."

"Que maravilha! E o que posso fazer?"

"Nos emprestar sua casa na praia."

"Claro. Quando quer viajar?"

"Agora mesmo."

"Seu sortudo. Vou ligar para a Minervina avisando que você vai passar lá para pegar as chaves."

"Com direito a sermão?"

"Não ligue. Se ela falar muito é só ameaçar levá-la junto."

"Está brincando?"

"O pessoal vai adorar saber disso."

"Apresente minhas desculpas a eles pela minha ausência na mesa. Afinal de contas..."

"Já sei, tudo por uma nobre causa. Quanto tempo pretendem ficar?"

"Não sei, uma semana pelo menos. Talvez alguns dias a mais, até as coisas esfriarem um pouco."

"Onde está agora?"

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Em minha casa."

"Quer que eu mande a Minervina até aí para molhar suas plantas de vez em quando?"

"Não é uma má idéia."

"Ela vai gostar. Há mais alguma coisa que eu possa fazer?"

"Mais do que isso seria abuso. Deseje-me sorte."

"Parece que isso você tem de sobra. Que inveja!... Se precisar de alguma coisa é só avisar. Façam uma boa viagem e mantenha o contato."

"Não se preocupe, telefono de lá assim que puder. E obrigado!"

Com a ajuda de Renée empacotei alguns itens necessários, arrumei algumas roupas numa sacola enquanto ela molhava as plantas, fechei o apartamento e saímos. No caminho compramos mantimentos e outras roupas para ela, que só tinha a que vestia, e fomos então para a casa do juiz. Quase não agüentei esperar o sermão da Minervina acabar, ardendo de impaciência até que ela se resolvesse a me entregar as chaves.

"Olhe aqui, seu Bruno (ela e minha mãe eram as únicas que me chamavam pelo primeiro nome) se o senhor deixar aquela bagunça que encontrei lá da última vez..."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Mas da última vez que o pessoal viajou eu nem fui, Minervina!"

"Deixe de conversa. Pensa que não sei? São todos uns sem-vergonha. Trate de deixar a casa em ordem, senão..."

"Sim, querida."

"Você vai ver uma coisa..."

"Sim, meu amor."

"Seu capeta! Está pensando o que?"

"Sim, meu pão de mel."

"Não tenho mais idade para ficar arrumando bagunça de marmanjo..."

"Tudo o que quiser, meu doce de coco."

Somente depois de levar uma beijoca na bochecha Minervina me entregou as chaves. Caímos na estrada. Era uma tarde gostosa de meio de semana, sem muito tráfego e com um sol agradável: clima perfeito para uma fuga romântica como a nossa. Sentada ao meu lado com a cabeça apoiada no meu ombro, Renée divertia-se com a idéia do que estava acontecendo conosco.

"Faz tanto tempo que eu não tinha esta sensação de estar fazendo alguma coisa louca! Acho que a última vez foi com minha avó."

"Sua avó deve ter sido uma pessoa incrível. Gostaria de tê-la conhecido."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Aposto que vocês iam se dar muito bem. Ela adorava aventuras. Com ela aprendi que o que é bom fica ainda melhor quando tem o gostinho do proibido."

"A aventura é o que faz a gente sentir o sangue correndo nas veias."

"***Vive l'aventure!***"

"Viva Renée!"

"Viva Donato!"

"Auf!"

"E viva a Kim!"

A viagem foi divertida. À medida em que a estrada corria sob nós, aumentando a distância que nos separava do passado que acabávamos de abandonar, nossos corações iam ficando mais leves. Aos poucos íamos nos libertando do peso de tudo o que deixávamos para trás, saboreando a liberdade que só os apaixonados conhecem — aquele transbordamento do coração, o vento no rosto e o horizonte no olhar.

Chegamos lá no fim da tarde. O sol descia sobre o oceano quando parei o carro diante da casa do juiz. A pista de cascalho contornava a base do morro até chegar à praia, onde terminava. Pouco antes do seu final ficava o acesso à casa, à direita depois de uma pinguela sobre o arroio que descia a encosta, ladeando o terreno. A nascente ficava

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

acima da casa e seu traçado marcava a confluência das duas colinas siamesas. A casa ficava na metade da altura da encosta de uma delas, num degrau que formava uma espécie de nicho cercado por uma vegetação exuberante. Dali ouvia-se o murmúrio do regato, especialmente nas noites calmas e de pouco vento quando os vagalumes e as cigarras formavam, junto com ele, uma etérea nuvem de som e luz pairando entre a casa e o mar.

O local todo estava impregnado de uma atmosfera mágica que exercia sobre todos nós um efeito poderoso. Renée desceu do carro quieta, sentindo o clima do lugar, olhando em volta e andando devagarinho em minha direção. Kim, por sua vez, não demorou a demarcar o território com seu primeiro xixi.

"Como é lindo isso aqui!"

"Venha, vou mostrar-lhe."

O sobrado de madeira e alvenaria fora construído utilizando-se ao máximo o material que na época era disponível nas redondezas. Com seus dois quartos dando frente para uma pequena piscina redonda com um chafariz no meio, todo o andar térreo era cercado por uma cortina de bambus que não impedia uma ampla visão do mar e ao mesmo tempo garantia a privacidade.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Sua estrutura, desde as colunas principais até o madeirame do telhado, era feita de troncos de árvore envernizados escolhidos pela simetria da forma, tamanho e resistência. Composta de três planos, a casa tinha no pavimento superior a varanda com frente para o mar e os fundos dando para a continuação da colina, sustentada diretamente pela parede traseira, toda feita em pedra e onde havia até um misto de lareira, fogão a lenha e churrasqueira. A sala, disposta entre os dois quartos que davam acesso à varanda, comunicava-se com a cozinha nos fundos, resumindo o andar principal. Por meio de duas escadas laterais que acompanhavam a inclinação do terreno atingia-se, desde a larga varanda, as dependências térreas onde havia dois grandes quartos com os respectivos banheiros. O telhado tinha a forma de um V invertido disposto perpendicularmente ao mar e a ausência de forro revelava as treliças e vigas do madeirame de sustentação. Como os outros pavimentos também não dispusessem de forro, sua estrutura era toda aparente desde cima até embaixo. As fundações formavam um porão, usado pelo juiz como adega e despensa.

"Seu amigo tem gosto", disse ela ao chegarmos novamente à varanda, depois de percorrer as principais dependências.

"Você ainda não viu nada. Daqui a pouco, quando ficar mais escuro, teremos uma recepção."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"É mesmo?"

"É. Você vai ver a festa que os vaga-lumes farão para você, iluminando todo o jardim."

"Estou ansiosa para ver."

Além dos bambus e bananeiras, outras espécies de vegetação formavam a cerca viva que tornava a casa praticamente invisível para quem observasse do pé da colina ou mesmo da praia, sem no entanto obstruir a vista de quem estivesse na varanda e mesmo no térreo. À sua esquerda ficava o pátio de estacionamento, com acesso direto à íngreme subida calçada em pedra que se interpunha entre a casa e o arroio. Havia ainda uma outra via de acesso exclusiva para pedestres que não passava de simples tocos cravados no gramado, levando mais abaixo até o mar.

Arejamos a casa e tiramos as coisas do carro, aproveitando ainda a última claridade do dia. A luz elétrica da rede ainda não chegava até lá, mas um pequeno gerador dava conta do recado. Tratei de ligá-lo e enquanto Renée cuidava dos mantimentos e da geladeira desci para inspecionar os quartos e o botijão de gás de cozinha. Para minha surpresa a Kim, que normalmente andava atrás de mim como uma sombra, ficou na cozinha com Renée. Devia estar com fome. O juiz

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

era prevenido, e podia-se ver a mão cuidadosa de Minervina aqui e ali. As redes e os lençóis dobrados e empilhados cuidadosamente atestavam sua marca registrada. Havia vários ganchos para rede na varanda, e estendi um par delas para que pudéssemos apreciar confortavelmente todo aquele espetáculo que a natureza nos oferecia. Enquanto Renée fazia a toalete, pois ainda tinha no corpo o vestido com o qual saíra de casa para ir trabalhar naquela manhã, abri uma garrafa de vinho e arrumei — sob o mais que atento olhar de Kim — alguns salgadinhos sobre uma bandeja, lavei dois copos e fomos esperá-la devidamente instalados na varanda.

Ela demorou um pouco a aparecer, metida num par de bermudas e uma camiseta um pouco grandes para ela.

"Estou horrível, mas a culpa é sua, que não quis me deixar passar em casa para pegar minhas roupas."

"Deixe disso e venha cá." Sentei-a ao meu lado na rede. A verdade é que não queria que ela trouxesse para aquele paraíso nada associado ao passado, nada que lembrasse a tristeza que acabávamos de abandonar.

"Somos o futuro, Renée. Temos que olhar para ele de frente, sem reminescências. Veja só este lugar: o mar, o vento, o murmúrio do

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

riacho ali ao lado, os vaga-lumes, essa maresia misturada ao perfume das plantas, tudo isso nos abençoa, toda essa sinfonia da natureza concorre para a nossa felicidade, e significa a promessa de um futuro melhor para nós. Não vale a pena ficar recordando o que passou."

"Talvez tenha razão. Eu estou feliz sim, meu amor. Tudo aqui é tão lindo... Apenas sinto-me... esquisita com estas roupas. Queria estar bem bonita para você."

"Você é muito mais do que bonita, você é linda! E mesmo que estivesse vestida com um saco de estopa amarrado na cintura com um cordão de sisal, ainda assim seria impossível não perceber a grande dama que você é, com toda a sua elegância, seu charme, sua beleza."

Ela subiu no meu colo e me beijou. "Como é que você consegue sempre me dizer exatamente aquilo que preciso ouvir?"

"Como é que você consegue fazer sempre aquilo que eu gostaria que você fizesse?" Ela sorriu em resposta.

"Quer um gole de vinho?"

"Quero."

"Que possamos sempre dizer um para o outro exatamente aquilo que precisamos ouvir."

"E dizer, e fazer, e ser...e todos os verbos da língua e também todos os que não estão nela."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Tim-tim"

Nos deixamos ficar ali na rede namorando, embalando nossos corpos e nossos sonhos à luz do luar.

Com o apetite devidamente aberto pelo vinho e os petiscos, resolvemos ir até a cozinha numa expedição gastronômica. Kim como sempre tinha fome, e cuidei de sua ração enquanto Renée batia uma de suas especialidades: omeletes. O juiz, que era dado a bons tratos, sempre tinha uma reserva de coisas essenciais, tais como paté de fígado de ganso e mostarda importados, palmito, azeitonas, champignons, pepinos em conserva e outras coisinhas, além é claro de sua variada adega — uma pequena amostra do estoque principal que mantinha em casa. Enquanto Renée selecionava o que precisaríamos para o jantar, fui cuidar de instalar as cadeiras e a mesa na varanda, pois a noite estava convidativa para um jantar ao ar livre. A omelete não demorou e logo estávamos *à table*, como dizia ela.

"Sabe, é uma sensação estranha, essa. Ontem eu era uma mulher casada, com marido, sogra, casa, família...toda a estabilidade dessa situação. Meu mundo era definido, estático, previsível — e hoje tudo mudou. Não tenho a menor idéia do que vai acontecer amanhã."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Não é ótimo?" Ela riu. "Tanta coisa aconteceu em tão pouco tempo. Quando entrei naquela joalheria atrás de você eu não sabia bem o que queria."

"E agora já sabe?"

"Agora sei que você é a minha Minouche — e sei também que isso é o que eu sempre quis."

"É bom ouvir isso. Mas, sabe?... nunca imaginei que fosse assim."

"Nunca pensou que pudéssemos estar juntos um dia?"

"Sim, mas... achava que se acontecesse, seria... diferente; não sei."

"A realidade às vezes pode ser muito mais surpreendente do que nossos próprios sonhos."

"É verdade. Ainda bem que é assim. Sabe de uma coisa? Agora não tenho mais medo. Quando saímos da sua casa estava receosa das consequências, pensando... no Fuad e tudo o mais. Medo do desquite, medo... de você também. Medo de que as coisas entre nós não dessem certo. Medo de acabar novamente sozinha."

"Por que novamente?"

"Primeiro perdi meu pai. Depois minha avó e minha mãe. Agora o Fuad. Se alguma coisa acontecer a você..."

"Sua tonta, você não perdeu seu ex-marido, você o abandonou. Ele

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

não a merecia, você era boa demais para ele." Ela apenas me olhava, muda. Baixei o tom de voz: "Quero lhe dizer que admiro muito sua coragem, Renée. Nunca é fácil deixar para trás anos e anos de vida em comum. Você é corajosa. Admiro muito isso e estou orgulhoso, por você e por mim."

"Não sei bem se sou corajosa ou... imprudente."

"Está arrependida?"

"Claro que não."

"Sabe, tive sorte ao encontrar uma mulher de coragem como você: nunca quis alguém que se limitasse a cozinhar e cuidar de crianças. Talvez seja por isso que até hoje continuo solteiro."

"Continua solteiro uma ova! Agora você já tem dona."

"Ouviu isso, Kim?" Ela levantou as orelhas em sinal de atenção. "Agora temos uma rádio-patroa."

"Shakespeare dizia que a mulher do general é o general do general." Só me restava bater continência:

"Sim senhor! Às suas ordens, senhor!"

Ela ria, divertida: "Beije-me."

"Mas, senhor..."

"Imediatamente!"

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Não fica bem um soldado raso beijar um general."

"Isto é uma ordem, soldado."

"E eu que pensava que a cultura, por si só, extinguisse o autoritarismo..." Fui agarrado pelo colarinho. "...uma pessoa culta, que lê Shakespeare, e tudo mais..."

"Silêncio."

"...formada na França..."

"Vai me desobedecer?"

"Jamais", respondi em meu paupérrimo sotaque francês. Tomei-a nos braços e fomos para a rede. Kim, que estava deitada perto de nós, foi espantada para mais longe depois de ser atingida em pleno focinho por nossas roupas. As primeiras vezes costumavam ser desajeitadas para mim, resultado da timidez e da novidade, talvez. Mas com Renée tudo foi tão diferente, natural e ao mesmo tempo novo, que tive a impressão de que nos conhecíamos sexualmente há anos. Depois daquele encontro tão inesperadamente justo de nossos corpos e almas ela ronronava de felicidade, ainda prendendo-me contra si com as unhas enterradas nas minhas costas.

"Kim, venha cá dar uma corrida nesta gata no cio."

"Mmmmrrrrr."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Socorro, Kim, socorro!"

"Não vê que não adianta? Ela também é mulher, seu bobo."

"Motim!"

"Conforme-se, você está em minoria. Uma minoria muito significativa, reconheço, mas ainda assim minoria."

"Imagino que com o seu ex-marido as coisas acontecessem de maneira diferente..." Ela ficou séria. Notei que havia perdido uma ótima oportunidade de ficar calado.

"Muito diferente, principalmente nos últimos tempos. Eu me sentia mal, parecia que estava com um estranho."

"Vocês não conversavam sobre isso?"

"No começo não muito, tudo ia bem entre nós. Com o passar do tempo o sexo tornou-se uma espécie de obrigação, algo que fazíamos sem sentido... quase tão sem graça quanto acender um cigarro: a gente já está fumando e nem percebe que o acendeu."

"O casamento é mesmo uma coisa esquisita. Às vezes consegue transformar em rotina algo que deveria ser justamente o oposto, a quebra da monotonia."

"Não sei se a culpa é do casamento. Acho que nós é que não conversávamos."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Tem um amigo meu que costuma dizer que em matéria de sexo toda teoria é absolutamente negligenciável: só a prática interessa."

"E você concorda?"

"Mais ou menos. Não acredito em sexo desprovido de sentimento. Mas também acho uma chateação ficar falando, falando. Tem gente que gosta mais de falar do que de fazer."

"São os *parleurs*."

"Hã?"

"Não existem os *voyeurs*? Aqueles que gostam só de ver?"

"Ah, sim. A turma do buraco da fechadura."

"Isso. Pois então: assim como eles, existem também aqueles que gostam só de falar. Esses são os *parleurs*."

"Ahhh..."

"Que foi?"

"Nada. É um prazer ter uma mulher educada no estrangeiro."

"Palhaço."

"Que tal um banho, general?"

"Humm... Permissão concedida."

"Por isso é que gosto de você: tão compreensiva, tão generosa..."

Aquilo me valeu uma mordida no ombro e um tapa no traseiro.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Kim também não deixou por menos e latiu em reprovação à minha conduta.

Com uma lanterna e os apetrechos de banho, acompanhei aquela dupla de amotinadas até o arroio que corria morro abaixo paralelamente ao terreno. Um pouco acima do nível da casa, onde terminava o gramado e começava o bosque existia uma cisterna, uma espécie de reservatório retangular de cimento de uns três por quatro metros de lado e um de profundidade, alimentado constantemente por aquela água fresca da nascente que em seguida continuava seu caminho para o mar. Estava escuro, mas a lua, a lanterna e nossos amigos vaga-lumes nos davam uma iluminação suficiente para mantermos o passo sem perder o *élan* do romance.

Aos poucos nossa visão acostumou-se à claridade do luar e enquanto Kim fuçava pelas redondezas, mergulhamos. A água não estava fria nem quente e nos demoramos em brincadeiras durante o banho. Finalmente saímos da água. A luz das estrelas se refletia em cada gota que escorria sobre seu corpo, realçando a imensa beleza de Renée — que eu não cansava de apreciar. Abraçei-a, enrolando-nos na toalha e começei a nos enxugar.

"Vou deixar você sequinha."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Vai ser difícil se você continuar a enxugar só as melhores partes."

"Que história é essa de melhores partes?"

"Se não fossem as melhores, não ficariam escondidas."

"De mim não adianta esconder nada. Descubro tudo, especialmente aqui."

"Aí não adianta você enxugar. Sempre que você chegar perto ela ficará molhada."

"Gata no cio."

"Mmmmmrrrrrrr!"

"De novo?"

"Mmmmmmmmmmrrrrrrrrrrrr!"

"Aqui na grama? Socorr..."

Deitada a alguns passos de nós, Kim nos observava com sua tradicional expressão de placidez: a boca semi-aberta, a língua dependurada meio de lado e aquele seu característico olhar casual.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

8

Sic Itur ad Astra

Virgílio
Eneida IX, 641

Ainda estávamos ali, deitados na grama, quando tudo aconteceu. Parecia que o sol havia nascido alguns metros acima de nós: a luz era tão intensa que quase não podíamos abrir os olhos. Impossível distinguir de onde provinha. Tínhamos sido cercados por ela: estava abaixo de nossos pés, acima de nossas cabeças, na frente, atrás, por todos os lados. Levantei-me protegendo a vista e enquanto ajudava Renée a fazer o mesmo notei que Kim estava junto a nós, de olhos fechados e língua de fora, sentada e quietinha como se tudo aquilo fosse absolutamente normal. Um forte zunido acompanhava aquela torrente luminosa e sentimos um intenso formigamento por todo o corpo. Subitamente ela diminuiu de intensidade, tornando-se progressivamente mais suportável para nossos olhos, ainda quase totalmente fechados. O zunido, também sempre onipresente, ia ficando cada vez menos intenso. Pequenos pontos de luz puseram-se então a

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

brilhar em conjunto, como se fossem uma constelação movimentando-se com uma certa regularidade estranha para o olhar. Aos poucos pudemos distinguir melhor os contornos daquilo que parecia ser um calabouço de luz — ou seria mais preciso se dissesse falta de contornos, pois aparentemente sua forma era esférica. Fosse o que fosse, estávamos no centro daquilo.

Renée estava agarrada a mim, assustada, olhando em torno e me perguntando o que significava tudo aquilo. Desnecessário dizer que eu compartilhava totalmente da sua perplexidade, traduzida sem sombra de dúvida em meu rosto. Apenas Kim parecia à vontade — o que não deixava de ser confortador, pois ela era sempre a primeira a anunciar alguma visita imprevista, normalmente muito antes que percebêssemos qualquer coisa. Estava a ponto de apontar sua tranqüilidade para Renée, na esperança de que fosse contagiada por ela quando de repente o chão, a metade de baixo da esfera, sumiu, apagou-se. Continuávamos ali em pé embaixo daquele guarda-chuva luminoso, e abaixo de nós havia... o nada, o espaço! Não podíamos acreditar naquilo: olhar para os pés e ver a Terra, o nosso planeta, afastando-se depressa, cada vez menor em meio àquela escuridão pontilhada de estrelas!

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Era, tinha que ser uma ilusão. O efeito da visão foi tão devastador que não conseguíamos reagir nem mesmo em pensamento. Apenas ficamos ali, parados, olhando o nada que existia entre nós e o vazio do espaço enquanto aquela enorme bola azul e branca diminuía cada vez mais de tamanho. Nossa surpresa foi tanto maior porque até então não havíamos tido nenhuma sensação de movimento. O zunido dera lugar a uma estranha vibração, aparentemente também sem ponto de origem definido, muito aguda, como aquela que ouvimos à noite quando estamos deitados no mais completo silêncio. A Terra já ia longe, diminuta, quando o que pensei ser a Lua passou sob nossos pés, enorme e brilhante. Tínhamos a visão inversa da habitual, pois agora enxergávamos a Terra a partir da Lua! Quantos poetas não dariam anos de vida em troca de alguns segundos daquela paisagem! Aquele fascinante espetáculo lunar terminou quando, circundando-a, passamos para seu lado escuro. Com a Lua entre nós e o Sol extinguiu-se a luminosidade e nosso guarda-chuva de luz reconstituiu-se em esfera.

"Acho que estamos em alguma espécie de nave espacial", disse Renée ainda lacrimejando. "Parece ser a única explicação plausível", respondi. Falar era difícil com toda aquelas vibrações e zunidos, pois

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

quase não nos ouvíamos. Não pelo volume, pois não eram muito altos, mas ainda assim tínhamos a impressão de sofrer uma meia surdez, como se fossemos afetados por uma diferença de pressão atmosférica. Aos poucos nossos olhos acostumaram-se àquela estranha luminosidade ambiente. Nus, abraçados, passeando com uma cadela em volta da Lua numa esfera de luz era algo difícil de imaginar, quanto mais de viver na realidade. Quem acreditaria? Aparentemente estávamos parados no espaço. Se havia algum movimento na esfera, era imperceptível para nós. Não conseguia entender por que Kim estava tão bem comportada, e separei-me por um instante de Renée para olhá-la de perto. Ajoelhei-me ao seu lado e enquanto passava a mão no pelo de seu dorso, meu rosto ficou próximo do seu o suficiente para ver que ela estava como sempre, arfando normalmente.

Foi então que alguma coisa começou a acontecer com Renée. Todos os pequenos pontos de luz cintilante passaram a piscar numa frequência crescente, concentrando-se em redemoinho acima de sua cabeça. Em seguida projetaram um cilindro luminoso que a envolveu completamente, e então aqueles pequenos pontos luminosos começaram a cintilar diretamente sobre sua pele. Ela permanecia em pé, braços ao longo do corpo e olhando para frente, embora parecesse

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

não enxergar nada nem tomar conhecimento de nós. Aos poucos a intensidade da cintilação foi aumentando e novamente com ela aquele zunido, até que por fim Renée estava totalmente recoberta de uma luz intensa, que mal podíamos suportar mesmo de olhos fechados. Muito lentamente seu corpo moveu-se da posição vertical para a horizontal, como se levitasse. Parecia estar deitada sobre, dentro de uma cama de luz. Não sei dizer por quanto tempo aquele sarcófago de luz permaneceu recobrindo-a, envolvendo-a totalmente, mas da mesma maneira que começou foi terminando. A intensidade da cintilação e do zunido diminuiu enquanto ela lentamente retornou à posição vertical, até que os pequenos pontos de luz voltaram para a esfera, abandonando seu corpo.

Seus olhos se abriram e ela voltou a cabeça em nossa direção. Sorriu ao nos ver. Tinha uma expressão de beatitude no rosto, uma estranha espécie de calma absoluta. Estendeu os braços para mim e disse: "Venha." Levantei-me ainda meio reticente e cheguei perto dela, sem no entanto tocá-la. Estava desconfiado, queria saber se ela ainda era ela, descobrir o que acontecera afinal. Como se adivinhasse minha desconfiança, ela sorriu e tomando minha mão, falou:

"Não tenha medo. Sou eu, querido. Sua Renée."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Beijou-me, passou as mãos no meu rosto e depois de separar-se de mim, delicadamente colocou meus braços em repouso ao longo do corpo. Estava me preparando para passar pelo mesmo processo! Antes que pudesse iniciar qualquer reação a coisa toda recomeçou, desta vez comigo. Eu não podia ver a cintilação mas sabia que ela estava lá e sentia um formigamento pelo corpo todo — especialmente na cabeça — e então, finalmente, soube quem eram e o que queriam.

Depois foi a vez de Kim brilhar. Assistimos a tudo abraçados, nosso pensamento unificado. Não precisávamos mais falar, pois sabíamos exatamente o que o outro pensava e sentia, como se cada um de nós fosse o outro e vice-versa. Logo éramos três, e então eu e Renée soubemos o que significava possuir um olfato tão desenvolvido que a distinção dos diversos odores podia ter uma nitidez equivalente à distinção das diversas cores, e passamos a ouvir claramente sons que nunca imagináramos existir. Kim por sua vez estava extasiada com a clareza de visão e raciocínio, que nela sempre foram muito limitados e que agora dividia conosco. Nossas mentes eram uma e a mesma, e a comunicação com os — por assim dizer — tripulantes da nave era mental, imediata.

O sentimento extremamente intenso de unidade de propósitos, de

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

identidade de intenções entre nós e eles era algo que nunca havíamos experimentado antes em toda nossa vida. O bem-estar era tão grande que já não queríamos mais voltar, preferindo ficar ali com eles pelo resto de nossas existências. Agora sabíamos o real significado não do conceito de Amor, mas de sua existência concreta, quase palpável, e relutávamos em aceitar o regresso àquele nosso mundo tão primitivo, tão tosco. Depois de compartilhar conosco sentimentos tão elevados, foi-nos explicada a necessidade de nosso regresso e a natureza de nossa missão. Recebemos deles as últimas recomendações e fomos deixados em casa, à beira da cisterna, exatamente no mesmo lugar onde havíamos sido apanhados.

Embora não estivesse com o relógio, tive a impressão de que tudo se passou em cinco, talvez dez minutos no máximo. A luz à nossa volta desapareceu e pudemos ver claramente a bola incandescente que se afastava em direção às estrelas com a rapidez de um relâmpago. Em poucos segundos a noite retomou sua calma habitual. Ficamos ali abraçados, a olhar para a constelação da Lira, procurando identificar Vega. Apesar de nossa consciência comum ser a prova cabal de tudo o que nos acontecera, agora que sentíamos novamente a grama entre os dedos dos pés e a brisa marinha nos pulmões, procurávamos nos

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

certificar de que tudo aquilo não passara de um sonho.

Era como se tivéssemos sido libertos do entrave da temporalidade do pensamento. Subitamente não havia mais a mediação entre idéia, fala, audição e compreensão. Tudo passara a ser imediato. Sentíamos pulsar entre nós uma maravilhosa onda de vibrações, tão elevadas quanto a que experimentamos em nosso contato com eles. Nosso amor vibrava e sabíamos que a partir daquele momento nunca mais estaríamos separados um do outro. Eu podia 'ouvir' Renée pensar e antes mesmo dela completar o pensamento já sabia o que era. Maravilhoso e ao mesmo tempo apavorante. A mesma sensação de alguém que respira pela primeira vez depois de uma longa falta de ar. O que costumamos chamar de intuição havia deixado de ser etérea, inefável, quase incompreensível para se tornar algo sensorial, indispensável como um de nossos sentidos. Era como se uma ligação cortada há muito tempo tivesse sido bruscamente restabelecida.

<Sempre soube que você era uma garota do outro mundo, mas isso é exagero>, pensei. Ela riu.

<Continua o mesmo palhaço. Ainda bem.>

Coisa mais incrível aquilo. Não precisávamos mais falar, bastava pensar. Todos os nossos pensamentos eram imediatamente ouvidos,

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

sabidos pelo outro. Nossas sensações não mais nos pertenciam exclusivamente, mas eram divididas entre os três. Pelos poderosíssimos olfato e audição de Kim percebíamos tudo à nossa volta de uma maneira incrivelmente intensa e aguda: podíamos ouvir coisas que jamais imagináramos, como os vaga-lumes voando; podíamos sentir no ar mil odores e ao mesmo tempo distingui-los claramente entre si — e soubemos então que todo aquele poder compensava uma visão muito fraca. Em contrapartida ela, que sempre entendera o significado das palavras que lhe eram dirigidas associando-as aos objetos designados, agora maravilhava-se com a apreensão do significado abstrato do que dizíamos, ou melhor, pensávamos. Estava felicíssima por compartilhar de toda a nitidez de nossa visão e poder até mesmo pensar conosco.

Nossa visão também havia sido alterada. De imediato percebe-mos que apesar da noite clara de luar podíamos enxergar muito mais nitidamente do que antes. Não mais necessitávamos de iluminação artificial para andar, pois num raio de talvez cem metros via-se tudo com clareza apesar da falta de luz. A noite transformara-se num fim de tarde para nossos olhos. Olhei para o céu e percebi que até a intensidade do brilho das estrelas aumentara.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Isso deve ser a tal de clarividência>, pensei.

Renée não achou muita graça no trocadilho. Estava assustada ao refletir sobre as consequências daquela inusitada comunhão.

<Seremos eternamente ligados, nunca mais isolados, nunca mais poderemos guardar o nosso pensamento para nós mesmos>, pensou.

Abracei-a e fomos andando de volta para casa. Apesar de nossos benfeitores nos terem explicado tudo aparentemente em questão de segundos, estávamos definitivamente mudados e o que éramos agora e as consequências que enfrentaríamos no futuro eram ainda uma incógnita para nós. A maioria delas, pelo menos. Mas de uma coisa estávamos seguros, pois a informação fora claramente entendida por todos, e especialmente por Renée: naquele momento, a partir daquele mesmo instante, uma nova vida começava dentro dela. Ela já podia sentir que portava no ventre a semente das futuras gerações que um dia estabeleceriam a total comunhão de pensamento no planeta.

Eu e Kim podíamos ver as imagens formadas em sua mente e sentir a ligação de suas sensações com o que pensava. Descobríamos uns nos outros a intensidade de nossos sentimentos e a partir daquele momento éramos realmente três, ou melhor, quatro ao mesmo tempo. A descoberta de quanto nos amávamos e precisávamos um do outro

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

transparecia não somente em nossos beijos e abraços mas também na intensidade do brilho que agora tínhamos. Kim pulava à nossa volta, dando piruetas de alegria e pudemos ver que a luz pulsava em todos nós de forma paralela, sincronizada.

Era preciso trabalhar, compreender com clareza o significado que nossas vidas teriam a partir de então. Já não éramos mais três, e sim quatro! Aquele passeio estava nos saindo caro. Bela encrenca arranjamos: uma viagem espacial, um casamento, um filho, uma série de novas aptidões e capacidades mentais, tudo isso junto em menos de um dia! E como se não bastasse, uma cadela pensante para completar.

Resolvemos que o ideal no momento seria tentarmos entender melhor tudo aquilo. Ergo, desci até a adega à procura de alívio para nossa perplexidade. Logo depois sentávamo-nos na varanda com uma esplêndida garrafa de Bordeaux do juiz.

<E eu?>

<Você deite-se aí e fique quietinha.>

<Não vou beber também?>

<Cachorros não bebem vinho, Kim.>

<Leite serve.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Renée ria. <Deixe que eu vou buscar.>

<Obrigado>, pensei eu.

<Obrigada>, pensou Kim.

<Agora que aprendeu a pensar, veja se não suja o chão todo quando bebe.>

<Nunca fiz isso.>

<Ainda por cima é cara de pau!>

<Deixe-a em paz e abra o vinho. Pegou os copos?>

<Peguei.>

<Por onde começamos?>

<Talvez seja melhor começarmos por eles.>

<Nossos amigos de Vega? Se ela tivesse servido esse leite num copo eu poderia fazer um brinde a eles.>

Renée achou graça. <Kim está feliz por estar conosco também em pensamento.>

<Eu é que não estou ainda bem certo se isso é bom ou não.>

<Donato!> Pela eloqüência dos latidos, que não tinham sido emitidos apenas em pensamento, pude prever o motim iminente.

<Está bem, está bem, desculpem-me. Acho que ainda não me acostumei com minha preta pensante. Vem cá, preta.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Ela levantou-se ainda meio amuada mas veio receber um afago meu, retribuído da maneira habitual: subindo com suas enormes patas em cima de mim para lamber minha cara.

<Desculpe, viu, preta. Acho que temos ainda muito o que aprender uns com os outros, não é?>

<Eu e a Renée vamos ensiná-lo. Certo, Renée?>

<Certíssimo, Kim>, respondeu ela rindo.

<Mas se agora sou como vocês, devo isso a quem? Não consegui ver nem cheirar ninguém lá em cima. Quem ou o que são eles?>

<Pelo que entendi, são seres que tem o poder de projetar a pura consciência desde Vega até aqui, ou qualquer outro lugar do Universo, aplicando o simples princípio de que matéria e energia, tempo e espaço são uma e a mesma coisa sob formas diferentes. Embora existam enquanto entidades individuais, suas mentes participam da consciência geral, numa espécie de assembléia em permanente sessão de reflexão e tomada de decisões a respeito de tudo o que consideram importante.>

<Quer dizer que de onde eles vêm todos pensam juntos?>

<Isso mesmo, Kim. E suponho que se podem atravessar o universo num instante, podem muito bem conceder a você a faculdade do

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

pensamento e o que mais eles quiserem.>

<Gosto de poder pensar. É bem melhor do que antes.>

<Como era antes, Kim?>

<Muito limitado, eu acho. Ficava apenas algum entendimento devido às sensações do momento, mas não durava muito.>

<Quer dizer que agora você pode se lembrar, é isso?>

<Sim. Ou não. Não sei explicar bem. Eu tinha uma certa memória, mas era algo diferente do que é agora.>

<Que ótimo, Kim. Estamos muito felizes por você.>

<Um brinde a Kim.>

"Tim-tim."

"Auf!"

<Minouche, tem uma coisa que ainda não entendi. Se nossos amigos de Vega são tão poderosos assim, por que não governam o Universo inteiro?>

<Não sei. Quem pode afirmar que eles de fato não governam? Talvez seja porque seu enorme poder tenha tornado a reles dominação sobre os outros algo inútil para eles.>

<É, talvez sim. Mas lembro-me vagamente de que eles tinham algo a ver com o governo.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Parece que o que chamamos de Estado para eles é a união de suas consciências. Acho que estive em contato direto com eles tanto quanto vocês, mas confesso que ainda não entendi bem como é que podem estar aqui e em Vega ao mesmo tempo.>

<De fato também não sei.>

<Talvez seja porque estivemos acostumados a imaginar o tempo como uma medida de referência do espaço, em vez de pensá-lo como equivalência. Pelo que entendi, quando dizemos um ano-luz nos referimos à distância que a velocidade da luz percorre durante um ano. O tempo, este 'um ano' não passa, segundo esta maneira de pensar, de um referencial para o deslocamento no espaço. No sentido inverso a mesma coisa se repete: o espaço também é tomado como referencial para medida de tempo.>

<E daí?>

<Acontece que na verdade o tempo é movimento. O que é o 'agora' senão a eterna passagem dos momentos, o infindável movimento do futuro em direção ao passado — ou vice-versa? Talvez por isso o presente seja eterno: a eternidade cabe neste instante que fica entre o que será e o que já foi. Parece que a viagem de nossos amigos se dá tanto no espaço quanto no tempo, pois eles de alguma maneira

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

transformam um no outro, através de uma espécie de lei da equivalência universal segundo a qual tempo equivale a movimento, que é igual a energia, que se iguala a matéria, que por sua vez é igual a espaço, que equivale a tempo, e assim sucessivamente. Vega fica a vinte e sete anos-luz da Terra; se eles conseguem estar aqui e em Vega ao mesmo tempo, significa que têm o poder de converter tempo em espaço e vice-versa. A projeção de suas consciências é energia pura originada de um corpo material que ou ficou em Vega ou talvez nem exista, o que significa que podem converter matéria em energia e vice-versa. Suponho que o poder de realizar estas conversões, avançadíssimas para nós, seja o que possibilita a eles essa proeza.>

<Quer dizer que para eles, ir é ao mesmo tempo vir, ser é o mesmo que estar?>

<Acho que sim. Eles certamente tem o dom da ubiqüidade: se podem criar matéria a partir da energia, rearranjando as partículas atômicas assim como construímos uma casa usando tijolos, por que não supor que o que se aplica ao ser não seja válido também para o estar? Energia para eles é a moeda corrente que transformam em qualquer substância desejada — e vice-versa. *Energeia*, ação e potência...>

<Como se o tempo para eles fosse como a correnteza de um rio, que

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

desvia os nadadores de seu destino caso não a levem em consideração ao traçar sua rota.>

Meio perdidos em nossas tentativas de interpretação, mal reparamos em Kim, que se levantou e foi para a grama fazer xixi. Mas ao notar que até mesmo o líquido que saía de seu corpo tinha aquela estranha cintilação, voltamos a por os pés no chão. Aparentemente sua pulsação se relacionava de alguma maneira com nossa frequência cardíaca, pois agora que estávamos sentados e relaxados ela havia diminuído sensivelmente de intensidade, tanto em mim quanto em Renée.

<Será que o nosso também brilha?>

<É possível.>

<Estou curiosa, vou ver.> Levantou-se e foi correndo ao banheiro.

<E então, é?>

<É sim. Está vendo?>

<Estou. Notou que a distância não influi em nossa comunicação?>

<Talvez por ser muito pequena. Quer tentar de uma distância um pouco maior?>

<Quero sim, mas não agora.> Ficamos um pouco em silêncio. Renée chegou mais perto, passando a mão no meu cabelo enquanto olhávamos

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

para o horizonte invisível que separava o mar de água do mar de estrelas.

<Quanta coisa existe nesse Universo que ainda não sabemos...>

<É verdade. Como somos ignorantes, Renée!>

<Que tal mais um gole de leite?>

<Não vê que estamos conversando coisas importantes, Kim? E depois você já tomou bastante.>

<Não acho que sua ignorância seja mais importante que meu leite. Vamos, só mais um pouquinho.>

<Nada disso, vai dar dor de barriga. Essa cachorra, além de insolente, só quer saber de comida! Hmmm... Pensando bem, até que não é má idéia...>

<Como se ela não fosse igualzinha ao dono. Mas antes disso, gostaria de completar o raciocínio, Donato.>

<Nesse caso, um bocadinho mais de vinho.>

<Iconoclastas.>

<Que é isso, Minouche? Palavrão lá de Vega, por acaso?>

<Não, eles não são escravos do estômago como vocês dois.>

<Mas eles tem estômago?>

<Isso eu não sei. Mas sei que estão interessados no espírito

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

avançando e se elevando a um conceito superior de si próprio.>

<Talvez eles não tenham estômago, disse Kim, mas nós temos e vamos precisar deles. Essa movimentação toda me deixou com fome.>

<Amém>, emendei.

E então fez-se o silêncio: Minouche não gostou da brincadeira. Eu e Kim ficamos a entreolhar-nos como crianças depois do pito. Resolvi apelar para seu instinto maternal.

<Minouche... sabe que você vai ser uma linda mamãe?> Deu certo: ela sorriu. Kim levantou-se e veio lamber-lhe a mão, dando os parabéns à sua maneira.

<Preciso me acostumar com a idéia de ser mãe. Será menino ou menina?>

<Se for menina, vai ser linda como a mãe e esperta como o pai.>

<Coitada da minha filha...>

<Coitada de mim que preciso ficar aqui com o estômago roncando enquanto vocês namoram>, pensou Kim.

<Não me olhe assim>, atalhou Renée. <Essa é sua filha. Logo se vê que o pai foi negligente na educação.>

Fomos para a cozinha. O vinho nos acalmara, devolvendo um pouco do relaxamento e tranqüilidade necessários para lidarmos com toda

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

aquela avalanche de novidades. O que me incomodava, tirando um bocado de meu — nosso — sossego, era o fato de que ainda não tínhamos estabelecido uma ordem de prioridade para a multidão de questões que teríamos de enfrentar. Renée achava que nosso filho deveria vir em primeiro lugar. Discutimos a questão infantil durante a ceia.

<Concordo inteiramente, querida. Ele precisa e vai ser nossa preocupação primordial. Bem sabe que estou tão feliz e entusiasmado com a idéia de termos um filho quanto você. Mas acredito também que para podermos nos concentrar inteiramente nele e em nosso futuro é preciso antes de mais nada sabermos um pouco mais a respeito de nós, de todas essas mudanças pelas quais passamos.>

<Não vejo por que não podemos fazer ambos ao mesmo tempo.>

<Nós podemos sim. Provavelmente é o que vai acontecer de qualquer modo. Eu apenas receio que alguma coisa que não sabemos ainda possa vir a nos atrapalhar mais tarde, tornando-se motivo de decepção para nós. Parece bobagem, mas talvez seja mais prudente de nossa parte procurar assimilar melhor tudo isso que acaba de nos acontecer. Com isso quero dizer que conhecer melhor nossas novas potencialidades e suas limitações provavelmente tornará mais claro para nós o que podemos fazer, o que queremos fazer e como vamos agir daqui por

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

diante para conseguir o que queremos.>

<Que dia é hoje?>

<Hoje é quatorze, não, quinze de Outubro de 1959.>

<Então temos até... junho? Sim, junho, quinze de junho de 1960. Nove meses a partir de hoje. Nove meses até ele chegar...> pensou, olhando para a própria barriga.

<Toda mulher grávida é uma sonhadora.>

<Deste sonho o pai não está excluído.>

<Está sim, pois o pai não sonha. Ele simplesmente não consegue dormir de preocupação.>

Ela sorriu, levantou-se e veio sentar-se no meu colo. Passou os braços em volta do meu pescoço e entre beijinhos, murmúrios e gemidos carinhosos, seu pensamento me acalmava.

<Você não acha estranho toda essa nossa calma depois de tudo por que passamos?>

<Nós mudamos, querido. Não somos mais os mesmos de antes.>

<Há poucas horas...>

<Há poucas horas eu jamais imaginaria que fosse ficar grávida. Acho que nem mesmo acreditava muito em mim.>

<Estou com medo, Minouche.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Tiens-toi, chéri. Soit tranquille... Je t'en prendrai soin... On sera heureux, tu verras... moi, toi, Kim et lui... À jamais, à jamais heureux...>

"Renée! Estou entendendo!"

<O que, meu amor?> pensou ela toda afetuosa, ainda arrebatada por aquela onda de carinho.

"O que você estava dizendo! É francês, não?"

<Sim.>

"Esqueça-se do português. Pense apenas em francês agora."

<Penser en Français? À quoi bon? Pour voir si tu peux comprendre?>

<Exactement! Je te comprends! Je peux, moi aussi, penser en Français! Voyons si j'arrive à dire quelque chose.>

"*Allons enfants de la patrie, le jour de gloire est arrivé!*"

Ela ria, encantada.

<What about English? Can you understand it as well?>

<Sure! It's amazing! I have never studied any languages and here I am, thinking and speaking in...!>

<Será que eu também...?>

<Venha cá, vamos ligar o rádio. O juiz tem um aqui de ondas curtas.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Ligamos o rádio e sintonizamos diversas emissoras em diferentes comprimentos de onda. Ouvimos e compreendemos perfeitamente transmissões em russo, espanhol, japonês, dinamarquês, flamengo, como se tivéssemos nascido e crescido em cada um daqueles países! Havíamos sido transformados em omniglotas! Desliguei o rádio. Renée não pensava nada, não dizia uma palavra. Estava simplesmente parada ali, olhando para o vazio, boquiaberta.

<Quantas mais destas surpresas ainda teremos?>

Ela demorou para responder.

<Acho que tem razão. Talvez seja melhor nos conhecermos um pouco mais antes de começarmos a fazer planos para o bebê.>

Abraçamo-nos e ficamos ali, em silêncio total, por alguns instantes.

<Quantas, quantas surpresas mais?>

"Vamos dar uma volta pela praia? O sol já vai nascer." disse em voz alta para variar. Ela deu-me sua mão e começamos a descida.

Amanhecia. O pincel da aurora pintava na tela do céu as cores do raiar do dia. A paleta ia do vermelho forte ao azul mais escuro, passando pelo alaranjado, o amarelo, o verde-azulado, o lilás, até finalmente atingir a total escuridão ainda pontilhada de prata. A maré baixa ao recuar deixara na areia da praia vários calhaus, pedras, conchas e até mesmo alguns seres vivos.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Passeávamos despreocupados. Parecia que a luz daquele dia glorioso e o pesado ar marinho lavavam de nossas almas e pulmões os sofrimentos passados e as preocupações futuras. Finalmente tínhamos começado a viver a alegria simples do momento. Kim fuçava tudo o que encontrava e tive de chamá-la para evitar que deixasse um pedaço do focinho nas pinças de um caranguejo que não aparentava um humor matinal tão bom quanto o dela. Nos divertimos às suas custas, pois se comportava como uma criança. Acabou detendo-se mais demoradamente diante de uma estrela do mar. Era quase do tamanho da mão de Renée, que com cuidado tirou-a da areia. Sentíamos que estava viva, mas sofrendo pela falta da água.

"Estranha sensação, essa de ter uma vida na palma da mão. Posso sentir que pulsa pela água, que implora para que a levemos de volta. Venha, vamos."

Entramos lentamente no mar, este berço infinito de toda a vida do planeta, para restituir-lhe a filha desgarrada. Renée segurava cuidadosamente a estrelinha, e eu segurava com mais cuidado ainda todos os três: Renée, a estrelinha e nosso futuro descendente. À medida em que avançávamos ela a molhava, sentindo com alegria a retomada na pulsação da energia vital daquele pequeno ser. Finalmente

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

atingimos uma profundidade segura para evitar que a maré a devolvesse e Renée a soltou, não sem antes recomendar-lhe cuidado para não retornar à areia seca da praia. Então nos abraçamos, tentando fazer com que nossos corpos ficassem tão próximos um do outro quanto nossas consciências agora estavam e ali mesmo, no próprio seio da mãe criadora rendemos-lhe homenagem, cultuando a vida através do amor sob a luz nascente do primeiro dia de nossas existências em total comunhão.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

A imagem de Renée saindo da água naquela manhã, sua beleza resplandecente, brilhante como a de uma Vênus, ficou gravada para sempre em minha memória. Quando estávamos separados era daquela maneira, era com aquela imagem magnífica que gostava de lembrar-me dela: linda, brilhando ao sol, emergindo da espuma do mar como Afrodite, completamente nua. Mas aquela nudez absoluta, total — a nudez do corpo somada à da consciência — ainda apresentava algumas dificuldades para nós naqueles primeiros momentos da união de nossas consciências. Nossas mentes ainda não funcionavam como se fossem uma só, uma unidade dividida em duas metades.

Digo duas porque Kim pensava como uma criança, preferindo manter-se à parte de nossas preocupações, aproveitando o melhor de tudo aquilo sem dar muita bola para questões tais como o porque das coisas. Embora tivesse um senso de responsabilidade bem desenvolvido, muitas vezes ela desprezava totalmente nossa inquietação filosófica em favor de um pragmatismo predominantemente estomacal. Sabia apenas do que gostava e do que não gostava. Era como uma criança de uns seis ou sete anos, com idade suficiente para discernir o certo do errado, mas muito afeita a um boa traquinagem. Claro, não podíamos condená-la.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Foi observando-a que aprendemos muitas coisas sobre nós mesmos, como por exemplo nossa sincronização. Renée e eu, que éramos cada uma destas duas metades, contribuíamos para o todo à nossa maneira, com maior ou menor sucesso conforme o caso. Aos poucos fomos percebendo que a perfeita sintonia que existia quando nos amávamos, vivendo momentos de intensa alegria e felicidade, traduzia-se na consonância das pulsações de nosso brilho. Começamos a aprender a manter nossas pulsações de energia vibrando constantemente juntas, dando início ao longo processo do conhecimento mais profundo de nossas consciências, até que finalmente — mesmo sem entender tudo o que nos acontecia — aceitamos totalmente nossas existências em uníssono.

Começávamos a experimentar a essência do amor, o amor em estado puro — e estávamos nos embriagando. De uma maneira que ainda não entendíamos muito bem, passávamos a viver total e completamente dentro daquela atmosfera amorosa e a amplitude de nossas vibrações tornava cada vez maior, cada vez mais poderosa essa enorme onda que tomava conta de nós todos. Sim, de fato era isso: não nos amávamos um ao outro como antes, exercendo nosso bem-querer sobre um objeto externo, estranho, diferente de nós.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Começávamos a compreender que era o amor quem nos possuía, que nós é que éramos seu objeto: sim, nós, que já não éramos mais duas pessoas, duas individualidades, mas caminhávamos para uma unificação de nossas consciências. Apesar de continuarmos sendo Renée e Donato essa unificação ainda nos atemorizava um pouco, talvez pela possibilidade, que em nossos momentos de dúvida chegávamos a admitir, da perda de nossas individualidades, da extinção da alteridade que fazia com que um se dissolvesse no outro.

Esse medo foi desaparecendo aos poucos à medida em que o amor total tomava conta de nossos pensamentos, de nossas consciências e de nossos corpos; à medida em que deixávamos de nos amar um ao outro para sermos o próprio amor. Renée tinha um nome para aquilo: imanência. Eu jamais teria compreendido o significado daquela palavra se não tivesse experimentando na prática aquele devastador sentimento de unicidade em pensamento, sendo mentalmente um com ela, e de unicidade de sentimento, sentindo nela e com ela ao mesmo tempo as mesmas coisas, vivendo as mesmas sensações e impressões. Coisa de louco. O fato é que, com ou sem palavras complicadas, tudo aquilo nos fazia perceber como a vida que leváramos até então fora tosca, rudimentar, primitiva — e suspirávamos aliviados, agradecendo

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

por nunca mais ter que retornar à escuridão daquele passado, tão próximo e ao mesmo tempo tão distante. Livres das cadeias daquele estado rudimentar dos sentimentos, pensávamos, desejávamos, olhávamos apenas para o futuro, buscando o novo, antevendo o porvir.

Depois do almoço daquele glorioso dia, resolvemos passear.

<Ainda não dormimos desde nossa viagem pelo espaço, mas não estou com sono. Estranho...>

<Talvez não seja tão estranho assim.>

<Por que, Minouche?>

<Depois de tudo o que nos aconteceu não me surpreendo com mais nada.>

<Para mim é estranho sim. Sempre tenho vontade de dormir um pouco depois do almoço, especialmente em dias quentes como esse.>

<Pois já que o dorminhoco não tem sono, que tal um passeio?>

<Claro. Onde quer ir?>

<Hummm... que acha de irmos até a nascente do riacho?>

<Morro acima? Deve-se ter uma linda vista lá do alto. Mas será que você agüenta a subida?>

<Se você estiver comigo...>

<Posso ficar aqui mesmo e ainda assim estar contigo lá em cima do morro.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Deixe de ser bobo. Você sabe muito bem do que estou falando.>

<Sabia que você é uma romântica incurável?>

<Que posso fazer? Me levaram para a Lua com você.>

<Pois saiba que minha Minouche é a lunática mais linda que já vi.>

<Vou pegar o chapéu.>

Subimos devagarinho, acompanhando morro acima o curso do regato a partir da cisterna. A tarde estava radiante e o calor do sol era aplacado apenas por uma leve brisa. A folhagem das árvores quase não se mexia e sem a constante lufada de ar marinho trazida pelo vento podíamos distinguir o suave perfume da mata. Paramos um pouco para descansar e Renée sentou-se à beira do curso d'água, onde um pequeno degrau fazia uma cachoeira em miniatura.

<Está sentindo, querido?>

<O que?>

<Elas.>

<Quem?>

<As árvores.>

<Que tem elas?>

<Esse perfume é para nós, não sente?>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Sinto o perfume sim, mas não sei se somos a causa.>

<Eu sei. Venha cá. Dê-me sua mão e vamos nos concentrar juntos.>

<?>

Só então notei a sinfonia floral produzida pelo bosque, um conjunto de vibrações que chegava até nós inclusive pelo perfume, mas também pelos outros sentidos. Podíamos perceber o efeito do vento, espalhando o bouquet de suas sensações: a alegria da mata ao ser inundada pela luz do sol, a felicidade de poder abrigar e alimentar a vida das incontáveis espécies de insetos e pequenos animais que dependiam dela para sua sobrevivência. A beleza e a força de sua folhagem, à sua maneira, também comunicavam o êxtase imóvel experimentado sob a chuva, que faz com que as raízes mergulhem mais profundamente ainda nas esperanças futuras de novos brotos e flores. Seus eflúvios nos diziam que estava contente por poder entrar em sintonia conosco, pois era a primeira vez que podia manter contato direto com humanos. Normalmente a mata servia de abrigo aos espíritos e animais, e todas as incursões humanas cedo ou tarde acabavam trazendo devastação e morte. Mas para ela nós éramos diferentes, e por isso bemvindos. Na grandeza de seu conjunto, cada uma daquelas árvores sabia que estávamos entre os dois extremos que conheciam, o das entidades do

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

inefável e o da humanidade material, acostumada a pura e simplesmente derrubar a vegetação, fazer fogo e caçar animais.

E pela primeira vez na vida dei-me conta da existência da consciência e da personalidade dos seres vegetais, de sua intimidade com a luz do sol, a chuva, os ventos, a noite e todos os entes vivos que de uma maneira ou de outra relacionam-se com eles. Um sentimento de gratidão tomou conta de mim. Subitamente me dei conta da importância de estar ali naquele momento, na companhia de Renée, sentindo a majestosa presença daquele bosque, participando daquela imensa comunhão com a vida. A cada momento as coisas mais simples ganhavam uma dimensão inusitada, uma extraordinária importância que nunca sentíramos até então. Sabíamos que o mundo não mudara: nós sim é que havíamos mudado. Ficamos ali um longo tempo, abraçados, agraciados por aquele perfume e reverenciando a natureza.

Por fim criamos coragem para reiniciar a subida, que consumiu boa parte de nossas energias. Ajudados pela mata, que à sua maneira peculiar nos indicava o melhor caminho orientando-nos com suas emanações, conseguimos chegar ao topo da colina, de onde vislumbramos a paisagem daquele privilegiado ponto de vista. O sol inclinava-se sobre o horizonte, começando a tingir de rosa o encontro do

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

céu com o mar. As gaivotas davam seus últimos mergulhos, aproveitando as águas calmas do final da tarde para pescar o seu jantar. Uma leve brisa alisava nossos cabelos e ali, em meio a uma intensa sensação de felicidade, unimos nossos corpos e mentes.

Deixamo-nos ficar, experimentando uma total passividade dos sentidos, uma entrega completa e total a toda aquela beleza que nos rodeava. Renée, num estado de langorosa beatitude, deixava seu corpo maravilhoso ser lambido pela brisa marinha e entregava-se totalmente àquela maravilhosa sensação de felicidade absoluta: sua união comigo, com as plantas, o vento, o sol, as estrelas, o mar e sobretudo, com a ainda tênue vida que se iniciava dentro dela. Eu podia perceber o quanto isso era importante para ela, mas estava mais espantado com essa percepção do que propriamente com os seus sentimentos. Pensava se realmente teríamos condições de nos adaptar àquelas novas capacidades, pensava sobre as mudanças radicais que elas trariam para nossas vidas. Tínhamos pela frente todo um trabalho de adaptação à nova realidade, que precisaria ser feito para não nos perdermos naquele turbilhão de sensações causadas pela nossa nova percepção das coisas, das pessoas e — sobretudo — de nós mesmos.

Não foi um processo simples, muito menos fácil. Uma das barreiras

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

mais difíceis de transpor foi a do sono. Logo descobrimos que nossa necessidade de repouso tinha diminuído muito: desde que voltamos daquele incrível passeio ainda não havíamos notado o menor sinal de cansaço. Há quase dois dias não dormíamos, e no princípio atribuímos isso à excitação natural causada por tudo o que nos acontecera. Podíamos enxergar no escuro, falar e compreender qualquer língua, transmitir nossas idéias, sensações e mesmo intuições de um para o outro usando apenas a força de nossas mentes, mas apesar disso ainda tínhamos o receio de que boa parte de nossos novos poderes ainda pudesse estar oculta, esperando apenas a oportunidade certa para se manifestar. Isso era o que mais nos assustava, pois o que já sabíamos era tão fora do comum que esperar por mais, sem ter idéia do que ainda estava por vir, chegava em certos momentos a ser angustiante.

Esse medo provou não ser de todo infundado.

Havíamos chegado ali numa quinta-feira por volta das seis da tarde. Passamos o começo da madrugada de sexta passeando pelo lado escuro da Lua e o restante do tempo a conversar sobre o ocorrido. Amanhecemos na praia onde ficamos durante a maior parte do dia e só na madrugada de sábado fomos sentir algum sono. Depois de nosso breve jantar daquela noite fomos para a cama. Renée logo despediu-

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

se da consciência ativa da vigília, mas comigo foi diferente. Durante toda minha vida raras foram as vezes em que deitei e consegui dormir imediatamente — normalmente ficava uma hora, às vezes mais, rolando na cama até que o sono viesse. Resolvi ler um dos raros livros que o juiz mantinha ali. Pouco depois comecei a perceber uma vibração estranha, desconhecida ainda, e lentamente dei-me conta de que Renée sonhava. E o que era ainda mais incrível, eu podia ver e sentir tudo o que se passava em seu sonho!

Ela estava na maternidade com nosso filho nos braços, amamentando-o. Uma difusa luminosidade avermelhada dominava o ambiente, sem no entanto ser opressiva. Repentinamente entram no quarto o ex-marido e sua falecida sogra, interpelando-a com raiva sobre seu paradeiro, num verdadeiro clima de terror. Acusando-a pela morte da mãe, ele tentava arrancar-lhe o bebê dos braços para que o cadáver enrugado de sua mãe o levasse para a terra dos mortos e ele pudesse tê-la novamente. Renée, apavorada, segurava o filho e defendia-se como podia. Toda a enorme carga de sentimentos que a atormentava deixou-me fortemente impressionado, não apenas naquele momento mas pelo resto de minha vida. Sabia que tudo não passava de um sonho, mas isso não diminuía em nada a intensidade

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

das emoções que experimentávamos. Resolvi tentar interferir. Sem acordá-la comecei a participar de seu sonho, entrando no quarto e expulsando dali aqueles dois, que prontamente subjugados, retiraram-se no mesmo instante. Sentei-me então ao seu lado e tratei de acalmá-la, ajudando-a com o bebê até que ele terminou de mamar. Depois segurei-o em pé para que regurgitasse o ar engolido junto com o leite enquanto procurava fazer com que ela voltasse a dormir tranqüila, assegurando-lhe que ficaria ali tomando conta deles e nada lhes aconteceria.

Mas Renée não conseguia mais dormir, apavorada com a idéia de perder o filho durante o sono. Foi então que me ocorreu restaurar sua autoconfiança nos seguintes termos: ela não deveria temer nada, absolutamente nada neste mundo porque era a mulher mais poderosa que jamais existiu. A força de seu pensamento e de sua vontade era mais do que suficiente para impedir que qualquer um, vivo ou morto, pudesse fazer mal tanto a ela quanto ao bebê. Incuti-lhe a consciência de seu poder mental para que dali por diante pudesse dormir tranqüila, segura de que ninguém nunca se atreveria a desafiar um poder tão grande mesmo durante minha ausência. E para minha surpresa, funcionou. Chamando-me de seu anjo da guarda ela beijou-me e caiu

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

num sono profundo — dentro do próprio sonho! — e repousante do qual despertou somente na manhã seguinte. Saí de fininho, fechando a porta do quarto de seu sonho, e voltei à realidade de minha insônia.

Pensando bem, não era de se estranhar que mesmo dormindo nossas mentes pudessem permanecer ligadas. Parecia uma consequência lógica, já que durante o dia isto acontecia normalmente. A única diferença era a de que, se durante a vigília a unidade era de nossas consciências, durante o sono o inconsciente predominava. Tentava imaginar o que teria acontecido no sonho de Renée se eu em vez de acordado, consciente, o tivesse recebido durante meu próprio sono. Como teria sido minha reação nesse caso? Se meu inconsciente estivesse livre para misturar-se ao dela, o que poderia resultar disso?

Fiquei ainda um bom tempo lidando com estas conjecturas até que por fim sucumbi. Curiosamente, o que aconteceu conosco durante a noite repetiu-se pela manhã, mas desta vez de maneira inversa. Renée acordou antes de mim e percebendo meu sonho, veio participar dele. Só que este era um sonho delicioso: eu voava pelos ares sem a ajuda de nada, apenas voava, pairava sobre o mundo levado pelo vento e pela curiosidade, experimentando uma incrível sensação de leveza e prazer. E de repente lá estava ela, toda sorridente, voando ao meu

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

lado e procurando dar-me a mão. Voamos juntos durante um bom tempo: furamos nuvens, pairamos sobre diversas cidades, pulamos montanhas, fizemos vôos rasantes sobre rios e mares, até que aos poucos ela foi trazendo-me de volta para o chão. Quando apoiei os pés no solo, acordei. Ela, deitada ao meu lado com a cabeça apoiada na mão, olhava-me divertida.

<Você estava sonhando tão gostoso que não resisti e resolvi pegar uma carona.>

<Percebi. Mais uma daquelas surpresas, certo?>

<É. Mas essa foi das boas.>

<Das boas não, das ótimas.>

E então, sondando a expressão de sua face tranquila notei em seu rosto uma sensação de descanso. Mesmo assim perguntei:

<Não se lembra de ontem à noite?>

<Não. Deveria?>

<Não sei. Suponho que sim.>

<Que aconteceu?>

<O mesmo que agora, apenas... seu sonho foi ruim e tive que ajudá-la um pouquinho a... livrar-se de certas presenças indesejáveis.>

<Indesejáveis? Quem? Ela esforçava-se por lembrar.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Seu ex-marido e a mãe dele.>

Não sei se deveria ou não ter dito, mas estava feito. Aos poucos todo o horror voltou-lhe à mente, embora muito atenuado pelo distanciamento. Então contei-lhe tudo o que havia pensado durante a noite, meus receios a respeito das possíveis consequências de nossa comunicação durante o sono, quando ambos estivéssemos inconscientes. Ela abraçou-me, apoiando sua cabeça em meu peito, e ficamos assim, em completo silêncio, durante algum tempo.

<Tantas coisas novas para aprender... mas nós vamos conseguir, querido, eu sei que vamos. Estou muito feliz por podermos sonhar juntos. Acho que isso nos aproxima mais ainda, nos torna inseparáveis até mesmo durante o sono. Sinto-me muito mais segura, mais protegida por causa disso.>

<Por que?>

<Ora, porque sim.>

Eu adorava aquele seu jeitinho infantil.

<Cada vez que um de nós tiver um pesadelo, sempre poderá contar com a ajuda do outro.>

<Nos sonhos e nos pesadelos...>

<Nos pensamentos e nos sentimentos...>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Na saúde e na doença...>
<Na riqueza e na pobreza...>
Uma chuva de cabelos negros escureceu minha visão.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Depois do café resolvemos dar uma volta pela cidade. O dia estava lindo, precisávamos repor nosso estoque — e o do juiz — e aquela era uma boa hora para ir às compras. Sábado de manhã seria também o momento ideal para telefonar para o Justino, que depois da tradicional noitada de pôquer das sextas seguramente ficaria na cama até mais tarde. A custo deixamos Kim, cada vez mais apegada a Renée, de plantão na casa. Só foi convencida a ficar depois da solene promessa que sua recompensa pelo bom comportamento seria um grande pedaço de fígado.

A lista de compras era eclética, contendo desde calcinhas até peixe e camarão. Não foi difícil localizar o centro comercial da cidade. Aliás, era impossível evitá-lo. Em torno da praça da cidade onde ficavam a igreja, a delegacia, o cinema e o coreto, num raio de três ou quatro quarteirões podia-se encontrar tudo o que o lugarejo tinha para oferecer. Dividimos as tarefas. Eu me encarregaria do peixe, do abastecimento e manutenção do carro e do telefonema, e Renée dos mantimentos e de seus itens pessoais.

Para poupar o sono do juiz resolvi deixar o telefonema por último, e segui até a peixaria. Ficava numa rua paralela ao cais de atracação dos barcos pesqueiros, a uns dois quarteirões de onde estava. Ao passar

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

em frente a um botequim tive mais uma daquelas surpresas.

<Tinham que mandar para cá um desgraçado destes, que ainda por cima só bebe leite!>

A frase viera de um homem parado na porta do bar. Depois de alguns passos me dei conta de que o que ouvira não era voz, mas sim pensamento. Atravessei a rua e sentei-me num dos bancos da praça para me recuperar do choque. Se isso fosse verdade, então as mentes dos outros, seus pensamentos e sentimentos também podiam ser percebidos por nós! Claro, mas que imbecil fui em não pensar nessa possibilidade! Estivéramos tão imersos em nós mesmos que esta simples hipótese nunca me ocorrera.

Voltei e entrei no boteco, encostando-me no balcão. Enquanto esperava ser atendido procurei identificar alguém tomando leite. Havia de fato um copo de leite vazio sobre o balcão, ao lado de outros de cerveja e cachaça. Um dos homens despediu-se do grupo e saiu.

"Pois não?"

"Um café com leite, por favor."

Enquanto bebia o café, eu aproveitava para ouvir a conversa dos presentes. "E agora, Agostinho, com esse chefe novo que só bebe leite será que você vai poder continuar a levar os presos bem comportados no cinema?"

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Sei não, rapaz. Do jeito que esse aí é CDF..."

Estava identificado o autor do pensamento: um sujeito magro e barrigudo chamado Agostinho Bonifetto, rádio-telegrafista da polícia e morador da cidade há vinte anos. Ele piscava os olhos, meio tonto enquanto eu tentava puxar de sua mente todos os seus vinte anos de vida ali na cidadezinha.

"Ô Castor, que foi que você pôs nessa cachaça aqui, rapaz? Tá forte pra danar!"

"A pinga é a mesma que você tomou ontem", respondeu o dentuço dono do boteco. "Você é que deve estar mais fraco."

Os outros riram. O bebedor de leite era o novo delegado da cidade, e seus subordinados ali no bar andavam receosos com ele por seu comportamento muito certinho demais. Temiam que seu sistema de administrar as coisas da cidadezinha, estabelecido e sacramentado ao longo dos anos, pudesse ser completamente alterado de uma hora para outra pelo recém-chegado.

Então era mesmo verdade: a mente dos outros também nos era transparente! Paguei o café e novamente busquei o banco da praça do outro lado da rua para poder pensar com tranqüilidade. Para que todo esse poder? Qual a finalidade de nos conceder uma faculdade cujo

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

exercício poderia se transformar numa arma contra nós mesmos? E funcionaria com qualquer um? Resolvi me certificar disso fazendo algumas pequenas experiências com as pessoas que passavam por ali.

Tentei concentrar-me numa velha senhora que ia andando devagarinho pela calçada. A princípio não consegui, havia uma espécie de barreira que de alguma forma bloqueava meu acesso a ela. Procurei transpô-la aumentando a intensidade de minha concentração. A velhinha diminuiu o passo e cambaleou, levando a mão à cabeça. Levantei-me para ajudá-la.

"Quer sentar-se um pouquinho, vovó?" Ela olhou-me com uns olhinhos inquisidores mas simpáticos.

"Obrigada, moço."

"Tudo bem com a senhora?"

"Deve ser a velhice chegando, meu filho. A última vez que me lembro de ter tido uma tontura assim no meio da rua foi durante minha última gravidez. E olhe que já faz um tempão..."

"Está melhor agora, vovó? Quer que lhe traga alguma coisa? Um café, um copo d'água?"

"Não, obrigada meu filho. Já passou."

"Nesse caso já vou indo. Até logo."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Fique com Deus, meu filho."

Então meus esforços haviam provocado tontura na pobre velhota. Mas o que me intrigava era a razão de meu fracasso com ela quando o pensamento do homem do bar fora captado de maneira espontânea, como se tivesse sido dito em voz alta. Talvez algumas pessoas fossem mais predispostas do que outras a emitir e, quem sabe, também a receber comunicação mental.

<Querido, onde está?>

<Na pracinha, quase em frente ao nosso carro.>

<Ainda?>

<Ainda, mas por um bom motivo. Acabo de descobrir que podemos saber tudo o que os outros pensam e sentem sem que eles percebam isso, e estou aqui sentado tentando entender tudo isso. Acho que os nossos amigos de Vega nos deram muito mais do que imaginamos, e me pergunto se tudo isso não é um presente de grego.>

<Meu conselho é o de deixar a especulação de lado por enquanto em favor de uma postura mais... pragmática.>

<Pragmática. Isso é praga? Pega? É contagioso? Tem cura?>

<Deixe da palhaçada e procure descobrir mais a respeito.>

<Estou tentando, mas encontrei certas dificuldades. Parece que o

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

acesso à mente de algumas pessoas é mais fácil; já com outras a coisa é mais difícil.>

<Era justamente sobre isso que queria lhe falar — também já tive uma pequena amostra, mas sem dificuldades. Vou experimentar mais e depois nos falamos. Tchau, amor.>

<Tchau.>

Durante o caminho para a peixaria tentava entender como meu acesso à mente de Agostinho, um calejado funcionário de carreira da polícia, que em virtude da profissão havia presenciando atrocidades por anos a fio, podia ser muito mais fácil do que a percepção dos pensamentos de uma pobre vovozinha. Será que aquilo que senti como uma barreira entre mim e ela de fato me atrapalhava, ou será que agia como se fosse uma espécie de filtro, impedindo minha percepção de invadir os pensamentos dela apenas, e não o das outras pessoas ao redor — já que todos flutuavam ao mesmo tempo no ar? Teria eu dirigido erroneamente minha concentração ou algumas pessoas realmente podiam vedar suas mentes, tornando-se impermeáveis àquele verdadeiro ato de pirataria mental que agora Renée e eu tínhamos o poder de cometer? Para variar, tínhamos muito mais perguntas do que respostas. O que saltava à vista era a conclusão de

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

que o poder mental independe de sexo, idade ou profissão, mas mesmo assim podia variar muito conforme a pessoa.

Pensava nisso quando entrei na peixaria. O dono, um sujeito simpático, grandalhão, de cara vermelha e cabelos e bigode brancos, recebeu-me com um sorriso por detrás do balcão. Pude perceber que sua empatia era a princípio comercial, mas sincera, sem ser a costumeira máscara de simpatia tão usada por nós vendedores. Durante a conversa tentava — com delicadeza — penetrar em sua mente, conhecer mais sobre aquele peixeiro.

Em nenhum momento ele se deu conta do que se passava entre nós fora do plano verbal da comunicação. Recomendava os peixes de acordo com seu próprio gosto, e sentindo através de sua memória o prazer que ele experimentara ao comer cada uma das diferentes espécies, pude perceber que suas recomendações de fato eram honestas. Vendeu-me lulas, camarões e uma bela pescada, mas sem dúvida a coisa mais importante ele me deu de graça: um pouco mais do valioso conhecimento sobre o processo de investigação da mente humana.

Enquanto falava a respeito dos peixes que tinha e a maneira mais adequada de preparar cada um deles, aprendi que o processo de leitura mental variava de pessoa para pessoa. Percebi que as vibrações de

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

sua luminescência mental eram harmoniosas, enquanto que as da velhinha pouco me revelaram. Mas infelizmente, além de seus sentimentos relacionados imediatamente com o que dizia, não tive muito sucesso com ele. Talvez por não ter carregado na intensidade, receando reações de mal estar iguais às da velhota.

Era evidente que aquele novo leque de possibilidades que se abria diante de nós precisava ser tateado com extremo cuidado, pois era imprescindível manter o mais absoluto sigilo a respeito de tudo o que nos acontecia. Agora estávamos lidando com a mente de outras pessoas; já não se tratava apenas de nós dois. Saí da peixaria chamando por ela.

<Minouche, onde está? Pode me ouvir?>

<Posso. Me dê um minuto para terminar aqui, está bem?>

<Certo, estou indo para o carro.>

<Nos encontramos lá. Tchau.>

A experiência de Renée tinha sido semelhante. Nem sempre tivera sucesso, e notara diferenças grandes de pessoa para pessoa. No caminho discutimos nossos progressos. Contei-lhe o que me acontecera e concluímos que nosso objetivo primordial dali por diante seria compreender melhor a utilização deste nosso poder. Enquanto o carro

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

era abastecido ela veio com algumas idéias novas.

<Talvez existam algumas mentes que sejam mais favoráveis, mais abertas à leitura do que outras. Você estava passando em frente ao bar quando, sem fazer nenhum esforço especial para isso, percebeu o pensamento do policial.>

<Isso mesmo.>

<E depois tentou com a velhinha, aumentando a intensidade até causar-lhe tontura, sem no entanto conseguir nada.>

<É.>

<Quem sabe a bebida favoreça o processo? Quando bebemos nos libertamos parcialmente de certos controles sobre nós mesmos.>

<É possível. Ele até perguntou ao dono do bar se tinha posto alguma coisa na cachaça. Talvez tenha razão. Lembra-se da primeira noite que passamos em claro, tentando entender tudo o que nos acontecera?>

<Logo depois da viagem?>

<Sim. À medida em que tomamos o vinho e fomos relaxando, nossa comunicação foi ficando mais fácil.>

<Depois de uma experiência como aquela, quem não precisaria de uns goles?>

<O efeito do álcool sobre nós é razoavelmente conhecido. Ficamos

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

mais desinibidos e menos... hã... responsáveis.>

<Acho que estou começando a entender porque algumas pessoas tem a mente mais aberta para nós do que outras. Você já reparou que em muitas ocasiões falamos sem pensar, isto é, dizemos imediatamente o que pensamos sem refletir antes? Normalmente nós, pessoas como eu e você, pensamos primeiro a respeito de um assunto, examinamos os prós e os contras da questão e por fim nos pronunciamos em voz alta, o que torna este pronunciamento o termo de um processo de reflexão. O que dizemos é mediado pelo pensamento, elaborado antes de ser dito. Mas muitas pessoas não se habituam a isso, e dizem simplesmente o que lhes vem à cabeça no momento, sem esta mediação.>

<Faz sentido.>

<Agora há pouco encontrei numa loja uma mulher que tinha a mente absolutamente transparente para mim. Com toda a certeza ela é a maior fofoqueira da cidade, sabe de tudo a respeito da vida dos outros. Julga moralmente as pessoas pelo que aparentam ser, sem nunca parar para pensar sobre si mesma, não sabe o que é auto-questionamento e vê o mal em tudo. Pois bem, ao me ver ela falava consigo mesma como se estivesse com uma de suas comadres, e seu pensamento tinha

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

tamanha nitidez que pude sem dificuldade identificá-la em meio a diversas outras pessoas.>

<E isso quer dizer que as fofoqueiras serão nosso alvo predileto?>

<Elas e também todos aqueles que, de forma geral, tem uma envergadura moral limitada de alguma forma. Provavelmente a velhinha que conseguiu resistir a você seja uma pessoa moralmente superior ao policial, à linguaruda e ao peixeiro. Sua invulnerabilidade talvez seja a medida de um padrão de conduta mental mais elevado, e portanto de acesso mais difícil para nós.>

<Talvez seja justamente disso que precisamos, Renée. Pessoas assim podem nos ajudar a treinar nossas mentes, a conhecer bem melhor nossos poderes e o efeito que eles tem sobre as outras pessoas — e se o que acaba de dizer estiver certo, acabamos de descobrir uma forma de segura avaliação, um padrão confiável. Mas por enquanto ainda não sabemos exatamente o que podemos e o que não podemos fazer. Talvez devêssemos ficar aqui até que isso fique bem claro e definido para nós.>

<Podemos treinar um com o outro.>

<Sim, podemos e devemos, mas isso não basta. Somos iguais, e além disso precisamos saber exatamente como e até que ponto podemos

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

agir sobre os outros. Mas de qualquer modo, começar conosco não é má idéia.>

<Nos conhecermos um ao outro totalmente..!>

<Está pensando em nossas memórias.>

<Isso mesmo. Se eu passar toda a minha memória para você e se conseguir receber toda a sua, seremos verdadeiramente um!>

<Mas ainda não somos?>

<Bem, sim, mas...>

De repente ela parou de pensar, como se sua mente tivesse ficado subitamente vazia.

<O que somos na verdade, Renée?>

Fez-se uma longa pausa entre nós. Ela chegou mais perto e abraçou-me, encostando sua cabeça em meu ombro.

<Não sei. Não sei o que somos mas sei que gosto de você. Tenho medo de tudo isso...eu, você, o bebê...mas, sabe? — no fundo acho que estou começando a gostar. Nossos amigos Aedas não devem ter viajado todos esses anos-luz para nada. Se eles nos escolheram para embrião de uma nova humanidade, deve haver um forte motivo. Eles tem o poder de deslocamento no tempo e devem ter visto as consequências desastrosas, caso contrário não interfeririam desta maneira. Se somos

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

essa interferência, essa tentativa de modificar para melhor a humanidade, tão mais cheia de erros do que acertos, impulsionando o curso de sua evolução na direção de um futuro no qual todas as mentes estarão unidas, nada mais certo do que unificarmos não apenas o nosso futuro, mas também o nosso passado.>

<Acho que tem razão. Mas será que fomos os únicos escolhidos para isso?>

<Com tanta gente no mundo, acho pouco provável que arriscassem todas as chances em apenas um casal.>

Renée suspirou.

<Ainda há tantas coisas que não sabemos sobre nós mesmos! Quem dirá sobre os outros?>

<Nós vamos descobrir, querida. Logo estaremos sabendo direitinho como tudo isso funciona.>

<Espero que sim. Os filósofos procuram estas respostas há milênios e ainda não chegaram a uma conclusão.>

<Claro que não. Nem poderiam. Eles não tiveram a sorte de se casar com uma mulher como você.>

<Seu bobo. A sortuda aqui sou eu.>

<Eu sei, só disse isso para lisonjeá-la.>

"Ah, é?"

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Não! Mordida não! Cuidado! Aaaaiiii!"

Do posto de gasolina fomos até a Telefônica ligar para o juiz. Todas as ligações interurbanas tinham de passar pela telefonista da cidade, mas felizmente não havia muita gente na fila e tivemos que esperar muito pouco — para azar do Justino, que teve o sono interrompido mais cedo. A princípio ninguém atendeu, e lembrei que aos sábados pela manhã a Minervina costuma ir à feira. Pedi à telefonista que insistisse. Por fim o pobre coitado atendeu, com uma voz felpuda e sem humor algum.

"Bom dia, Doutor."

"Quem é?"

"A noitada ontem deve ter sido boa, hein? Quem foi o pato de plantão, o Gino?"

"Ah, é você, Donato?" Sua voz parecia mais desperta agora. "Tudo bem por aí? Como é que vai a lua de mel?"

"Tudo ótimo, melhor impossível. Até o tempo está colaborando, tem feito dias lindíssimos por aqui. E você, ganhou ontem?"

"Que nada, o pato de plantão fui eu. Eu e o Gino. O maestro estava com uma sorte imbatível. Tomou nossas economias, o safado."

"Quem sentou na minha cadeira?"

"O Plínio Picote."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Ué, mas o Gino não ia 'rashga-lo em pedadzinhos' depois daquela barbada furada do quinto páreo?"

"Ele nos subornou. Prometeu-nos duas outras por conta daquela. De fato não foi culpa dele, você sabe. Quem estragou tudo foi o tratador que exagerou na dose."

"Foi o que imaginei. Justino, quais são seus planos? Você está pensando em vir para cá neste fim de semana?"

"Não, infelizmente estou preso aqui. Tenho um processo do tamanho de um prédio para ler até segunda feira."

"Estamos pensando em ficar mais alguns dias por aqui, isto é, desde que a idéia não atrapalhe seus planos de viagem."

"Não atrapalha não."

"Sei que às vezes você vem para cá mesmo durante a semana..."

"Pode ficar à vontade. Não vou descer estes dias. O Gino quer ir para o sítio fazer uma pescaria e se eu conseguir me safar deste processo talvez vá com ele. Fiquem o quanto quiserem."

"Obrigado, você é mesmo grande. Estamos pensando em passar mais uma semana aqui. Por favor, peça à Minervina para dar um pulo no meu apartamento quando ela puder, só para ver se tudo anda em ordem por lá, está bem? O zelador tem uma chave."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Claro. E se você precisar de alguma coisa aí pode falar em meu nome com o Agostinho na delegacia de polícia. Ele é o rádio-telegrafista e me conhece bem."

"Muito obrigado, Justino. Eu e a Renée ficamos imensamente agradecidos."

"Renée, é? Bonito nome. Quando voltarem, traga-a para jantar aqui. Eu e a Minervina queremos conhecer a autora deste prodígio."

"A Minervina está curiosa, é?"

"Não fala noutra coisa. Você sabe como ela é, tem que saber de tudo, senão..."

"Pode dizer a ela que antes do nosso casamento iremos até aí pedir-lhe a bênção."

"Se vai haver casamento ela com certeza vai gostar."

"Por que será que todas elas só pensam nisso, Justino?"

"Isso já foi devidamente explicado pelos literatos, meu caro. Segundo Bernard Shaw, existe um mandamento nesse caso: 'As mulheres devem procurar casar-se o mais cedo possível, e os homens o mais tarde possível.' Como vê, eu e você, ainda que por motivos diferentes, somos tenazes cumpridores do dever."

"Mas então a Minervina está em falta."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"*Et pour cause...*"

"Entendi. Bem, *arrivederci*. E obrigado!"

"De nada. Olhe, como presente especial de minha parte quero que você procure uma garrafa de Bourgogne 49 aí na adega. Esse foi um ano especial para os borgonhas, e tenho certeza de que vocês apreciarão."

"Muito obrigado, mas como vou saber qual é?"

"Fácil, ele é o único borgonha tinto que eu tenho aí. Um vinho soberbo. Divirtam-se!"

Ao desligar não pude evitar o pensamento de que quem na verdade estava se divertindo era ele, com sua vidinha metódica e de poucas responsabilidades. Mas definitivamente aquele não era o momento de tentar explicar a alguém, por mais íntimo que fosse e muito menos por telefone, o tamanho da enrascada em que havia me metido. Para minha sorte, Renée estava ocupada com outras coisas e não prestou atenção no assunto — o que me poupou algumas mordidas. No mínimo.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Haviam se passado uns dois dias desde nossa primeira visita à cidade quando, durante uma tarde em que passeávamos pela praia, recebemos a visita de nosso velho conhecido, o amigo do juiz e telegrafista da polícia, Agostinho Bonifetto. Depois de deixar o carro no meio da estradinha, ele veio até a areia falar conosco.

"Tarde."

"Boa tarde."

"É o Sr. Donato?"

"Eu mesmo."

"Meu nome é Agostinho. Trabalho na polícia e o juiz Justino me pediu para dar um pulo até aqui de vez em quando para ver se o senhor está precisando de alguma coisa."

"Muito obrigado. Esta é Renée."

"Senhora."

"Como vai?"

"Quer dizer que o juiz andou dando mais esse trabalho para o senhor, seu Agostinho?"

"Não é trabalho nenhum, ao contrário. Aqui a gente quase nunca tem muito o que fazer mesmo... e depois é sempre um prazer poder ser de valia. O Dr. Justino é muito querido aqui e fazemos questão de receber bem os amigos dele."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"É muita gentileza sua. Mas vamos entrar." Ele não explicou que o fato do Justino ser 'muito querido' devia-se em grande parte a uma certa indicação do nome de Agostinho para subdelegado, que ele esperava ver concretizada através da publicação no Diário Oficial — indicação essa que revelava um longo histórico de troca de favores entre ambos.

Depois de vencer a relutância de praxe determinada por aquilo que se costuma chamar de boa educação, instalamos Agostinho numa cadeira na varanda e pusemos uma cerveja à sua frente. Aquilo era o que ele realmente gostava: bebida e conversa mole. Passou a contar-nos as particularidades da vida local, toda a monotonia do seu quotidiano, temperada por alguns casos pitorescos ocorridos na região. Passaria o dia inteiro ali conversando se pudesse.

Agostinho era o que se poderia chamar de simplório: falava com desembaraço e sem premeditação tudo o que lhe vinha à mente pelo simples prazer de narrar, que supunha ser de igual teor para a audição em seus eventuais ouvintes. As histórias jorravam dele, emendando-se umas às outras como a água de um chafariz, escravizando nossa atenção ao dever de delicadeza. Renée estava ficando nervosa com aquilo. Sua vida ali naquela cidadezinha tinha-o conformado — ou

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

talvez fosse mais acertado dizer deformado — a passar boa parte de suas horas contando ou ouvindo casos, mas dificilmente lhe passava pela cabeça que os outros não necessariamente partilhavam de seu gosto pelas narrativas, especialmente as longas. Para completar, sua voz tinha um timbre anasalado que o tornava ainda mais enfadonho.

Depois de alguns bocejos, Kim espichou-se e ignorando solenemente o visitante, dormiu quase em seguida. Renée a invejou. O resultado foi que em menos de uma hora fomos convidados para pescar, ir visitar a cadeia e a estação de rádio e assistir ao culto na igreja da cidade. Era inútil tentar interrompê-lo. Renée subia pelas paredes, querendo a todo custo arrumar uma maneira não (muito) deselegante de livrar-nos dele.

<Não agüento mais, Donato.>

<Calma, Minouche. Pense em nossa situação atual e nas dificuldades que poderão surgir no futuro; ele pode vir a ser de grande utilidade, e talvez seja prudente fazer esse sacrifício agora e garantir um apoio em qualquer eventualidade.>

<Mas ele é muito chato!>

<Também acho, mas lembre-se de que a mente dele foi a primeira que li. Na verdade, é ótimo que tenha sido ele a aparecer aqui, e não alguém impermeável a nossos poderes.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Eu sei, mas não consigo suportá-lo. Até a Kim pegou no sono...>

<Pare com isso senão vou começar a dar risadas na frente dele.>

Enquanto discutíamos mentalmente, ele continuava a falar. Tudo o que precisávamos fazer para mantê-lo assim era acenar com a cabeça de vez em quando. Quatro garrafas de cerveja depois, a situação permanecia inalterada e meus esforços para aplacar o ânimo dela não tiveram sucesso por muito mais tempo. Com a paciência esgotada, Renée não se conteve e, exasperada, desabafou com uma considerável força mental:

<Mas por que você não fica quieto um minuto?>

E então o milagre se operou. Agostinho parou subitamente de falar, cortando uma frase no meio e permanecendo quieto, sentado, com os olhos fixos no vazio — durante precisamente um minuto.

Renée ficou surpresa, e eu mais ainda.

<Como foi que você fez isso?>

<Eu não sei! Simplesmente me irritei, ora.>

<Acha que pode repetir?>

<Posso tentar, pelo menos.>

<Com a mesma intensidade? Lembre-se de que ele pode desmaiar ou ficar muito tonto se você colocar muita força na emissão do pensamento.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Não vejo por que não.>

<Vamos esperar que volte ao normal para ver se ele se lembra de alguma coisa.>

Agostinho não demorou a retomar sua história do mesmo ponto no qual a interrompera, aparentemente sem a menor noção consciente do que havia acontecido.

<Pelo visto ele não se deu conta do intervalo, ou não teria retomado o fio da meada tão prontamente.>

<Experimente com cinco minutos agora.>

Renée olhou-o fixamente nos olhos e mentalmente ordenou-lhe que parasse de falar por cinco minutos. A situação se repetiu. Agostinho parou como um boneco cuja corda tivesse chegado ao fim. Perscrutando sua mente pudemos constatar que estava como uma folha em branco. Renée deu continuidade à ordem:

<Depois de passado o tempo de silêncio você sentirá muita vontade de ir ao banheiro, mas não vai se lembrar de nada do que aconteceu enquanto esteve mudo, compreendeu?>

Agostinho fez-lhe apenas um sinal afirmativo com a cabeça.

<Acho que descobrimos a ponta de mais um iceberg. Parece que podemos não apenas ler as mentes dos outros, mas também hipnotizá-

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

los! Ah, como eu queria ter aqui um manual de hipnotismo!>

<O controle sobre a mente dos outros...>

<Mais do que isso, o controle sobre a vontade dos outros!>

<Mas isso é muito perigoso. Todo esse poder nas mãos de uma só pessoa é algo assustador, Minouche.>

<Também tenho medo, querido. Mas não podemos parar agora. Temos que descobrir até onde podemos ir, percebe?>

<Sim, eu sei. Mas estou desconfiado de que recebemos um presente de grego.>

Ela se levantou da cadeira e veio em direção a mim com aquela expressão marota que eu já aprendera a reconhecer, e falando, em vez de pensar: "Está me chamando de que?"

"De amor da minha vid... Ai!" O tapa acertou o ombro, felizmente. Levantei-me rápido, mas não o suficiente para evitar mais um.

"Chamando a mim e meu filho de presente de grego, ora... Venha cá que vou mostrar quem é presente de grego, seu..."

Mas eu já estava longe, rindo e fugindo do espancamento. Estávamos em meio a um abraço, encostados na balaustrada da varanda quando nosso esquecido convidado deu-se por achado e recomeçou a falar. Quase não tivemos tempo de nos recompor, mas

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

ele levantou-se sem dar sinal de ter notado qualquer coisa estranha.

"Seu Donato, se me der licença, gostaria de ir ao banheiro."

"Claro, Agostinho. Você conhece a casa, não?"

"Conheço sim senhor."

"Então fique à vontade."

<Viu como funcionou?>

<Não se lembrou de nada e foi ao banheiro.>

<Percebe agora a importância disso? Querido, podemos...tudo!>

<Era isso que eu temia.> Renée ficou séria.

<Deixe disso, Donato.>

<Como deixe disso? Minouche, isso é realmente muito sério! Todo esse poder de dispor das pessoas, de suas vontades... é perigoso demais! Não estou gostando nada disso.>

<Nenhum de nós escolheu isso. Simplesmente está acontecendo, ou melhor, já aconteceu. E já estamos metidos nisso até o pescoço. Não entende? Não podemos recuar agora.>

<Eu sei, mas... droga, não sei o que dizer.>

<Você já disse, meu amor.>

<O que?>

<Que nós somos o futuro. Que se nossos amigos Aedas escolheram a nós, devem ter tido seus motivos.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Amigos da onça, isso sim! E quem se importa com os motivos deles, afinal? Daria tudo para me livrar disso e voltar a ser o que éramos antes dessa... dessa loucura começar.>

<Temos de esquecer do passado, querido. De agora em diante somos outras pessoas, e devemos nos preocupar apenas com o futuro.>

<Que direito tem eles de vir se meter nas nossas vidas? Podemos muito bem ter filhos sem a interferência deles! Não precisamos disso, desses poderes, dessa... superioridade. Não quero dominar ninguém!>

<Sabe o que eu acho disso tudo?>

Olhei-a fixamente nos olhos, tentando não me deixar influenciar por sua beleza.

<Acho que você está com medo de que todo esse poder nos modifique, que acabemos usando-o para finalidades ruins.>

<Com certeza a tentação será muito, mas muito grande mesmo, Minouche. Vamos precisar de muita força de caráter para não nos deixarmos levar por ela.>

<Acho que só depois de aprendermos a nos dominar — e você sabe do que estou falando, e de como isso é difícil — vamos conseguir de fato dominar alguma outra pessoa contra sua vontade.>

<Mas já estamos conseguindo isso!>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Então significa que estamos progredindo em relação a nós mesmos. Significa que uma parte muito grande de mim vive em você, e vice-versa. Significa que eu te adoro, e te quero sempre, sempre pertinho de mim.>

Era assim, com aquela espécie de raciocínio carinhoso — ou carinho racional, sei lá — que ela conseguia transformar minha agressividade e inconformismo com o que acontecia conosco em um amor ainda maior por ela. Beijei-a.

<Às vezes fico imaginando como seu ex-marido conseguia brigar com você.>

Ela sorriu.

<Não se esqueça de que naquela época eu era outra pessoa. Aliás, se não fosse por você eu certamente não seria o que sou hoje.> E depois de uma pausa, ajuntou com aquela sua expressão marota no olhar:

<Sabe que nunca me ocorreu te agradecer por isso, querido?>

<Fico contente em ouvir isso. Mas acho melhor você mandar o seu Agostinho de volta para casa antes de começar a extravasar sua imensa gratidão.>

<Não precisa pedir duas vezes. É pra já. Pode deixar que eu dou um jeito nele.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Depois de incutir-lhe o desejo de ir embora, Renée sumiu junto com a Kim, deixando-me só na varanda. Ele logo reapareceu, já despedindo-se. Acompanhei-o até o carro, prometendo ir visitá-lo na cidade. Eu ainda estava desconfiado dos resultados das sugestões de Renée, e coloquei-me em sua consciência para verificar se ele havia mesmo se esquecido do que presenciara. De fato não havia o que temer, Agostinho saía de nossa casa tão simplório quanto chegara. Aparentemente tudo estava funcionando conforme nossas expectativas.

Não subi imediatamente. Queria resolver algo a respeito daquele assunto, e fui dar uma volta na praia, aproveitando o momento de solidão que as duas assim me concediam. O mar sempre é bom conselheiro. Eu estava assustado com a quantidade de poder que descobríamos em nós mesmos, e preocupava-me com as consequências que aquilo poderia trazer para nós. No entanto era impossível ignorar nossas capacidades. Renée tinha razão, tínhamos que saber até aonde podíamos ir, inclusive para nossa própria segurança. O controle sobre o pobre Agostinho talvez tenha sido tão fácil para nós devido à bebida, o que tornava um novo encontro — a seco — necessário para avaliar se de fato havia alguma diferença.

Mas lá no fundo permanecia o medo de nos perdermos naquele

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

redemoinho, medo de estarmos dando início a algo que logo viesse a ficar fora de controle, medo de nos dissolver em meio a todo esse poderio mental ainda tão pouco compreendido por nós, e que às vezes mais parecia nos controlar do que ser controlado. Precisávamos saber exatamente quem — ou o que — havíamos nos tornado, redescobrir nossas identidades.

Algo me dizia que o preço que teríamos de pagar por tudo isso não seria baixo.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"A fonte de toda a beleza é a combinação do ilimitado com aquilo que determina os limites"

Platão

Durante a semana seguinte esquecemos do mundo exterior, concentrados em nosso próprio mundo interior. Isolados de tudo e de todos, pudemos nos dedicar única e exclusivamente um ao outro (com ocasionais mas renitentes intervenções de Kim) e ainda lembramos daquele tempo como os dias mais felizes que vivemos juntos. Descobrimos muitas coisas novas, surpresos com a intensidade de nossa força psíquica, nossa capacidade de memorização e rapidez de raciocínio, que experimentavam um ganho surpreendente à medida em que nos exercitávamos na transmissão de pensamento. Esta descoberta se deu quando efetivamente começamos a por em prática o plano de Renée de incorporarmos a memória um do outro.

Não foi nada simples — muito menos indolor. Experimentar novamente as emoções que mais marcaram nossas vidas nos trouxe a

certeza de que tendemos sempre a nos recordar mais nitidamente da dor sofrida do que do prazer experimentado, e repetir a constelação de todos os sentimentos que constituem nossa história, normalmente uma história de decepções, fracassos e situações ridículas e dolorosas, foi uma experiência avassaladora para nós. Trouxe à superfície de nossas consciências demônios há muito adormecidos, que juntos tivemos de começar a exorcizar, um a um. Nossos terrores infantis, os sonhos que se repetiam sempre, alguns até bonitos, outros pavorosos pesadelos; o longo período da adolescência e seus desejos irrealizáveis; toda a angústia, a sensação de fim do mundo quando Renée perdeu a avó; seu sentimento de culpa por estar mais ligada a ela do que à própria mãe; e eu com minhas frustrações pelos diversos fracassos, o ressentimento que ainda tinha por meu pai pelo abandono a que nos relegara, e meu remorso pela ausência de qualquer sentimento de culpa por ter desejado mais de uma vez a morte de diversas pessoas, tudo isso acabou nos tornando cada vez mais unidos.

Não posso negar que no começo ficamos muito assustados. Nossos segredos revelados, nossa privacidade, nossas mais íntimas fraquezas, nossos pontos mais frágeis postos a nu, tudo isso realmente nos deixou muito abalados, a um ponto tal que em dado momento cheguei a pensar

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

seriamente em desistir de tudo. Corajosa como sempre, Renée conseguiu com sua suavidade e determinação evitar que minha fraqueza e meu medo se transformassem num peso maior do que podíamos suportar, mostrando ter a capacidade e a determinação de ajudar-me a recuperar minha autoconfiança perdida enquanto enfrentava os horrores de seu próprio passado com todas as suas forças. Não me lembro de jamais ter sido posto à prova de maneira tão dura, e tenho certeza de que sem ela eu nunca teria conseguido superar-me.

Foi graças a uma engenhosa idéia sua que pudemos contornar a maior das dificuldades: o sono. Ainda não havíamos aprendido a lidar com o inconsciente em estado bruto libertado pelo nosso súbito aumento de potencialidade mental, o que estava se tornando uma séria dificuldade. Tínhamos medo de experiências como a do pesadelo de Renée no qual intervim, e no princípio seguimos a sugestão dela de dormirmos alternadamente, pois assim um de nós poderia velar o sono do outro. A coisa não funcionou como ela havia imaginado mas acabou se transformando no primeiro passo dado em direção a nós mesmos. Era irritante sermos obrigados a fazer qualquer coisa, especialmente dormir ou ficar acordado, sem a companhia do outro. No princípio a

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

curiosidade sobre o conteúdo do imaginário inconsciente do outro nos manteve acordados, perscrutando o universo onírico, as fantasias e os terrores de cada um. Mas logo aquilo tornou-se nauseante, uma espécie de vício solitário, um voyeurismo elevado à potência que não nos interessava mais.

Numa tarde quente em que ela tentava dormir sem sucesso, preocupada com o conforto do bebê — que se comunicava com ela de uma maneira que nunca consegui descrever a não ser como misteriosa — Renée deu um salto adiante. Tentando controlar sua respiração e seu batimento cardíaco, ela acabou conseguindo fazer com que eles entrassem em consonância com os do bebê, e em segundos adormeceram. Ela passou a usar a técnica com frequência, sempre que percebia que nosso filho estava agitado ou desconfortável. Daí a tentarmos nós dois juntos sua aplicação na hora de dormir foi um pulinho. Aos poucos aperfeiçoamos uma espécie de ritual preparatório para o sono: nos dávamos as mãos mentalmente, buscando a completa consonância física e mental, um estado de relaxamento não apenas consciente, mas que acabava resultando numa consonância do inconsciente, e por fim já sonhávamos juntos. Foi assim que pusemos fim às torturas dos pesadelos e reconstituímos nossa individualidade

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

perdida através da reunificação de duas metades até então separadas: nossa atividade mental inconsciente.

A partir de então marcha para diante se tornou irreversível e, mais importante, irresistível para nós. Pela primeira vez em nossas vidas estávamos vendo e experimentando o poder de nossas mentes com clareza e consciência. A dor e o sofrimento vinham do fato de que até então nunca tínhamos tido um conhecimento tão claro do quanto isso que chamamos de inconsciente determina nossas vidas. Libertos do estigma do passado, não nos livramos da dor e das dificuldades, mas conseguimos lidar com elas de maneira muito mais promissora: aprendíamos a usá-las em nosso próprio benefício, e apesar de todas as dificuldades ainda queríamos mais. Já estávamos infectados por aque-le vírus que nos impulsionava para frente, em direção a um conhecimento cada vez maior de nós mesmos.

Uma outra coisa veio junto com os sentimentos ruins como a sua contrapartida: a alegria, a felicidade e a crescente autoconfiança que experimentávamos a cada etapa ultrapassada, que passávamos então a considerar como mais uma vitória nossa. Saíamos do processo mais fortalecidos, lúcidos e maduros, e — o mais importante — amando-nos muito mais intensamente, sentindo-nos cada vez mais unidos.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Parecíamos estar atingindo um estágio mais elevado, algo inusitado para a experiência daquilo que até então havíamos considerado como sendo o amor. Era como se houvéssemos progredido para o amor em seu estado mais puro, representado por uma vibração constante, por uma identidade absoluta com o outro. Possuídos por esse sentimento totalmente novo, associado ao nosso nível de vibração mental mais abrangente e elevado, era como se não mais nos amássemos um ao outro, mas sim como se houvéssemos passado a ser o amor: a viver um ao outro, um no outro, para além do amor — cada um vivendo sua vida na vida do outro, sentindo que todas as realizações de um também eram as do outro. Finalmente compreendíamos que não éramos nós que possuíamos as virtudes do amor, da compreensão e da união, mas sim elas que nos possuíam.

Cada vez mais, ao saber da história de nossas vidas, podíamos entender um ao outro, compreender como e porque tínhamos nos tornado o que éramos agora — e isso nos colocava numa espécie de sintonia mais e mais afinada. Nossas mentes estavam deixando de serem duas para, pelo menos em parte, tornarem-se apenas uma. Digo em parte porque não permanecíamos ligados mentalmente durante o tempo todo, embora aumentasse a cada dia o período de tempo e a

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

intensidade de nossa comunicação. Descobrimos que isso dependia diretamente de nossas frequências mentais, e à medida em que conseguíamos vibrar em consonância maior, menos esforço era requerido e maior podia ser a distância física que nos separava. Fazíamos testes durante o dia, a princípio marcando a hora e a distância, até estarmos seguros de nossos progressos.

A chave de tudo parecia ser, como de fato era, o inconsciente. Durante toda a vida nos acostumáramos àquela interminável sucessão de pensamentos que surgiam em nossas mentes, fluindo como a água de uma fonte, sem que jamais tivéssemos conseguido controlar esse fluxo de uma maneira satisfatória, ou seja, dirigir nosso pensamento para os objetos que considerássemos importantes ou necessários e mantê-lo concentrado sobre eles durante o tempo que fosse preciso. Na maioria das vezes acontecia justamente o contrário: ficávamos a assis-tir passivamente àquele eterno desenrolar de imagens associadas entre si, muitas vezes da mais bizarra das maneiras, sem jamais tentar entender o princípio regulador de suas associações. Muito lentamente estávamos percebendo a interferência de nossos inconscientes, que 'apareciam' quando menos esperávamos para dar palpites em nosso papo. Começamos a aprender a identificar estas interferências e,

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

curiosamente, na maioria das vezes eu podia perceber com mais facilidade a intromissão do inconsciente dela do que a do meu próprio — e vice-versa. O engraçado é que muitas vezes esses palpites contradiziam de maneira flagrante a opinião que acabáramos de conscientemente externar.

O normal é não nos darmos conta de que a distância existente entre pensamento e ação desaparece sob o manto do inconsciente, mas que nem por isso deixa de existir. Graças a esta inusitada convivência com o inconsciente começamos a ter uma idéia mais precisa do enorme poder que existe em nossas mentes. Ali na casa da praia começamos nossa mais incrível aventura: a da vida real. Sim, pois a realidade para nós estava agora muito distante daquele mar de ignorância no qual tínhamos sobrevivido até então, agarrados desesperadamente à tábua flutuante de nossas mentes claudicantes e sub-utilizadas, aos nossos medos desmedidos e aos pequenos prazeres que sempre tinham gosto de pouco. Pela primeira vez em nossas vidas estávamos sentindo o que significava ser humano, ter o sangue correndo nas veias, ver a pessoa amada na mente e saber quando o pensamento vem do coração. Sentíamos que aquilo era viver, viver de verdade, viver plenamente. Renée trazia a vida de nosso filho dentro de si e ambos possuíamos

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

agora a vivência da grandeza e da superioridade da consciência total.

Quando voltamos para a cidade grande, éramos definitivamente pessoas diferentes — muito diferentes, de fato — das que havíamos sido até então. Unidos para sempre, formávamos um par inigualável que logo seria um trio, e pensávamos seriamente sobre o rumo que nossas vidas tomariam a partir de então.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Pouco depois de subirem com as malas a campainha tocou. Kim pôs-se a latir e Donato teve de adverti-la antes de abrir a porta. Um sujeito mal-encarado, mostrando um distintivo da polícia, perguntou numa voz inquisitiva :

"Bruno Donato é você?"

"Sim."

"Posso entrar?"

"Quem é você?"

"Investigador Ledegelson Macedo."

"Se quiser..."

Entrou. Na sala viu Renée e repetiu o procedimento:

"Você deve ser..." Olhou para um papel: "Renée L. Sayegh."

"Eu mesma."

"Ele é da polícia, Minouche."

"Exatamente. Estou aqui para dar voz de prisão a vocês dois."

"Podemos saber por qual motivo?"

"Existe queixa de roubo contra vocês."

"Feita por quem?"

"Saberão na delegacia. E vamos embora logo que não tenho tempo a perder."

<Isso já é demais.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Concordo, querido. Eu ou você?>

<Deixe comigo.>

O policial teve sua mente invadida. Sua vontade passou inteiramente ao comando de Donato. O que lhe restou de autonomia mental era suficiente apenas para que continuasse a exercer as atividades musculares e orgânicas básicas para a sustentação da vida, como a respiração e os movimentos internos involuntários. Macedo ficou parado ali no meio da sala como um boneco enquanto respondia as perguntas que ambos mentalmente lhe faziam.

<Quem o mandou aqui?>

"O delegado titular do distrito, Porfirio Lara Pioneto."

<Quem deu a queixa, se é que existe mesmo uma?>

"Um amigo dele e patrão dos senhores..."

<Ex-patrão>, atalhou Renée.

"Ex-patrão então, um tal de Bartolomé, dono de uma joalheria. O delegado fez um acerto com ele."

<Você quer dizer um acordo.>

"Sim. Colocar vocês em cana e dividir o valor das jóias declaradas roubadas. Por enquanto não existe uma queixa formal. Depois da sua prisão faríamos a comunicação oficial ao cartório e à companhia

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

seguradora. Decorrido o prazo, Bartolomé receberia o valor do seguro, que seria dividido entre o delegado, eu e o inspetor da seguradora. Como seu risco é maior, ele ficaria com as jóias."

<E nós?>

"Vocês ficariam presos. Se tivessem dinheiro para molhar as mãos certas, poderiam responder ao processo em liberdade."

<Suponho que as mãos certas seriam as suas.>

"Também."

<Quem mais está envolvido no golpe?>

"Por enquanto o dono da joalheria, o delegado e eu."

<E de quem foi essa 'idéia brilhante?'>

"Donato, agora não é hora de seus trocadilhos infames."

<Nem mesmo numa situação ridícula como essa?>

"A idéia foi deles. Como vocês desapareceram, eles bolaram tudo e fui encarregado da vigilância da sua casa até que aparecessem."

<Viu mais alguém entrar aqui antes de chegarmos?>

"Não."

<Que vamos fazer?>

<Estou com muita vontade de fazer essa turminha desaparecer.>

<Eu também. Mas será que não podemos usá-lo?>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Este aqui não vale a pena, é peixe pequeno. Que tal mandarmos esse cara para a Rondônia?>

<Boa idéia. Ele poderia muito bem ajudar os índios.>

<Isso. Vai ter muito o que fazer pelo resto da vida.>

<Ledegelson, você é casado? Tem família?>

"Tenho um filho, que mora com a mãe no interior e que nunca cheguei a conhecer. Ela voltou para lá quando engravidou e não nos vimos mais. Depois soube do nascimento dele."

<Então eles não dependem de você?>

"Não. A família dela cuida."

<Você não se importa muito, não é?>

"Nem um pouco."

<Pois então a partir de agora você terá total recordação de tudo o que fez até hoje. Todas as coisas ruins que você fez, todos os seus erros, todas as vezes em que você — intencionalmente ou não — prejudicou alguém ficarão marcadas na sua consciência como uma mancha, mancha que a partir de agora você fará tudo para apagar.>

<A partir de hoje você é um novo homem, meu caro. Seu maior propósito é o de ajudar os outros, está me entendendo?>

"Sim. Ajudar os outros."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Para você, nada será mais importante do que a caridade.>

"Caridade."

<Isso. Seu maior desejo é o de proteger os índios, seus melhores amigos, contra todos aqueles que quiserem prejudicá-los. Você vai sair dessa casa agora e seguir diretamente para a Rondônia.>

"Sim. Rondônia."

<Vai passar o resto da vida por lá, no meio do mato, ajudando seus irmãos índios e se redimindo de todos os seus erros. Vou contar de dez a um e quando terminar você será uma outra pessoa, um Ledegelson novinho em folha. Certo?>

"Certo. Me redimir. Sim. Meu maior desejo."

<Isso mesmo. Vai esquecer de todos os picaretas e sacanas que conheceu na polícia... 10... esquecer de tudo o que viu aqui... 9... esquecer de nós dois... 8... esquecer desta casa... 7... esquecer daqueles filhos da puta, o delegado e o Bartolomé... 6... esquecer do plano deles para nos prejudicar... 5... mas de certas coisas você se lembrará, Ledegelson: se lembrará do mal que fez contra tantos pobres coitados... 4... se lembrará de que só a redenção lhe interessa e que você quer ajudar os outros, principalmente seus amigos, os índios... 3... essa é uma vontade irresistível... 2... você vai agora e nunca, nunca mais voltará ...>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Donato levou-o até o elevador, colocou-o dentro e apertou o botão marcado com um T. Antes que a porta se fechasse completamente, Ledegelson acordava para sua nova existência. O incidente deu-lhes o que pensar, mas resolveram não deixar que os atrasasse para o jantar na casa do juiz.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Boa noite!"

"Pensei que vocês não viessem mais."

"Ora, Justino... Você sabe como elas demoram para se vestir."

"Vejo que valeu a pena esperar."

"Justino, essa é a Renée."

"Encantado", disse o juiz beijando-lhe a mão. "Então é você a famosa mulher que conseguiu a inédita e surpreendente proeza de fisgar o meu amigo aqui."

"Sou, mas não sabia da existência dessa fama."

"Ela existe sim, e posso ver que Donato não exagerou a respeito de sua beleza."

"O juiz é um galanteador irrecuperável, Renée."

"Minervina, venha ver quem chegou!" Ela já tinha visto.

"Boa noite."

"Renée, essa é a Minervina, a musa inspiradora do juiz."

"Muito prazer."

"Todas as vezes que tem uma dúvida a respeito dos processos mais complicados lá do tribunal, ele liga para cá e pergunta para ela. Minervina, olhe o que eu trouxe para você."

"Que é isso, seu Donato?"

"Pescada cambucu, a sua preferida."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"E do seu Justino também. Você só me traz serviço, né, menino?"

"Serviço de santo é fazer milagres, ué." O largo sorriso de Minervina traiu sua intenção de parecer severa com Donato. "Você precisa ver o que ela é capaz de fazer com isso, Renée. O juiz diz que fica tão bom, mas tão bom que é preciso comer de joelhos, agradecendo aos céus. Que foi, Minervina? Está me achando engraçado, é?"

"Estava mesmo na hora do senhor tomar jeito na vida, seu Donato. Arrumar uma moça bonita como a dona Renée e assentar."

"Pois é, já que você não quis se casar comigo, tive de arrumar outra. Mas não se preocupe, já me conformei."

"Olha aqui, menino, respeito, viu?" A bronca era apenas para disfarçar a timidez. Fugiu para a cozinha levando o peixe.

"Pelo que eu soube, vocês fizeram uma escapada cinematográfica", disse o juiz mostrando o sofá.

"Diga a verdade, Justino: você acha que eu poderia deixar por menos? Seja sincero."

"Certamente que não. Ah, a juventude! Que inveja. O que eu não daria para trocar de lugar com você, meu caro." Renée sorriu, encabulada e orgulhosa ao mesmo tempo.

<Ele é sempre assim?>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Só quando vê mulher bonita.>

"O senhor não é casado?"

"Não mais. Sou viúvo, Renée. Só não sou casado com a solidão porque a Minervina insiste em cuidar de mim. Mas olhar para vocês me faz lembrar que um dia fui feliz."

"Deixe de manha, juiz... É público e notório que já deixou muitas senhoras da sociedade suspirando, na vã esperança de um dia tirar a sorte grande com você."

"Pura boataria. Rumores, como se diz."

"Não acredite numa palavra, Minouche. Tudo isso não passa de lágrimas de crocodilo."

"Com todo esse charme literário não duvido que desperte a admiração feminina."

<Desse jeito ele vai ficar nas nuvens, Minouche. Se alguma coisa consegue derretê-lo, são elogios de mulher bonita.>

"Ah, umas bruxas velhas, loucas para tirar o meu sossego. Prefiro ficar com meus livros. Dão menos trabalho e mais prazer. Na minha idade, minha filha, torna-se comodista. Mas vocês não, tem tudo ainda por viver, podem e devem fazer planos para o futuro. Falando nisso, posso perguntar o que pretendem fazer daqui por diante?"

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<E agora, contamos?>

<Não vejo por que não.>

"Bem, Justino... Renée ainda é oficialmente casada. E já que passamos a viver juntos, suponho que a primeira coisa será acertar a situação dela com o ex-marido."

"Uma questão sempre delicada."

"Meu ex-marido é uma pessoa compreensiva, juiz. Tenho certeza de que não porá objeções."

"Nenhum dos maridos dela até hoje se atreveu."

"Você também não porá objeções a deixar de ser palhaço, não é mesmo, Donatinho querido?"

"Pelo visto eis aí um casal que se dá bem. Mas voltando ao assunto, esperemos que seu ex-marido seja razoável. Vocês tem filhos?"

"Não."

"Melhor assim. Se precisar de advogado, fale comigo."

<Não, Minouche, com ele não.> "O Justino conhece tudo sobre a lei. Como é mesmo que se costuma dizer? A lei é feita de palavras...?"

"Letras, meu caro, letras. A lei é feita de letras."

"Desculpe-me, juiz, mas não entendi."

"É uma daquelas frases feitas, Renée, muito comuns em direito,

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

você sabe. Diz assim: A lei? Ora, a lei! A lei é feita de letras."

"Aludindo àquela expressão sobre a letra da lei?"

"Exatamente.Trata-se de uma ironia sobre sua notória ineficiência prática."

<Ele está impressionado com a sua inteligência, Minouche.>

<Coitado, deve estar cansado de mulheres burras.>

"E volto a insistir: caso necessite de ajuda profissional nesta área, faço questão que fale comigo. Tenho certeza que você ganha."

"Obrigada. Mas é mais provável que tenhamos mais necessidade de um médico do que de um advogado..."

O juiz, surpreso, pestanejava intrigado, olhando-nos alternadamente.

"Médico?..."

<Já que você começou, agora vamos terminar.>

"Um obstetra, Justino."

"Mas... ora essa! Já?"

Ambos assentimos com a cabeça e com um sorriso. Ele ficou realmente surpreso.

"Minervina! Venha cá, depressa!" Ela chegou esbaforida, pensando em alguma tragédia, coitada, tamanho o berro dado pelo juiz.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Conte para ela, Donato."

"Vou ser pai, Minervina. Renée está grávida."

"Não acredito!"

"Mas isso é uma ocasião!"

Daquela vez Justino tinha razão: de fato era uma ocasião, e muito especial. A emoção tomou conta da casa. Minervina quase chorou. A futura mamãe foi beijada e abraçada e o casal recebeu os cumprimentos e desejos de felicidade de todos. O juiz, que andava sempre à procura de ocasiões para comemorar, estava tão emocionado que foi pessoalmente procurar uma garrafa de Pol Roget em sua famosa adega.

"Sim senhor! E que ocasião!"

O jantar foi retardado para que o champanhe tivesse tempo de gelar e pudessem brindar *comme il faut*. O juiz estava felicíssimo, pois esse era um tema que o tocava de maneira especial. Ele e sua falecida esposa nunca haviam podido ter filhos, devido a problemas de saúde dela. Mesmo depois de sua morte era perceptível a susceptibilidade dele em relação ao assunto. Não era à toa que tratava os amigos mais próximos como filhos seus, especialmente Donato, de todos o mais jovem.

"Como você vê, Justino, planejar o futuro é imperativo para nós.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Aliás... Renée, você não acha que o juiz daria um ótimo padrinho?"

"Não, eu não acho não", respondeu ela toda séria. Um silêncio pesado tomou conta do ambiente. O juiz sorria sem graça. "Eu tenho certeza que sim", continuou. Todos riram aliviados com a *blague* e ergueram as taças para um brinde.

"Ao padrinho!"

"Ao afilhado!"

"Aos pais!"

"Bom, Donato, agora que você é um homem comprometido e também um futuro pai, diga-me uma coisa: do que vocês vão viver daqui por diante? Você sabe que as mulheres perdoam todos os defeitos num homem, menos a falta de dinheiro."

"O juiz tem toda razão, querido."

"Ah, é? Quer dizer que se eu ficar duro você me abandona?"

"Não, seu bobo. Vou fazer você ganhar o quanto precisarmos."

"Isso é que é mulher, hein, Justino?"

"Ah! que inveja!"

"Às mulheres!"

"A elas!"

Com o apetite estimulado por aquele vinho soberbo, como dizia o

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

juiz, fomos para a mesa. Depois de uma receita búlgara da Minervina, melão com queijo branco como entrada, passamos ao prato principal. Renée brilhou durante o jantar, conquistando definitivamente os anfitriões. Ele era todo atenções para com ela, que agora recebia deferência especial não apenas pela beleza e charme, mas sobretudo pela gravidez, que lhe dava o *status* de esposa e mãe.

"Juiz, o senhor realmente sabe se tratar. Esse foi o melhor coelho na mostarda que já experimentei. Não deve nada para os melhores que se comem em Paris."

"Renée fala com conhecimento, Justino. Ela morou na França durante muitos anos."

"O *chef* é a Minervina. Pode cumprimentá-la, claro, mas — cá entre nós — ela ultimamente anda meio *blasée* com essas coisas."

"Aliás, eu estava para cumprimentá-lo pelo seu gosto culinário desde que fiquei conhecendo sua casa da praia."

"Ora, aquilo é apenas um pequeno suprimento de emergência. Espero que vocês tenham apreciado."

"Muitíssimo, juiz. Aliás, gostamos tanto de lá que estive pensando se o senhor não nos alugaria a casa por uma temporada maior, digamos um ano ou dois."

<Minouche, ficou maluca?>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Minha querida, vocês podem morar nela por quanto tempo quiserem. Quanto mais, melhor. Aliás, vocês me fariam um enorme favor ficando lá e tomando conta de tudo. Uma casa desabitada num lugar como aquele é inevitavelmente visitada por ladrões. Mesmo com a vigilância do Agostinho, vocês sabem, o rádio-telegrafista da polícia, de vez em quando tenho dores de cabeça por causa disso."

"Bom, se o aluguel estiver ao nosso alcance..."

"Aluguel não senhora! Quem falou em aluguel?"

"Nós falamos."

"Cale a boca, Donato. Estou conversando com a sua mulher."

"Ora, juiz, o senhor quer que moremos na sua casa de graça?"

"O fato de vocês estarem lá, conservando a propriedade e protegendo-a do tempo e dos ladrões já é pagamento suficiente para mim."

"Antes de concordar é preciso responder à sua pergunta sobre nossos planos para o futuro, Justino. Tenho algumas economias investidas, Renée também, e o meu apartamento vale alguma coisa. E tem mais : não acho justo morarmos na sua casa sem pagar aluguel, e..."

"Posso interromper? Se você pensar bem vai ver que é justo sim, Donato. Ultimamente ando pensando muito em arrumar um caseiro,

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

mas se vocês quiserem mesmo permanecer lá, estariam me ajudando a economizar o dinheiro que gastaria com salários, encargos, etc. Assim seria bom negócio para ambos os lados. Que tal?"

"Juiz, eu sempre fui contrário a falar de assuntos vis como negócios durante momentos sublimes como esse. Portanto proponho adiarmos o assunto para uma outra hora."

"Deixe de besteiras, Donato."

<Ele está mesmo irritado. Não o contrarie.>

<Está bem, Minouche.>

"Mas nem sempre poderemos ficar lá, Justino. Isto é, com a gravidez dela vamos precisar estar aqui com frequência por causa dos exames, consultas, etc. Não seria muita vantagem para você ter um casal de caseiros como nós, que passa boa parte do tempo aqui na cidade."

"Bobagem. Claro que vocês precisarão vir para cá de vez em quando, mas isso não é problema. E só avisar o Agostinho e ele toma conta de tudo enquanto vocês estiverem fora. Está bem assim?"

"É melhor concordar antes que ele mude de idéia."

"Bem... deixe-me fazer uma proposta diferente. Quanto quer pela casa, Justino?" O juiz foi pego de surpresa.

"Bem... na verdade não pensava em vendê-la."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Pois diga o preço que for de seu interesse e nós ficaremos com ela."

"Para falar a verdade eu nem mesmo sei quanto ela vale."

"O preço é um mero detalhe. Renée, o bebê e eu consideraremos um presente seu se concordar em vendê-la para nós."

"Pelo visto não tenho muita alternativa."

"Nós também não teremos. Colocando a coisa dessa forma, seremos obrigados a pagar o preço que você estipular."

"E o senhor pode estar certo de que Donato e eu o faremos com uma imensa alegria. Jamais esqueceremos que devemos ao seu coração generoso a oportunidade de termos nos reunido. Como sabe, foi naquela casa que nos casamos e foi nela que engravidei."

"Bem, já que vocês querem assim, que seja. Negócio fechado."

Erguemos um brinde à nossa nova residência com o esplêndido Bordeaux do juiz.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

No dia seguinte foram à joalheria depois do final do expediente, quando encontrariam na loja apenas os dois cúmplices da armadilha. Parecia-lhes muito pouco provável que o Mellardo não estivesse envolvido no caso. Havia luz apenas na sala de Bartolomé e na vitrine. Parados diante da porta de vidro, Donato e Renée assumiram o controle das mentes de ambos, comandaram a abertura da porta e entraram. Foram todos para a sala de Bartolomé e fecharam a porta.

<Agora você vai ligar para seu amigo delegado e pedir-lhe que venha para cá. Diga que você tem algo importante a revelar, e faça com que ele venha só.>

Enquanto Bartolomé falava ao telefone observado por Donato, Renée cuidava do Mellardo.

<Você é um travesti, Mellardo. Seu nome é Margot. Mais do que tudo na vida você adora vestir-se de mulher e perambular pelos cabarés do porto de Buenos Aires. Na realidade você nunca quis ser outra coisa na vida a não ser mulher de marinheiro. De agora em diante você se esquecerá de tudo o que houve aqui e de todo o resto de sua vida passada. Só o futuro lhe interessa: o cais do porto de sua terra natal, os marinheiros, o tango e as bebidas baratas. Vou contar de dez a um e quando chegar no um você será Margot, o travesti, pelo resto de sua vida. Dez... nove...>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Depois do telefonema Donato ordenou a abertura do cofre. Todo o estoque da loja coube dentro de um saco de veludo fechado por um cordão.

<Dois... um.> Renée terminou a contagem e Mellardo saiu da loja requebrando-se todo. Nunca mais foi visto.

<Quando seu amigo chegar vá até a porta e deixe-o entrar. Uma vez aqui dentro, pegue o saco com as jóias e vá procurar os receptadores de muamba que você conhece. Venda tudo pelo melhor preço que conseguir e vá em seguida à minha casa entregar-me o dinheiro. Depois disso você se esquecerá de tudo o que se passou entre nós. Só uma coisa ficará na sua memória: seu amigo delegado veio aqui e roubou sua loja. Vá à polícia e denuncie o roubo. Acuse o delegado de chantageá-lo com a revelação de sua homossexualidade. O que você tem no banco hoje é suficiente para pagar os funcionários?>

<É. Sobra pouca coisa.>

<Nesse caso depois da denúncia tire o dinheiro, pague os funcionários e dispense-os. Não adianta mantê-los aqui se você não tem o que vender.>

<Muy bien.>

<Agora arrume outro saco igual a esse e encha-o de papel.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Pouco depois o delegado chegou. Assim que Bartolomé o reconheceu, Renée assumiu o controle de sua mente. Depois da saída de Bartolomé com as jóias, foi a vez do delegado Porfirio receber uma 'orientação'.

<Há quanto tempo está na polícia?>

<Quase trinta anos.>

<Muito rico?>

<Não posso me queixar.>

<Mas todos aqueles que você roubou podem, certo?>

<Talvez. Mas eles sabem que é melhor ficarem quietinhos.>

<Temos novidades para você, Porfirio. A partir deste momento você é um homem honesto.>

<Incorruptível>, completou Renée. <E implacável com os policiais que roubam.>

<De agora em diante você não vai mais suportar as falcatruas das quais tem conhecimento. Você vai denunciá-las todas, Porfirio. Todas, entendeu?>

<Sim senhor.>

<Mesmo que você também seja acusado de corrupção, não se deixará deter por isto. Confesse os seus erros passados e redima-se denunciando todos os cúmplices. Nenhum corrupto vai ficar impune

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

se depender de você. Vá aos jornais, à televisão, ao rádio, ponha a boca no mundo. Conte-lhes tudo o que sabe sobre a podridão na polícia. Não deixe nada, absolutamente nada passar em branco. Cumpra o regulamento à risca sem temer consequências. Se o ameaçarem de morte, denuncie-os também. Certo?>

<Nada em branco. Certo.>

<Você é um policial modelo, Porfirio. Um exemplo para a comunidade. Honesto e incorruptível. Você será o terror dos seus colegas ladrões, o pesadelo dos que tem culpa no cartório sem a devida expiação.>

<Você não deixará pedra sobre pedra, Porfirio!>

<Pedra sobre pedra... sim senhora.>

<Tome aqui, leve este saco. Ao chegar em casa jogue os papéis amassados que estão aí dentro no lixo, mas guarde esse saco de veludo com você, na sua casa.>

<Você entendeu, Porfirio?>

<Sim senhor.>

<Você nunca nos viu, nem se lembrará mais de nós pelo resto de sua vida, mesmo que volte a nos ver.>

<S—Sim, senhora.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Agora dê o fora. E quando sair peça fósforos ao vigia. Faça com que ele se lembre bem de que você esteve aqui a esta hora, carregando esse saco.>

<Sim senhor.>

Depois da saída do delegado, fecharam a loja e foram para casa. Pouco depois da meia-noite Bartolomé aparecia com o dinheiro. Foi despachado com instruções expressas de eliminar todos os registros profissionais contendo os nomes de Donato e Renée e de realizar o pagamento de todos os direitos trabalhistas dos funcionários, além de usar o que sobrasse para dar-lhes uma gratificação extra. No dia seguinte Donato fez o pagamento ao juiz da soma combinada pela venda da casa da praia. Ainda sobrou o suficiente para os custos da transferência do registro de propriedade, impostos, taxas e etc.

Pouco tempo depois mudaram-se para a praia.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Como a casa da praia foi negociada com tudo o que tinha dentro, não demorou muito para que o casal se sentisse em casa depois da mudança. Com as economias de ambos e o que sobrou do dinheiro das jóias de Bartolomé eles conseguiram atravessar o período da gravidez com poucas preocupações além da de serem felizes. Os exames médicos indicavam normalidade absoluta da gestação e com os cuidados de praxe, Renée quase não precisava ir à cidade. Agradecendo aos céus aquela união tão completa que os tornara quase que auto-suficientes em relação ao restante do mundo, o casal se comprazia em viver uma existência retirada, dedicada apenas ao futuro. Abandonado como uma garrafa vazia, o passado se transformara em algo estranho: para eles, só o bebê e o desenvolvimento de suas potencialidades mentais interessavam.

Kim, que tampouco demonstrava saudades do velho apartamento de Donato, estava excitada com a perspectiva de ver a família aumentada e todos os dias ia em peregrinação até a barriga de Renée, inspecionando-a cuidadosamente com seus apurados olfato e audição. Ela chegava a sentir parte das alterações sofridas pelo corpo de Renée, enjoava em seu lugar e cada vez mais temperamental, tornara-se sua sombra, não desgrudando mais dela — o que chegou a provocar

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

comentários insidiosos de Donato sobre a fidelidade canina, motins femininos e coisas do gênero.

A verdade é que Kim fora a primeira a estabelecer comunicação com a criança, antes mesmo que Renée suspeitasse que isso pudesse estar acontecendo. Talvez devido à nostalgia de nunca ter tido seus próprios filhotes, ela amava profundamente Renée e o bebê e fazia questão de sempre estar perto deles, unindo seu instinto maternal ao da verdadeira mãe — e assim a criança, antes mesmo de nascer, já tinha duas mães. Sua audição privilegiada passou a guiar Renée, que através das orelhas extremamente sensíveis da cadela começava a conhecer um pouco mais a respeito daquele universo misterioso que carregava dentro de si. Foi graças a ela que Renée conseguiu identificar quais posições o bebê preferia, quando o calor ou o vento frio o incomodavam, qual a hora de colocar música e até mesmo qual tipo de música ele gostava mais.

Apesar de toda a sua capacidade mental, Kim não perdera um velho hábito, comum a muitos cães: o de xeretar durante o preparo da comida. Sentada aos seus pés enquanto Renée preparava o almoço, ela inspecionava cuidadosamente o cardápio do dia, o que muitas vezes lhe valia uma bronca. Renée sabia que às vezes ela própria

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

perturbava a paz do nenê, que inevitavelmente acabava recebendo as vibrações da mãe, tanto as positivas como as negativas, e por isso desenvolvera e procurava manter uma postura de extrema estabilidade e equilíbrio para que nada proveniente do mundo externo afetasse a criança. Mas nem sempre era possível manter a calma diante da insistência da cadela, promovida a tia e guardiã de mãe e filho. Depois arrependia-se por ter perdido a calma com Kim.

Apesar de seu empenho em evitar altercações mútuas, foi por acaso que ambas acabaram descobrindo uma maneira praticamente infalível de contornar certas situações incômodas. Um dia estavam na cozinha quando o rádio pôs-se a tocar o Adagio do concerto para clarineta de Mozart. A sensação que Kim recebeu do bebê e por sua vez transmitiu a Renée foi tão agradável que Donato teve de fazer uma viagem à loja de discos especialmente para encontrar a mais bela versão do concerto, que acabou se transformando na canção de ninar preferida da família devido ao seu enorme poder de acalmar o bebê.

Outro momento ansiosamente aguardado pela pequena criatura era a hora do banho. Água, e em especial a do mar, significava festa. Ele adorava entrar no mar — seu ritmo, sua vibração poderosa já o encantavam, mesmo dentro da barriga da mãe. Bastava Renée ir até

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

a praia para que aquele contato mais direto com a areia, o vento carregado do aroma salino e a sonoridade cadenciada das ondas o acalmasse, fazendo-o entrar em total consonância com as vibrações da natureza.

Donato, cioso de seus deveres de pai, andara fazendo algumas ingerências junto à administração política local — com o beneplácito de Justino — para conseguir luz elétrica da rede. O barulho e a fumaça produzidos pelo gerador irritavam especialmente mãe e filho, e à noite cada vez mais o silêncio passava a ter prioridade sobre a iluminação, tarefa que era deixada na maioria das vezes para os vaga-lumes e algumas velas. A perda em praticidade era compensada pelo efeito poético. O agora diurno hábito de leituras noturnas dela havia feito Donato carregar para a praia toda a sua biblioteca, que continha desde os cadernos da escola primária até os requintados volumes franceses usados na época da faculdade. Foi a única coisa que ele admitiu que ela trouxesse de sua antiga casa. Sob o olhar complacente do ex-marido e sogra, transformados num poço de compreensão depois de uma conversinha mental, Donato providenciou o transporte de caixas e mais caixas de livros e papéis, o único vínculo de Renée com o passado, mas também um precioso ponto de apoio para ambos se lançarem mais completamente em direção ao futuro.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

À noite passeavam pela praia durante o espetáculo da maré baixa, ou então ficavam na rede contando estrelas, observando cuidadosamente o traçado da Lira no céu. Uma dentre as mais brilhantes estrelas do quadrante junto com Sirius, Deneb e Altair, a Alfa da Lira — Vega — era o ponto de origem daqueles seres que haviam levado os três para um passeio até o lado escuro da Lua, presenteando-os com todas aquelas faculdades que os distinguiam de maneira tão peculiar dos demais habitantes do planeta. Renée e Donato passavam muitas noites conversando sobre aqueles seres e o significado de sua atitude em relação a eles. Foi numa destas noites estreladas que Renée narrou ao marido o mito grego de Orfeu, o músico extraordinário que segundo algumas fontes seria também o criador da lira e o primeiro dos catequisadores a levar a palavra divina aos povos pagãos, e que havia inspirado os antigos astrônomos quanto ao batismo da constelação. Donato ficou impressionado com o mais conhecido episódio desse mito, no qual Orfeu desce ao inferno em busca de Eurídice.

"Quer dizer que ela fez o pobre coitado descer até o inferno só por causa dela?"

"Não foi ela que fez, ele foi porque quis."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Por amor a ela?"

"Não lhe parece um bom motivo?"

"Sim, mas por que ela foi para o inferno? Pelo que entendi ela era mulher dele, e não sogra..."

"Palhaço", disse ela amuada.

"Não precisa fazer bico, minha Minouche...Eu também iria até o inferno por sua causa, se fosse preciso."

Ela sorriu.

"Mas que na volta você ia levar uma surra, isso ia..."

"Ah, canalha..."

Donato teve de fugir para não levar uma mordida.

O crescente interesse de Donato em estabelecer as relações entre o momento que viviam e certos conhecimentos e intuições que até então haviam sido excluídos de sua vida prática acabou despertando em Renée sua antiga e até então relegada inclinação poética. Às vezes acordava Donato para declamar-lhe sua mais recente composição, inspirada em todo aquele clima de amor e beleza vivido por ambos desde que se descobriram destinados um ao outro. Certa manhã ao acordar, Donato encontrou a casa deserta — as duas, ou melhor os três, já estavam na praia — e um papel enrolado dentro de sua xícara,

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

no qual ela havia escrito o seguinte:

"Quando o conheci, eu era como a vítima de um naufrágio que chega a uma ilha depois de passar incontáveis dias sobre um destroço, flutuando ao ritmo monótono das ondas e castigada pelo sol. Semimorta de fome, sede e insolação, sabia que havia encontrado a água, a sombra e o alimento que me garantiriam a sobrevivência. Mas foi com surpresa que descobri, explorando com cuidado essa ilha que é você, meu amor, muito mais do que minha simples sobrevivência: encontrei, seguindo o curso do pequeno regato que desaguava na praia, o manancial de minha vida. Nessa nascente, à sombra das árvores frutíferas encontrei o abrigo, o alimento, o calor do fogo, tudo o que havia procurado durante minha vida inteira : meu Lar — Você."

Toda aquela expressão poética do carinho de Renée contagiava Donato, que aproveitava esses estados de alma para colocar sua leitura em dia. Sua vida inteira fora dirigida muito mais intensamente para os aspectos práticos do que para o assim chamado teórico — o que não colaborara para fazer dele propriamente um amigo das letras. Mas agora, com seu conhecimento de línguas, ele havia adquirido novo interesse pela leitura e devorava a biblioteca da sua mulher. Chegava mesmo a ampliá-la, sempre buscando coisas novas em suas andanças

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

pela cidade. Renée estava admirada e cada vez mais apaixonada, pois sempre quisera partilhar com o marido seus interesses intelectuais, uma das frustrações de seu primeiro casamento. O interesse com que debatiam as questões de filosofia, estética, astronomia e medicina só era superado pelo conhecimento cada vez mais aprofundado que tinham um do outro, que os tornava cada vez mais inseparáveis. Estavam realmente se transformando em um único ser dividido em duas metades — que logo seriam três.

Felicíssima com sua gestação, Renée fazia questão do banho noturno na cisterna. Eles não se esqueciam da viagem que haviam iniciado juntos ali mesmo, e que transformara aquele lugar em local sagrado para eles. Mais do que em qualquer outra parte do mundo, ali eles sentiam sempre em torno de si as consciências do bosque e de seus habitantes, que acalmadas pelo luar cantavam a placidez de seu ser vegetal e animal, embalando suas folhagens ao vento marinho e atravessando o silêncio da noite com seus pios, farfalhar de asas, guinchos, uivos e sobretudo, com aquele inconfundível aroma que se desprendia das folhagens — um presente odorífico daquele universo tão diferente mas cada dia mais próximo.

Ao som daquela música natural, acompanhada pela improvisação

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

das cigarras, Donato às vezes orquestrava um balé com os vaga-lumes. *Prima-ballerina* vestida de luz, Renée dançava nua, flutuando por entre as árvores e sentindo o contato da grama com seus pés descalços e do ar perfumado com sua pele. Kim às vezes participava da dança, acompanhando-a toda saltitante com pequenos latidos de excitação. Outras vezes limitava-se a observar os arroubos de enlevo de sua dona, patroa e irmã. Aquele local tornara-se o altar do santuário amoroso onde viviam em comunhão com a natureza, os espíritos das plantas e dos animais e sobretudo uns com os outros.

Embalado por esse clima favorável, os progressos no conhecimento recíproco de suas mentes, que tinham seu poder cada vez mais ampliado, aconteciam com a regularidade do dia e da noite e davam a eles um especial halo de luz, cuja iridiscência lembrava aquela visão experimentada durante sua viagem ao lado escuro da Lua. Podiam perceber a presença de outros seres pela atividade de suas consciências muito antes de chegarem ao alcance da visão, que neles já fora consideravelmente ampliada. Foi assim que Donato e Renée perceberam, quando nadavam durante uma noite sem lua, a presença de um grupo de seres marinhos que pela sua elevada vibração mental não demoraram a identificar como sendo golfinhos. O mar estava

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

particularmente calmo e toda uma família deles aproximava-se da praia, precedida pelos machos. As fêmeas vinham mais atrás acompanhando os filhotes.

A princípio um pouco reticente, o grupo manteve-se afastado. Aos poucos a troca de vibrações positivas deu-lhes um pouco mais de confiança e dois machos resolveram se aproximar mais. Donato e Renée deram-lhes as boas vindas e ofereceram sua hospitalidade. Eles perceberam que Renée também se preocupava com seu filho, e logo que ela foi identificada como gestante a amizade entre eles foi instantânea, como a empatia entre suas consciências. Em pouco tempo ela já podia acariciar seus filhotes e confraternizar com as outras mães. Donato enquanto isso era levado a passeio por dois machos, cortando a água como uma lancha, agarrado às barbatanas dorsais daqueles incríveis mamíferos.

A chegada deles tornou a vida aquática mais inteligível e divertida, pois os golfinhos com sua intensa clareza de consciência ensinaram-lhes muito sobre eles próprios e também sobre o universo marinho. Eternamente brincalhões, em poucos dias aprenderam a cativar Renée e Donato com suas piruetas, palhaçadas e contribuições para a riqueza do cardápio. Descobriam o esconderijo das maiores lagostas e depois

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

levavam Donato ao fundo, de onde emergia com um maravilhoso exemplar do crustáceo, que pacificamente se rendia ao convite para o almoço. Às vezes eles próprios pescavam especialmente para Renée e vinham trazer-lhe o peixe, balançando ainda com vida, preso entre os dentes pequenos de sua boca afilada. Em troca ela dava-lhes pão e frutas, coisas que nunca haviam provado e que adoraram conhecer.

Ficaram tão íntimos deles que logo aprenderam a identificá-los pelo nome — o que não era muito fácil levando-se em conta apenas a aparência. Os quatro machos, sete fêmeas e cinco filhotes tinham nomes musicais como Javelot, Ariane, Malek, Luina, nomes que faziam Donato imaginar se um dia teria permissão dela para dar palpites no nome do futuro filho. Quando uma das fêmeas, chamada Joelle, teve problemas para desmamar seu filhote Renée chegou a preparar algumas mamadeiras, antecipando suas tarefas maternais em pelo menos quatro meses. Mais ainda do que Donato, Renée havia conquistado seus corações e alcançara o privilegiadíssimo status de mãe adotiva na família dos golfinhos.

No começo o caso de amor provocou ciumeiras em Kim, que ficava latindo na beira-mar, furiosa com a atenção que Renée devotava a seus novos amigos aquáticos. Nem mesmo as generosas porções de

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

fígado que Donato encomendava no açougue conseguiram tirar de Kim o sentimento de que havia sido preterida. Depois, à medida em que o convívio foi enveredando pelo quotidiano, a ciumeira se atenuou. Kim aprendia depressa que o amor, quanto mais se divide, mais cresce, mas apesar disso ainda haviam certos momentos de recaída que levavam Donato a tirar conclusões:

"Estou cercado de mulheres geniosas."

"Geniosas não, geniais" emendou Renée.

"Auf!" ratificou Kim.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Uma grande prova da capacidade mental de Renée foi exigida na época do aniversário de Donato. Apesar de ninguém ter sido convidado, aos poucos foi tomando forma uma verdadeira romaria em direção à praia para o tradicional abraço em mais uma vítima da passagem do tempo, como dizia o juiz. Donato e Renée começaram a receber as visitas um dia antes, e aos poucos a casa foi se enchendo de gente. Na noite da véspera todos estavam por lá: os tradicionais amigos do poker, alguns vizinhos e amigos das redondezas, além algumas pessoas da família do aniversariante, que conseguiram instalar um real clima de festa na casa da praia. Donato improvisou um braseiro no jardim, onde grandes quantidades de frutos do mar eram devidamente grelhados sob o olhar vigilante de Minervina, que agraciava com sonoros tapas as mãos dos afoitos que vinham mexer na comida antes da hora. O juiz se encarregou das bebidas e quem chegasse à porta era recebido por uma linda moça, uma das mais recentes amigas do maestro, que Donato não tivera o prazer de conhecer até então.

Até o vice-prefeito apareceu para tomar uns goles, e com a tradicional auto-indulgência dos moradores da região, acabou amarrando um belo pileque junto com o Gino — que sempre alerta para as novas possibilidades de negócios, já fazia um *lobby* junto à adminis-

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

tração local para a implantação de suas bancas de jogo naquele território. A madrugada já ia alta quando acabaram descendo para a praia na nobre tentativa de curar a ressaca com um oportuno banho de mar. Mais sóbrio, o prefeito foi devidamente ciceroneado pelo juiz, que sem sombra de dúvida era a eminência parda por trás da presença dos notáveis das redondezas. Justino buscava assegurar o beneplácito do poder público para que as benfeitorias, cuja negociação Donato iniciara em seu nome, tivessem a concretização adequada.

O maestro, um renomado contador de anedotas, mostrava-se empenhado em fazer os ouvintes explodir em gargalhadas com suas histórias da carochinha e Renée brilhava como um astro, conquistando a todos com sua simpatia e delicadeza. Apesar da gravidez avançada e da companhia perpétua de Kim, a dona da casa demonstrava uma disposição surpreendente, sempre conseguindo dar um jeito para que tudo corresse bem. A verdade é que tanto ela quanto Donato estavam se divertindo a valer, pois mantinham-se em constante comunicação não apenas entre si como também, e especialmente, com as mentes de todos os presentes à festa. Exercitar a mais absoluta discrição para guardar todos os segredos, os mais secretos desejos, as mais furtivas intenções de toda aquela gente requereu de ambos uma boa dose de

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

equilíbrio e bom senso. Às vezes a tentação de revelar a baixa estatura moral, a pequena envergadura mental, os ridículos pensamentos de pessoas que se pretendem fazer passar por sérias e maduras, pondo a nu as mazelas do espírito e as limitações de cada um só podia ser evitada pela consciência de quão adiante eles estavam daquilo tudo. No fim, como crianças que se cansam de um brinquedo, passaram a se entediar com aquele aglomerado mais ou menos desconexo de sensações e pensamentos.

Como em todas as festas, que em si já são um presente, não faltaram os pacotes de presente embrulhados com papel e lacinho e o tradicional e indefectível bolo, feito especialmente para a ocasião pela própria mãe de Donato. Depois de muitos comes e bebes — principalmente bebes — e de soprar as velinhas, Donato foi brindado com um poema composto especialmente para a ocasião. Renée declamou diante de todos, muito emocionada mas nem por isso com um francês menos impecável, o seu presente especial de aniversário para o marido. Com sua voz sensual, meio rouca e mais para o grave, ela encantou a todos com os seguintes versos:

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

ANNIVERSAIRE

C'est le temps qui passe
En restant pourtant
Sur nos visages
Puisqu'il laisse, autant
Que passe, la greffe
De sa passage

Vie, existence hardie
Sous le plein soleil du midi
Âge, existence sans histoire
Perdue dans les tenèbres de la mémoire

Que tu aies tout ce qu'il te faut
Pour accomplir aussitôt ce voeu, ô mon cher:
Laisser fleurir l'homme impair
Sans perdre jamais cet air de gosse
Et de père.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Até quem não entendia uma palavra de francês aplaudiu com genuína admiração, e Renée teve dificuldades em convencer os membros do coro do 'mais um' de que não declamaria mais nada simplesmente porque não tinha mais voz. Donato teve trabalho para aproximar-se e beijá-la em agradecimento pelo poema, tamanha a afluência de gente em torno dela querendo saber mais detalhes sobre aquela atividade poética até então oculta do público.

<Minouche, como você conseguiu esconder isso tudo de mim?>

<Algum dia te conto a mágica. Hoje não, hoje é festa.>

<Mas...>

O incipiente protesto de Donato foi devidamente silenciado com um beijo. O juiz, galanteador emérito, também não deixou por menos e depois de beijar-lhe a mão, sapecou:

"Quando ela fala, o Eco se esquece de responder."

"Iiihhh", protestou o Gino. "Lá vem o poeta togado..."

O sonoro latido de Kim provocou uma gargalhada geral.

"Está vendo, Justino? Até a cachorra sabe disso..."

Mas o juiz não se deu por achado. Com a memória aguçada pelo uísque, resolveu aproveitar a oportunidade para declamar um 'de sua lavra' e lascou, ignorando veementemente os protestos dos outros

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

bêbados, um de seus famosos discursos:

"Eu não sou, nem nunca me considerei, um poeta. Por isso, espero merecer uma sorte melhor do que a do pobre Cinna, aquele personagem de Shakespeare que, supomos, foi esquartejado justamente por ser um poeta. Como sabem, depois do assassinato de César as portas de Roma foram fechadas e patrulhas davam busca aos conspiradores; entre eles havia um chamado Cinna, homônimo do poeta. Mas quis o bardo que fosse este, e não o verdadeiro criminoso, a sofrer as tristes consequências da ira da plebe. Barrado no portão, foi confundido com o verdadeiro conspirador pela multidão, que clamava:

Seu nome verdadeiro, senhor.

Meu verdadeiro nome é Cinna.

Esquartejai-o; ele é um conspirador.

Ao que o pobre coitado replicou, assustadíssimo:

Eu sou Cinna o poeta, o poeta! "

Aqui o juiz fez uma pausa dramática, para avaliar o impacto de sua narrativa sobre a audiência. Satisfeito com o resultado, prosseguiu:

"E então a plebe, sedenta de sangue — e quem sabe, de justiça poética — exigiu:

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Então esquartejai-o pelos seus maus versos.”

Nova pausa, desta vez em um tom mais sério.

“Peço portanto a clemência de vocês para com estes versos meus, que um dia escrevi em memória de minha falecida esposa:

O brado “Esquartejai-o!” do Gino passou sem ser notado.

RENOVATION

There’s a feeling all around –
It’s in the air!
That bounds a spell to be uncast
Threading life back into its path.

Thou shall never, never forget
The long years of unrest
When the weight of darkness overwhelmed
And lightheartedness seemed but a dream.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

But now with this feeling,
With such inspiration,
Under such command,
One must resume renovation

Pursuing hapiness as a bell's sound
Carried by Sunday morning's air
Calls the steps of the faithful
Until they reach holy ground.

O Gino não perdoou a insistência do juiz e arrematou, imitando o seu tom solene ao elogiar Renée:

"Quando ele fala, eu até deixo de beber."

A festa foi calorosa, mas depois que tudo acabou — o que só aconteceu no dia seguinte depois que os últimos visitantes se retiraram, devidamente reanimados por um banho de mar e pelo café da manhã que Minervina fez questão de preparar — a família sentiu-se mais aliviada, especialmente as crianças: Kim, que havia ficado o tempo todo tomando conta da futura mamãe, e o bebê, que não estava acostumado com aquele tipo de reunião noturna, barulhenta e

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

repleta de vibrações diferentes, algumas bastante incômodas. Donato passou o resto da manhã arrumando a bagunça, catando coisas, ensacando todo o lixo, que por fim levou para o local apropriado. Em seguida foi refrescar-se com um mergulho. Quando chegou de volta Renée estava deitada no sofá, morrendo de calor e de incômodo com aquele barrigão de quase sete meses, mas com uma carinha de marota que de imediato ele não conseguiu decifrar.

"Que houve? Aconteceu alguma coisa?"

Ela sorriu , maliciosa, levantando as sobrancelhas.

"Tenho uma surpresa para você."

"Outra?"

"Adivinhe..."

Donato tentou descobrir o que era entrando em sua mente, mas ela se fechou para ele.

<Você está de malandragem comigo...>

<Não adianta reclamar nem tentar me sondar, vai ter que se virar sozinho. Só posso dizer que está lá embaixo no quarto.>

<E você não vai descer comigo para me mostrar o que é?>

<Não, querido. Seu filho hoje está acabando comigo. Acho que em represália pelos excessos de ontem. Fico por aqui mesmo.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Donato desceu e encontrou em cima do móvel um enorme coral, todo branco, de formato arredondado. Era o presente dela, que sabia que ele há tempos mergulhava com os golfinhos à procura de um.

<Sua doida, como foi que conseguiu?>

<Simples. Usei minha influência.>

<?>

<Bastou fazer o pedido certo à pessoa certa.>

<Sabe o que estou com vontade de fazer com uma linda mulher grávida como você?> Renée sorriu, adivinhando-lhe as intenções.

<Pois então aproveite, pois não é sempre que fico grávida.>

"O que você acha, Kim? É ou não é maluca essa mulher que fui arrumar?" Deitada em seu canto, ela apenas bocejou.

"Traidora. Só porque também é mulher fica sempre do lado dela."

Com um ar entediado, ela suspirou fundo e fechou os olhos, apoiando a cabeça sobre as patas em sua tradicional posição de dormir. Renée também não estava disposta a se levantar da rede por motivo algum.

"Bom, vocês duas podem ficar aí dormindo, mas eu sou um pobre mortal e portanto tenho fome."

"Pobrezinho... magro como um carneiro depois da tosquia."

"Enquanto você fica aí sorrindo e lambendo os beiços com esse ar

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

de canário que comeu o gato, é bom se lembrar do grande Machado de Assis, que afirmava que a principal função da mulher é a de rejuvenescer o homem."

<Olhe aqui o resultado dessa terapia de rejuvenescimento: o legado de nossa fortuna>, disse ela passando a mão na barriga. E depois, mudando de tom:

<Sabe que desde ontem à noite eu estava querendo você?>

<Eu percebi. Foi por causa da namorada do maestro. Não me olhe assim. Não tenho culpa se ela também queria fazer terapia de rejuvenescimento comigo.>

Renée não respondeu com palavras. Seu olhar de criança levada apanhada em flagrante bastou.

<Sabe que você fica ainda mais linda quando está com ciúme?>

Ela puxou o marido para si e o beijou:

<Fora daqui, seu delinqüente.>

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

No início do nono mês os dois já não dormiam. Nem Donato nem Kim conseguiam ter mais do que uma hora de sono por dia, já que ambos se revezavam na vigília. Assim como no começo da gravidez, quando Renée passava bem enquanto os dois enjoavam, no final ela e o bebê dormiam otimamente enquanto o pai e a tia — Kim já era considerada como tal — perdiam o sono, vivendo aos sobressaltos. Sob o olhar atento de Kim Donato se encarregava de tudo, desde a alimentação até a verificação diária da temperatura de mãe e filho. A logística daquilo que foi batizado por Gino de 'operazione bambino' estava praticamente completa: uma lavadora foi instalada na área de serviço para dar conta das fraldas; uma grande cesta de vime transformada em berço foi colocada ao lado da cama do casal e um razoável estoque de apetrechos indispensáveis à chegada do novo membro da família havia sido providenciado.

Muitas destas coisas foram presentes: a máquina de lavar foi dada pelo Gino; o maestro fez questão de gravar a obra de Mozart e a mãe de Donato, uma verdadeira artista com as agulhas de tricô e crochê, contribuiu com as roupas. Isento de todas essas preocupações, o bebê crescia saudável, dando a cada dia mostras de que viria com prazer ao mundo, pois seu paradisíaco habitat maternal tornava-se mais e

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

mais apertado. Tudo corria bem, e tanto entre a família quanto entre os amigos o clima era de tranquilidade. Os únicos que pareciam angustiados eram o pai e a tia.

Renée achava tudo aquilo muito cômico. Caçoava da preocupação de ambos, excessiva segundo ela, instava-os a dormir e protelava a cada dia a ida para a cidade. Preferia nadar. Fingia a duras custas concordar com o marido sobre a necessidade de ter o bebê num hospital, mas intimamente sabia que isso nunca aconteceria. Alguma coisa que ela nunca soube explicar exatamente fazia com que tivesse a certeza intuitiva de que não haveria necessidade de sair dali — aliás, muito pelo contrário: era absolutamente necessário permanecer ali, na beira-mar, rodeada do amor e dos cuidados de Kim e Donato.

Foi durante uma madrugada extremamente luminosa, com a lua cheia clareando todos os contornos de modo que podia distinguir-se até mesmo a linha divisória entre as estrelas e o mar e com os vaga-lumes traçando calmamente seus fios de luz pelo ar carregado do formoso perfume das plantas, que Renée percebeu que seu filho finalmente respondera a seu pedido, alinhando-se de cabeça para baixo. Fazia já alguns dias que ela vinha preparando-o para o momento final, conversando muito e procurando ensinar-lhe como agir durante

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

o doloroso processo do parto. Seus momentos de maior tranqüilidade deviam-se a esse trabalho pedagógico com o bebê, que recebia diariamente uma revisão geral do delicado trabalho de vir ao mundo. Cansada da posição sentada, ao levantar-se do sofá para se distender um pouco ela percebeu o encaixe.

O processo da natureza não tardou a revelar sua continuidade. Renée logo começou a sentir as contrações se repetindo a intervalos que diminuíam rapidamente de duração. Observou seus dois companheiros para ver se tinham percebido algo. Kim, como sempre, dormia a seus pés e Donato acabara de ser derrubado pelo sono depois de passar sua enésima noite em claro. Decidida a vencer as etapas finais da corrida pela vida realizando um *sprint*, em silêncio ela caminhou até a despensa, pegou alguns panos limpos, juntou algumas ataduras e antissépticos, forrou devidamente uma cesta com fraldas e sem pressa nenhuma desceu para a praia, buscando sentir com mais cuidado as contrações, medindo-lhes o intervalo e concentrando-se no que estava por acontecer.

Os primeiros tons de rosa já coloriam o manto estrelado e o mar parecia estar pronto para recebê-los. Mal se ouvia sua movimentação, tão calmo estava. Renée respirou fundo ao ajoelhar-se na areia mo-

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

lhada, procurando entrar em sintonia com as forças da natureza que a partir de então passariam a comandar a seqüência dos acontecimentos, pedido sua proteção para ela e a criança. Concentrada no bebê, ela não se deu conta de que pouco acima do horizonte, em direção ao noroeste, a constelação da Lira surgia no céu entre Hércules e o Cisne, com Vega e Deneb forman do um par de faróis cuja luz recaía sobre seus ombros como um manto sagrado. Em seguida às preces ela enrolou algumas fraldas no pescoço, tirou o roupão e entrou na água até a altura dos joelhos. Ficou surpresa ao notar que ela estava morna, fato pouco comum àquela hora da madrugada.

Então lentamente, com muito carinho, passando a mão sobre a barriga no sentido de cima para baixo, começou a falar com a criança, ajudando-a a sair, convidando-a para vir conhecer o ritmo do mar, a música do vento e o calor do sol. Aos poucos pôde senti-la vindo, e na medida em que percebia sua movimentação concentrava-se cada vez mais na comunicação com ela, estimulando sua descida. Renée não tardou a perceber que não estava só: os golfinhos nadavam ao seu redor, tão próximos dela quanto a profundidade da água o permitia, e enviavam uma agradável sucessão de ondas, emanações mentais que a ajudavam a relaxar e a concentrar-se com mais firmeza no trabalho

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

de parto. Logo depois, numa contração mais aguda, a bolsa se rompeu e o líquido começou a escorrer pelas suas pernas, tornando irreversível o processo. Corajosa mas apavorada com a possibilidade de algo sair errado e o bebê ser prejudicado, ela caiu de joelhos na areia e com a água pela cintura entregou seu destino e o da criança nas mãos da divindade.

Molhada de suor, Renée banhava-se com a água salgada, sentindo a areia contra seus joelhos e num fluxo cada vez mais intenso de comunicação mental pedia a seu filho para não demorar muito, empurrando-o com cada vez mais força para fora, para baixo, cada vez mais forte, respirando cada vez mais rápido, e ao mesmo tempo rezando, pedindo, implorando para que tudo corresse bem e que a criança pudesse encontrar seu caminho em direção à luz da vida. O garoto parecia responder bem aos estímulos da mãe. Renée sentia o coraçãozinho dele batendo mais rápido também, junto com o seu, que disparava para manter a pressão sanguínea e o ritmo do trabalho muscular, a respiração ofegante, tudo concorrendo para que a alternância entre contração e dilatação fosse suficientemente rápida e firme para impulsionar a criança para fora.

A luta pela vida durou uma eternidade de cerca de meia hora,

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

quando ela por fim sentiu a cabeça do bebê começando a passar pelo canal. Estava arrependidíssima por não ter acordado Donato. Começou a pedir-lhes socorro com todas as forças mentais que lhe restavam, o que não era grande coisa devido tanto ao enorme esforço físico que exercia para libertar a criança quanto à carga de concentração mental que dispendia para manter o bebê em sintonia com ela naquele momento vital. Felizmente Kim, que tinha o sono mais leve, percebeu seu chamado e constatando sua ausência, chegou até a água para averiguar o que acontecia.

<Vá chamar Donato, depressa!>

Renée já perdera a noção do tempo, e outra eternidade se passou até que eles chegassem. Apesar disso a situação não progredira muito: ela percebia que a cabecinha ainda estava quase no mesmo lugar. Donato revelou-se excelente parteiro: sem dizer uma só palavra de reprovação pôs-se a puxar o bebê, meio desajeitado a princípio mas com firmeza e cuidado. Incentivando mãe e filho com palavras de carinho e ânimo, depois de mais uma eternidade os ombros passaram, primeiro um depois o outro, e então, numa arrancada final lá estava ele, inteiro nas mãos do pai. Kim servia de apoio para Renée, que quase desfalecera mas logo voltava a si, sorrindo ao ver o filho ainda

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

ligado a ela, seguro por Donato sobre a superfície da água, sendo banhado com aquele elemento mágico que durante toda a sua gestação provara ter o poder de exercer um efeito especial sobre a criança. Renée havia dado seu filho não apenas à luz, mas também à água.

Tranqüilo, sem chorar, transitando entre dois universos, ele permitia que Donato o lavasse com a água morna da madrugada e aquele estímulo exterior contrastava com o elo que ainda o mantinha ligado à mãe. Massageando-lhe delicadamente o corpo, Donato ia retirando a substância esbranquiçada que servia de proteção intra-uterina da pele e verificava se tudo estava em ordem, se os canais respiratórios estavam desobstruídos e se os pequeninos pés e mãos estavam com o número correto de dedinhos. Ainda nas mãos do pai o pequeno liberou o conteúdo do intestino, uma massa preta, produto de nove meses de alimentação intravenosa e deglutição de líquido amniótico, que Donato apressou-se em lavar. Renée reclinou-se de costas sobre a areia e colocou o bebê sobre ela. Aninhado em seu seio, a pequena criatura tateava a pele da mãe, sentindo-lhe o calor do corpo ainda molhado de suor e água salgada, até que lentamente, sem traumas, orientado pela frequência cardíaca de Renée e seguindo suas instruções mentais, o bebê começou a respirar com regularidade.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Então Donato abandonou o recém-nascido no seio da mãe e pôs-se a cuidar de Renée. Puxou para fora a placenta, a princípio um pouco impressionado pela hemorragia, mas logo tranqüilizado ao verificar que ela diminuía rapidamente. Não havia nenhuma laceração visível, e a água do mar agia como um bálsamo sobre a região genital de Renée, que logo mostrou-se bastante aliviada. Com a criança definitivamente separada da mãe, respirando e demonstrando todos os sinais de bem-estar, Donato atou o cordão umbilical com um nó feito o mais próximo possível da barriguinha e então partiu sua última ligação material com a ela, oferecendo cordão e placenta ao mar com uma prece de agradecimento. Uma das fêmeas da família dos golfinhos encarregou-se de levá-los até as profundezas, evitando que servissem de alimento aos outros peixes.

Depois do trabalho, o prazer. Deitado junto a eles, Donato começou a brincar com o nenê, tentando ensinar-lhe onde era o restaurante. Renée ria, dizendo que ainda não era hora de mamar. Kim de repente saía em disparada pela areia, correndo em círculos, latindo e festejando a chegada do filhote. Os golfinhos, que a tudo assistiram de longe, festejavam com piruetas num mar praticamente sem ondas e suas risadas pareciam não ter mais fim. Na floresta a algazarra de

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

seus habitantes só não era ensurdecedora devido à distância. A natureza inteira parecia comemorar a chegada do pequeno. Estimuladas pela claridade do dia, praticamente todas as árvores lançavam no ar um perfume destinado a incensar as almas e corações da família inteira. O sentimento de uma imensa gratidão a todas a forças da natureza invadiu os corações dos pais. Ficaram ali os quatro durante um bom tempo, deitados na beira-mar, brincando, rindo de felicidade e agradecendo aos céus por tudo ter corrido bem.

Depois da farra Donato embrulhou o garoto — sim, era um menino — num pacotinho de fraldas, colocou-o na cesta e com as mãos livres ajudou Renée a se levantar.

"Estou muito orgulhoso de você, sua maluca. Isso que você fez foi a loucura mais incrível que já vi."

Renée sorria, quase sem forças para falar, abraçada ao marido enquanto caminhava lentamente de volta para casa.

<Por que demorou tanto?>

<Eu sonhava que você estava aqui na praia dando à luz quando a Kim me chamou.>

<Continua sonhador...>

<Desde que sonhe com vocês, não tenho do que me queixar.>

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

<Parabéns, papai.>

“Auf!”

<E para você também, titia!>

Logo mãe e filho estavam instalados e bem aquecidos na cama. Pouco depois do banho, o leite de Renée começou a fluir e o pequeno não se fez de rogado. Mamou e dormiu com um sorriso de satisfação. Felicíssima mas também faminta e exausta, Renée tomou um café da manhã que mais parecia um almoço e adormeceu antes de chegar na sobremesa.

O pai, parteiro, cozinheiro e ‘arrumadeiro’ geral, só descansou depois que ambas dormiram, mas não voltou para a cama. Ao invés, desceu à praia e elevou seu pensamento às alturas para agradecer por tudo o que haviam recebido, pela criança ter podido nascer bem e sem complicações apesar da precariedade das condicões e da falta de conhecimento e experiência de ambos. Afinal, se algo desse errado a vida do bebê poderia ter estado em risco.

Donato concluiu que o menino era um presente dos céus que ele e Renée haviam recebido, uma prova inequívoca do incomensurável amor divino, e ajoelhado na areia, chorou como uma criança.

****

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Pouco depois do parto Donato telefonou para o juiz, que ao saber das novas abalou-se para a praia acompanhado do Dr. Sabóia, um velho amigo seu especializado em pediatria que Justino convocara às pressas para examinar mãe e filho. O diagnóstico foi um alívio para todos: ambos não poderiam estar em melhores condições de saúde. No entanto o médico prescreveu os cuidados de praxe, instruiu-os quanto à queda da parte do cordão umbilical ainda remanescente e, depois de ouvir do pai da criança a narrativa completa dos procedimentos executados durante o trabalho de parto, cumprimentou Donato de forma especial por sua atuação irrepreensível como parteiro.

"Eu mesmo não teria feito melhor!" exclamou o juiz imitando o jeito do amigo médico.

"Tem gente que quando bebe fica engraçadinho."

"Mas essa é uma ocasião, Sabóia! Afinal de contas, não é todo dia que uma coisa assim acontece."

"Pare com isso, Justino... Crianças nascem todos os dias em todos os lugares do mundo. Além disso, todos sabem que você desmaia quando vê sangue."

"Ainda bem que é só com sangue, doutor. Já pensou de fosse também com uísque?" interveio Donato, levando a coisa para a pilhéria.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"Não sei como agüento esse sujeito, Donato! exclamou o juiz reabastecendo o copo de gelo e bebida. Vinte e três anos de amolação. Isso é pior que casar com mulher feia."

"Pelo visto quem vai ter que dirigir na volta sou eu."

"Nada disso, doutor. O senhor e o juiz são nossos convidados para o fim de semana."

"Infelizmente não posso, dona Renée. Gostaria muito de ficar e agradeço imensamente o convite, mas tenho de voltar o quanto antes. A senhora sabe, as minhas crianças..."

"As crianças dele são maiores do que eu e o Donato juntos. O mais novo tem vinte anos."

"Fique, doutor..."

"Você tem que se lembrar que as suas 'crianças' estão em condições muito mais seguras do que o nosso recém-nascido aqui, Sabóia. E se você continuar insistindo em recusar o convite de Renée, usarei de minhas prerrogativas jurídicas para condená-lo por negligência médica, está me entendendo?

"Bem, levando em consideração o seu isolamento e a dificuldade de obter atendimento aqui em caso de necessidade, acho que nesse caso posso abrir uma exceção."

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

O charme de Renée e o apelo da bebedeira, nas palavras do juiz em 'justa comemoração,' fizeram com que Sabóia se unisse a Justino e Donato. Telefonou cancelando os compromissos e passaram a madrugada bebendo e amolando a paciência de Kim, que só teve sossego ao clarear o dia quando os três, cambaleando, foram curar a ressaca na água do mar.

"Conte de novo como foi que você tirou o menino, Donato."

"Foi assim, ó..." e repetiu o gesto, quase caindo na areia.

"Quer dizer então, doutor, que o senhor realmente achou meu menino saudável?"

"Sem dúvida. Um belíssimo exemplar."

"O senhor não está me enganando só porque sou o pai, não é?"

"Donato, o Sabóia só fala a verdade."

"Quer dizer então que posso mesmo ficar sossegado?"

"Pelo contrário, meu caro, pelo contrário. Como é que se pode confiar em alguém que só diz a verdade?"

Donato parou de repente, segurando Justino pelo braço. Quase cairam os dois na areia.

"Peraí, Justino. Explica isso de novo que eu não entendi."

O juiz olhou-o sério, bem nos olhos, e tirou a camisa. Mal se agüentavam em pé.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

"O último que chegar na água é uma tartaruga paralítica!"

Na água, já um pouco mais sóbrios, o médico levantou uma questão importante.

"Que nome vocês vão dar à criança, Donato?"

"Nós escolhemos Noel, Dr. Sabóia."

"Eu gosto," disse o juiz.

"Pois então viva o Noel!" disse Sabóia, esparramando água para cima como uma criança.

"Viva!"

"Viva os médicos!"

"Viva!"

"Viva os juízes!"

"Viva!"

"Viva todo mundo!"

O afluxo de visitas no primeiro mês foi grande. Todos queriam ver o prodígio que nascera como um índio, sem nenhuma assistência médica, e louvar a sorte e a ousadia dos pais. Renée e Donato os recebiam com alegria e orgulho, mas buscavam uma maneira de, delicadamente mas com firmeza, desencorajá-los a retornar com frequência. O que não era uma tarefa muito simples de se realizar

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

sem causar mágoas, especialmente nos parentes mais próximos. Mas o fato é que tanto eles quanto o bebê precisavam de sossego, e acabaram decidindo-se pela utilização do método de sugestão aplicado com sucesso em Agostinho: cada visita que recebiam os deixava com a sugestão, devidamente implantada em suas mentes, de telefonar sempre que quisessem saber notícias e de abster-se de comparecer pessoalmente a menos que fosse convidada.

Depois disso o ritmo de vida da família se regularizou. Todas as manhãs, logo ao nascer do sol, Donato e Renée levavam o pequeno Noel para tomar banho no mar. Os golfinhos muitas vezes participavam da festa que já estava assumindo ares de ritual, de tanto que o bebê gostava. Sua alegria era tão grande ao chapinhar, batendo os pézinhos e mãozinhas naquela mesma água onde nascera, sua risada tão gostosa que os pais sentiam-se quase culpados por serem obrigados a retirá-lo do mar. Um dia uma onda levou-o das mãos de Renée e lá foi ele — mergulhando e nadando como se nunca tivesse feito outra coisa na vida — parar no focinho de Kim, que acompanhava atentamente os acontecimentos e conseguiu segurá-lo sem que sofresse um arranhão sequer. Quando Renée, quase morta de susto, o recuperou nos braços o arteiro estava rindo de prazer. Queria mais.

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

Os filhotes dos golfinhos, que por serem pequenos conseguiam chegar até a parte mais rasa, também entravam na brincadeira e a farra era geral. Donato teve a idéia de comprar uma bola colorida que fez sucesso imediato e em pouco tempo ficou instituído o banho matinal do bebê em companhia de Kim, dos golfinhos e dos brinquedos. Quando completou um mês de idade Noelzinho já nadava, mergulhava e se Renée deixasse os golfinhos filhotes o levariam a passear pelo mar afora. Mas a mãe e a tia — especialmente a tia — rosnavam ante essas e outras traquinagens. Kim via com uma certa suspeita essa liberalidade toda com os golfinhos, certamente mais por ciúmes do que por prudência. Mas no fundo sabia que ali no mar o território era deles e se conformava — mal, mas se conformava — apenas em participar de longe da brincadeira.

Depois da festa do banho Donato costumava pôr sua máscara de mergulho e armado de uma fisga, sair com os golfinhos adultos para pescar. De carona em suas barbatanas dorsais ele percorria os rochedos da costa à procura de lagostas, que a cada dia ficavam mais raras. Mas quase sempre trazia alguma coisa, um polvo ou mesmo um simples peixe. Renée certa vez se assustou quando a pescaria resultou num caçonete martelo, ainda pequeno mas com uma dentição bastante

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

razoável, atordoado a golpes de bico pelos golfinhos e fisgado pelo arpão de Donato. Durante algum tempo ela advertiu seriamente não apenas o marido, mas principalmente os golfinhos sobre o perigo ao qual Donato se expunha ao lidar com criaturas perigosas como tubarões, arraias, etc. De uma maneira curiosa, revelando um certo *esprit de corps*, seu apelo teve mais repercussão entre as fêmeas — que por sua vez encarregaram-se de vigiar os excessos de seus companheiros quando em companhia de Donato.

Apesar dos protestos e das repetidas acusações de motim femi-nista, os homens tiveram de se conformar.

"Como se não bastasse estar casado com uma feminista que espalha boatos sensacionalistas até mesmo entre os animais, ainda por cima tenho de assistir calado à diminuição no meu papel de macho e provedor dos celeiros da família, compactuando com essa boataria toda. É o fim!"

Renée ouvia com um sorriso tranqüilo e vitorioso o esbravejar do marido, o que o deixava ainda mais irritado.

"A que ponto chegamos!... Milênios e milênios de dominação dos homens sobre as mulheres, e logo agora, quando chega a minha vez..."

"Pobrezinho dele... Está com ciúmes. Mamãe não tem dado muita

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™

atenção a ele ultimamente por causa do bebê, não é mesmo? Venha cá, meu querido, venha... sente-se aqui que mamãe vai lhe fazer um cafuné bem gostoso..."

"Cafuné uma ova. Vou pescar moréias para ver se você não me perturba mais com essas bobagens."

"Querido, Noelzinho já tem um número suficiente de bichinhos de estimação. Se quer fazer alguma coisa útil, traga-me a pele de um bom tubarão, uma tintureira ou algo assim. Estou precisando de uma lixa de unhas nova mesmo..."

<Eu também te amo, querida.>

****

Final da Parte I

© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.
ISBN 1-55226-089-5
TARA PUBLICATIONS™